

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS.

CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS.

Programa de Pós Graduação em Educação Especial.



FORMAÇÃO DE TERAPEUTAS OCUPACIONAIS EM CONSULTORIA COLABORATIVA NA ESCOLA: AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA ON LINE.

Caroline Penteadó de Assis

Financiamento: CAPES

São Carlos

2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO
CARLOS.**

CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS.

Programa de Pós Graduação em Educação Especial.

**FORMAÇÃO DE TERAPEUTAS OCUPACIONAIS EM CONSULTORIA
COLABORATIVA NA ESCOLA: AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA ON LINE.**

Caroline Penteado de Assis.

Tese apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Educação Especial
da Universidade Federal de São Carlos,
como parte dos requisitos do exame de
defesa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Claudia Maria Simões Martinez

Coorientadora: Prof.^a Dra. Enicéia Gonçalves Mendes

São Carlos

2013

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

A848ft

Assis, Caroline Penteado de.

Formação de terapeutas ocupacionais em consultoria colaborativa na escola : avaliação de um programa on line / Caroline Penteado de Assis. -- São Carlos : UFSCar, 2013. 168 f.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2013.

1. Educação especial. 2. Consultoria colaborativa. 3. Terapeutas. 4. Terapeuta ocupacional - atuação profissional. I. Título.

CDD: 371.9 (20^a)



Banca Examinadora de Defesa de Tese de **Caroline Penteado de Assis.**


Profa. Dra. Claudia Maria Simões Martinez
(UFSCar)

Ass. 

Profa. Dra. Maria Amelia Almeida
(UFSCar)

Ass. 

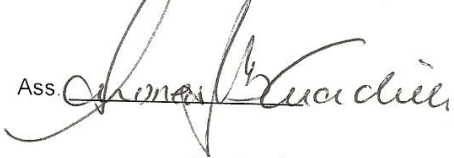
Profa. Dra. Enicéia Gonçalves Mendes
(UFSCar)

Ass. 


Profa. Dra. Patricia Carla de Souza Della Barba
(UFSCar)

Ass. 

Profa. Dra. Andréa Rizzo dos Santos Boettger
(UNESP/Marília)

Ass. 

Profa. Dra. Maria Paula Panúncio Pinto -USP/Ribeirão Preto

Ass. 

*Dedico este trabalho aos meus pais e ao Matheus
fortes incentivadores nessa longa caminhada.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente aos meus pais pelo apoio oferecido durante toda minha formação.

Agradeço a professora Cláudia e Enicéia pelos ensinamentos e encantamento pela área da Educação Especial e Terapia Ocupacional. Ainda meu muito obrigado pela disponibilidade, atenção dispensada, paciência, dedicação e profissionalismo.

Aos terapeutas ocupacionais por toda disponibilidade, investimento e dedicação durante a pesquisa.

Ao Matheus meu parceiro querido que sempre permaneceu ao meu lado, ensinando-me, apoiando-me, amando-me incondicionalmente.

A minha irmã, sogra e sogro pelo carinho imenso e por torcerem e vibrarem comigo cada conquista.

Aos meus colegas de grupo de pesquisa obrigada por todas as contribuições em meu estudo, pois juntos vamos mais longe.

Aos meus amigos pelo imenso carinho e porto seguro. Especialmente a Iasmin pela amizade verdadeira e as longas discussões e contribuições desde a época do mestrado.

As professoras Ana Cláudia Bredariol, Maria Paula Panúncio Pinto, Aline Reali, e Patrícia Della Barba pelas contribuições nos momentos de qualificação e defesa da tese.

Por fim agradeço a CAPES (março 2010 à julho 2012) pelo apoio financeiro para realização da pesquisa.

RESUMO

Palavras-chave- Educação on line, Consultoria Colaborativa, Inclusão Escolar, Terapia Ocupacional.

A consultoria colaborativa em Terapia Ocupacional tem sido considerada uma das mais promissoras práticas emergentes no campo na área educacional apoiada pelas políticas públicas internacionais. No entanto alcançar a verdadeira prática da colaboração ainda é considerado um desafio a ser conquistado, e nesse contexto destaca-se a necessidade de desenvolvimento profissional dos profissionais que atuam na área escolar. Assim o objetivo desta pesquisa consistiu em desenvolver, implementar e avaliar um programa de ensino on-line em consultoria colaborativa na escola para terapeutas ocupacionais. Participaram da pesquisa sete terapeutas ocupacionais e seis professores de estudantes que fazem parte do público alvo da Educação Especial. A plataforma moodle foi o ambiente virtual de aprendizagem destinado à realização do estudo. Utilizou-se a pesquisa ação como delineamento metodológico. Foram construídos vários instrumentos de coleta dados especificamente para o estudo, dentre eles: estudos de caso; diários de campo; relatórios sobre a prática; roteiros para realização do grupo focal; e protocolo de avaliação do programa. Como instrumento padronizado utilizou-se apenas a Medida Canadense de Desempenho Ocupacional. O estudo foi desenvolvido em três etapas, a saber: desenvolvimento, implementação e avaliação do programa. Fundamentou-se a elaboração do programa nos pressupostos do pragmatismo Deweyano e na aprendizagem colaborativa. O programa desenvolvido, aqui intitulado “COLABORA” foi composto por uma parte teórica e outra prática na qual os terapeutas ocupacionais deveriam realizar uma experiência concreta de consultoria colaborativa. Os dados foram analisados qualitativamente a partir de categorias temáticas. Os resultados apresentaram o desempenho dos terapeutas ocupacionais (antes, durante e após o programa), o repertório de conhecimentos construídos pelos terapeutas ocupacionais e o processo de aprendizagem on line. Verificou-se que o COLABORA produziu modificações importantes tanto no discurso quanto na prática realizada pelos terapeutas ocupacionais no contexto escolar. Vale ressaltar que em três parcerias colaborativas realizadas foi possível identificar impacto positivo no desempenho dos alunos a partir da parceria dos profissionais com o professor. No processo de aprendizagem on line as estratégias fundamentais para os resultados foram a aprendizagem colaborativa a partir das ferramentas de discussão coletiva e os estudos de caso que promoveram a associação de conceitos teórico práticos. A consultoria colaborativa favoreceu a formação em serviço dos profissionais da escola promovendo tanto o empoderamento dos profissionais quanto a escolarização de estudantes alvo da Educação Especial nas classes comuns do ensino regular.

ABSTRACT

Keywords: Online education, collaborative consulting, school inclusion, occupational therapy.

The collaborative consultation in Occupational Therapy has been considered one of the most promising emerging practices in the field in education supported by international public policy. However achieving true practice of collaboration is still considered a challenge to be conquered, and in this context there is the need for continuing education of professionals working in the school area. Thus the aim of this research was to evaluate an on line collaborative consultation program in school for occupational therapists. Participants were seven occupational therapists and six teachers of students who are part of the target audience of Special Education. The Moodle platform was the virtual learning environment for the study. We used action research as a methodological design. We constructed several instruments to collect data specifically for the study, including: case studies, field diaries, reports on the practice; scripts for the focus groups, and program evaluation protocol. How standardized instrument was used only Canadian Occupational Performance Measure. The study was conducted in three stages, namely: development, implementation and evaluation. It was based program development in assumptions Deweyan pragmatism and collaborative learning. The program developed here titled "COLABORA" was composed of a theoretical part and a practical in which participants had to perform a concrete experience of collaborative consultation. Data were analyzed qualitatively from thematic categories. The results showed participants' performance (before, during and after the program), the repertoire of knowledge built by the participants and the process of learning online. It was found that the COLABORA produced important changes both in discourse and in practice performed by occupational therapists in the school context. It is noteworthy that in three collaborative partnerships was conducted to identify possible positive impact on student performance from the partnership of professionals with the teacher. In the process of online learning strategies were fundamental to collaborative learning results from the tools of collective discussion and case studies that promoted the association of theoretical practical concepts. The collaborative consultation favored the in-service training of school professionals promoting both the empowerment of professionals as the target enrollment of students in Special Education classes of regular schools.

SUMÁRIO.

APRESENTAÇÃO.....	01
1.0-INTRODUÇÃO.....	04
1.1-Novas perspectivas de atuação dos terapeutas ocupacionais e o modelo de consultoria colaborativa.....	04
1.2-Consultoria colaborativa no contexto escolar e atuação dos terapeutas ocupacionais.....	13
1.3-Uma discussão sobre a formação do terapeutas ocupacionais na área educacional.....	19
1.4-A desenvolvimento profissional de terapeutas ocupacionais a partir da educação on-line: a importância da plataforma moodle.....	25
1.5-OBJETIVOS.....	32
2.0-METODOLOGIA.....	33
2.1-Delineamento metodológico.....	33
2.2- Local.....	33
2.3 -Seleção de Terapeutas ocupacionais.....	33
2.4-Terapeutas ocupacionais.....	34
2.5- Materiais e Equipamentos.....	35
2.6-Instrumentos de coleta de dados.....	33
2.7- Procedimento de coleta de dados.....	43
2.8.- Procedimento de Análise de Dados.....	47
3.0- RESULTADOS.....	50
3.1- Compreensão do conceito teórico consultoria colaborativa antes do COLABORA TO.....	51
3.2- Análise do desempenho dos terapeutas ocupacionais durante o programa teórico.....	53
3.3- Discussão dos resultados relativos ao desempenho dos terapeutas ocupacionais durante a parte teórica do programa.....	46
3.4-Desenvolvimento das práticas de consultoria colaborativa no contexto escolar.....	51
3.5-Discussão sobre as práticas de consultoria colaborativa realizadas.....	54
3.6-Evolução do conceito teórico consultoria colaborativa depois do COLABORA TO.....	82
3.7-Comparação das atitudes dos terapeutas ocupacionais em consultoria colaborativa antes e após o colabora.....	87
3.8-Análise do processo de aprendizagem dos terapeutas ocupacionais do COLABORA TO.....	93
3.9-Discussão dos resultados referente à análise do processo de aprendizagem.....	102
3.10-Contribuições do COLABORA TO para os terapeutas ocupacionais: o grupo focal.....	139

4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
5.0-REFERÊNCIAS.....	149
6.0-APÊNDICES.....	159
7.0- ANEXOS.....	167

TABELAS.

Tabela 1-Significado de consultoria colaborativa para os terapeutas ocupacionais antes do início do COLABORA TO.....	51
Tabela 2-Novos papéis dos terapeutas ocupacionais diante da inclusão escolar.....	54
Tabela 3- Tipo de formação em consultoria colaborativa descrito pelos terapeutas ocupacionais.....	59
Tabela 4- Níveis de intervenção e modelo frequente em consultoria colaborativo utilizado pelos terapeutas ocupacionais.....	60
Tabela 5- Descrição dos papéis do consultor colaborativo pelos terapeutas ocupacionais.....	62
Tabela 6-Etapas da consultoria colaborativa segundo os terapeutas ocupacionais do COLABORA TO.....	66
Tabela 7-A caracterização das habilidades comunicativas interpessoais segundo a opinião dos terapeutas ocupacionais.....	69
Tabela 8- Caracterização dos terapeutas ocupacionais sobre os desafios vivenciados na consultoria colaborativa.....	73
Tabela 9- Práticas realizadas pelos terapeutas ocupacionais em consultoria colaborativa.....	87
Tabela 10-Significado de consultoria colaborativa para os terapeutas ocupacionais após o término do COLABORA TO.....	101
Tabela 11-Respostas de pré e pós-teste dos terapeutas ocupacionais da primeira edição do programa relativas ao melhor local para realizar as intervenções no estudo de caso.....	104
Tabela 12- Ações iniciais para o desenvolvimento da intervenção terapêutico ocupacional na escola.....	108
Tabela 13- O processo avaliativo na opinião dos terapeutas ocupacionais.....	111
Tabela 14- Opinião dos terapeutas ocupacionais sobre as etapas de intervenção a serem realizadas durante ações terapêuticas ocupacionais durante o pré e pós-teste.....	115
Tabela 15-Opinião dos terapeutas ocupacionais sobre a primeira edição do COLABORA TO.....	122

Tabela-16. Avaliação do curso pelos terapeutas ocupacionais do COLABORA TO quanto ao conteúdo, tempo e relevância do tema.....	127
Tabela-17. Dificuldades encontradas pelos Terapeutas Ocupacionais para participar do COLABORA TO.....	128
Tabela 18. Avaliação da dinâmica do programa e os materiais didáticos e os recursos utilizados.....	129
Tabela 19-Atuação do professor segundo a opinião dos terapeutas ocupacionais do COLABORA TO.....	131

QUADROS

Quadro 1- Caracterização dos Terapeutas Ocupacionais que participaram do COLABORA TO.....	36
Quadro 2- Caracterização das parcerias na escolas.....	37
Quadro 3- Estrutura do COLABORA TO	42
Quadro-4- Medidas utilizadas durante o pré-teste, intervenção e pós-teste.....	47
Quadro-5- Reflexões por meio de vivências pessoais dos terapeutas ocupacionais sobre a prática terapêutica ocupacional na área escolar e a postura colaborativa.....	79

FIGURAS.

Figura-1. Conhecimento prévio sobre consultoria colaborativa pelos os terapeutas ocupacionais.....	50
Figura-2. Figura 2 Mapa conceitual baseados nos conceitos de Kampwirth (2003) sobre as ações necessárias para o desenvolvimento da consultoria colaborativa no contexto escolar.....	92
Figura-3. Mapa conceitual das ações realizadas pelos Terapeutas Ocupacionais na consultoria colaborativa realizada no contexto escolar.....	95

APRESENTAÇÃO.

Sou graduada em Terapia Ocupacional e durante minha formação sensibilizei-me com a temática da inclusão escolar. Realizei projetos de iniciação científica para investigar esse fenômeno no município de Uberaba e a partir dessa experiência vários questionamentos surgiram principalmente aqueles relacionados à escolarização em classes comuns de escolas regulares dos estudantes com comprometimentos severos.

Após ingressar no mestrado no Programa de Pós Graduação em Educação Especial da UFSCar comecei a integrar com muita satisfação o grupo de pesquisa Promoção do Desenvolvimento Infantil no Contexto da Vida Familiar e da Escola sob orientação da professora Claudia Maria Simões Martinez. Nesse grupo me inseri na linha de pesquisa Tecnologia Assistiva, pois me interessava especificamente a utilização desses recursos na escolarização de estudantes com deficiência física. Assim o objetivo de minha dissertação foi o de descrever a utilização de recursos de Tecnologia Assistiva para favorecer a inclusão escolar de estudantes com sequelas de mielomeningocele.

Infelizmente constatei que a maioria dos professores desconhecia recursos que poderia auxiliar na escolarização desses estudantes. Ao final da dissertação elaborei um material instrucional para professores para que compreendessem como as sequelas decorrentes da mielomeningocele interferiam no processo de escolarização em classe comum desses estudantes. Ainda nesse material descrevi recursos e estratégias para promover a efetiva inclusão escolar desses estudantes e todos esses materiais foram entregues nas escolas que participaram dessa pesquisa.

Após finalizar a pesquisa do mestrado novamente me surgiram vários questionamentos:

- Qual seria a adesão dos professores às estratégias descritas?
- Será que realmente esse material seria utilizado pelos docentes?
- Qual a melhor forma de acessar a esses professores a fim de promover sua formação?

Nesse momento ingressei no doutorado com a proposta de realizar consultoria colaborativa na escola junto a professores de estudantes com deficiência física. Ao cursar a disciplina “Tópicos de Pesquisa em Educação Especial: Inclusão escolar e ensino colaborativo”, ministrado pelas professoras Enicéia Gonçalves Mendes e Maria Amélia Almeida, aprimorei meus conhecimentos sobre a colaboração. A prática exigida pela disciplina transformou meu modo de atuar no contexto escolar. Passei a perceber

que tive sucesso na minha parceria porque o modelo de consultoria colaborativa me auxiliou a ser percebida de outra forma na escola. Notei o quanto a colaboração poderia contribuir com a formação em serviço dos professores. No entanto seria necessário ter profissionais especialistas aptos para prestar serviços na proposta da consultoria colaborativa para fornecer suporte à inclusão escolar.

E foi essa experiência que me fez mudar o foco de meu projeto de doutorado, que inicialmente tinha como objetivo desenvolver e avaliar um programa de formação dirigido a de professores de alunos com deficiência física. O ingresso e participação no grupo de pesquisa GP-FOREESP Formação de Recursos Humanos e Ensino em Educação Especial da UFSCar, coordenado pela professora Enicéia Gonçalves Mendes, contribuiu para que pudesse transformar e modificar meu foco de pesquisa.

Compreendi o quanto a experiência da disciplina foi fundamental para aumentar meu repertório de conhecimento e praticamente minhas ações na escola. Dessa forma seria importante formar terapeutas ocupacionais para atuar nesse modelo no contexto escolar a fim de promover a formação em serviço dos profissionais da escola favorecendo sua autonomia e independência. Assim o foco investigativo seria sistematizar conhecimento de como promover a formação de terapeutas ocupacionais para prestar consultoria colaborativa na escola junto aos professores de estudantes com deficiências.

Após definir a temática do estudo levantei vários questionamentos sobre como selecionar terapeutas ocupacionais que já atuavam na área escolar para participar da pesquisa? Qual seria a disponibilidade desses profissionais para fazer uma formação, uma vez que eles já atuavam como profissionais? E como disseminar esse conhecimento a diferentes locais do país?

Foi assim que pensei nas possibilidades da educação on-line como uma forma de promover a desenvolvimento profissional desses profissionais. A experiência anterior na área como tutora de cursos de aperfeiçoamento oferecido pela Universidade Federal de São Carlos favoreceu o interesse por essa modalidade de ensino. Assim, o apoio dos dois grupos de pesquisa foi fundamental para que aprimorasse a minha questão do estudo.

Depois de definir esses aspectos investiguei as referências internacionais de consultoria colaborativa na área de Terapia Ocupacional e constatei que em geral, elas evidenciavam a importância de investir na formação dos profissionais da área, pois a verdadeira colaboração ainda é um desafio a ser conquistado.

E foi a partir da constatação da importância desse modo de prestação de serviços, tanto na minha prática profissional quanto na literatura científica de outros países, que edifiquei a tese de que os terapeutas ocupacionais podem contribuir mais para apoiar as práticas de inclusão escolar se sua atuação for baseada no modelo de consultoria colaborativa. O desafio se tornou, portanto construir evidências que apoiassem essa tese, considerando especificamente o contexto brasileiro. Assim defini como o objetivo do estudo desenvolver, elaborar, implementar e avaliar um programa em educação on-line a fim de ensinar terapeutas ocupacionais a atuar no modelo de consultoria colaborativa na área escolar.

Após realizar o estudo espero que assim como eu um dia me sensibilizei para importância da utilização do modelo de consultoria colaborativa escolar, os terapeutas ocupacionais do estudo também possam ter se tornado disseminadores desse modelo de prestação de serviços. Almejo que esse trabalho contribua para se pensar na política de formação de profissionais tendo em vista a inclusão escolar do público alvo da Educação Especial em nosso país.

1.0 INTRODUÇÃO

1.1 NOVAS PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO DOS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS E O MODELO DE CONSULTORIA COLABORATIVA

A escolarização do público alvo da Educação Especial nas classes comuns das escolas regulares tem sido considerada uma diretriz de interesse da política educacional brasileira. Diante desse cenário é possível observar uma transformação gradual no contexto educacional desses estudantes, no qual o chamado movimento de inclusão escolar começa a ganhar o seu espaço, intensificando a argumentação de que todos os estudantes independentes de suas necessidades e capacidades devem ser escolarizados na escola regular em uma mesma sala de aula.

Em um estudo de revisão de literatura Kassir et al (2006) descrevem que as pesquisas em educação especial apontam para a existência de uma série de falhas e dificuldades na maioria das propostas de inclusão escolar implementadas, dentre elas têm-se reiterado a persistência de problemas na formação dos professores, pois são exigidos novos conhecimentos para que eles possam escolarizar os estudantes público alvo da Educação Especial. (BUENO, 2001).

Zanata (2005) considera que na discussão sobre formação dos professores deve-se respeitar a liberdade de ação deste profissional e proporcionar diversidade nas formas de apoio para atender heterogeneidade que estes estudantes apresentam. A autora ainda afirma que as propostas de êxito na formação de professores são aquelas que os tornam autônomos e livres de forma a viabilizar seu processo reflexivo.

Roriz (2005) descreve que é neste cenário que os profissionais da área da saúde podem contribuir com seus conhecimentos e práticas específicas, e por meio de uma vivência interdisciplinar, possibilitar a formação dos professores. Estes profissionais podem se apresentar como mediadores importantes para as práticas de inclusão escolar, atuando como interlocutores entre a família e a comunidade apontando os limites e identificando as possibilidades das pessoas com deficiências participarem da vida social, sendo o ambiente escolar um destes cenários.

O terapeuta ocupacional é um profissional com inserção frequente na área porque realiza uma interface com a educação, pois tem considerável atuação no contexto escolar. Segundo a Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA) (2009) a área educacional é um dos domínios da profissão, assim é seu papel atuar nas

atividades que permeiam o processo de aprendizado e participação no ambiente escolar de estudantes com deficiências. No entanto, para Toyoda *et al* (2007), ainda existem dificuldades de ordem política que foge do escopo da atuação profissional, deixando em aberto a discussão sobre como os terapeutas ocupacionais podem colaborar com as ações no contexto escolar.

Cardoso (2009) aponta que a inserção da Terapia Ocupacional na área escolar ocorreu como uma consequência natural da sua comunicação com a Educação Especial. Para Barlatotti e De Carlo (2001) e Rocha (2007) foi a partir da atuação direta em escolas e classes especiais que os terapeutas ocupacionais começaram a se inserir em práticas escolares no país. Portanto, historicamente a atuação do profissional da saúde na escola esteve tradicionalmente ligada à população alvo da Educação Especial, mas nestes espaços a atuação ainda adquiria características marcadamente terapêuticas, ao transpor condutas clínicas para sala de aula, deixando em segundo plano o objetivo escolar (MARTINS, 2002).

No entanto, com o advento da perspectiva do movimento pela inclusão escolar, o terapeuta ocupacional na área da educação foi desafiado a:

reinventar sua intervenção, passa a desenhar novos contornos; grupos de terapeutas ocupacionais propõem a intervenção no campo do ensino regular tomando como objeto de estudo as metodologias empregadas nos processos de ensino-aprendizagem. Acontece, então, um primeiro deslocamento, o objeto de intervenção deixa de focar as deficiências e incapacidades do indivíduo para analisar as dificuldades e limites das diferentes abordagens de ensino-aprendizagem que levam em conta as diversas formas de entender o desenvolvimento humano. (ROCHA, 2007, p 124)

O terapeuta ocupacional que atua na Educação Especial não deve direcionar o olhar apenas para deficiência e ter uma visão puramente clínica observando apenas a incapacidade. Atualmente os profissionais devem superar as velhas práticas para agir de forma a possibilitar o desenvolvimento individual do sujeito atrelado com os padrões sociais e educacionais. Ele analisará quais são as restrições presentes em seu contexto escolar que impedem sua real participação e dessa forma intervirá para amenizar ou

romper essas barreiras promovendo a inserção desse estudante na escola. (PAULA E BALEOTTI, 2011).

Assim a nova meta da Terapia Ocupacional é contribuir para proporcionar empoderamento da comunidade escolar, sejam eles professores, estudantes e/ou família. Este poderá ser realizado por meio de momentos de reflexões sobre os desafios da inclusão escolar a fim de facilitar a construção de soluções coletivas a partir da ação do próprio grupo envolvido, seja disponibilizando recursos tecnológicos, sociais ou políticos. Vale ressaltar que para realizar essas ações o terapeuta ocupacional precisará estabelecer parcerias com a escola. (ROCHA, LUIZ e ZULIAN, 2003; ROCHA, 2007).

Galvão Filho (2009) também defende que a interface saúde escola favorece o desenvolvimento do público alvo da Educação Especial no contexto escolar. A formação de parcerias entre os profissionais da saúde e educação podem resultar em ações integradas com intuito de amenizar dificuldades encontradas nas políticas e práticas de inclusão escolar.

Pelosi (2008) destaca que a política de inclusão escolar só terá sucesso com o desenvolvimento profissional dos professores por meio da construção das redes de apoio que estabeleçam parcerias entre educação e saúde. A autora considera que o terapeuta ocupacional é um dos profissionais que pode contribuir nesse processo. Assim o professor não precisa ser um especialista em todas as deficiências, mas ele precisa estar sensibilizado a buscar caminhos alternativos para compreender esse estudante, porque quando interpreta a realidade concreta em que vive consegue organizar a sua própria experiência.

Rocha, Luiz e Zulian (2003), Jurdi, Brunello e Honda (2004) Jurdi e Amiralian (2006), Paula e Baleotti (2011) descrevem o papel do terapeuta ocupacional na formação dos professores de estudantes público alvo da Educação Especial. Todas as pesquisas mencionadas apresentam experiências referentes ao desenvolvimento de ações dos terapeutas ocupacionais no contexto escolar, o que já revela mudança de foco nas condutas clínicas. Essas ações são realizadas junto aos professores para solucionar as possíveis intercorrências na escolarização de estudantes com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Nesses estudos observam-se que a principal problemática trazida pelos professores aos terapeutas ocupacionais foi a de se repensar as práticas de ensino convencionais a fim de propor atividades que modificassem a realidade encontrada. Após o desenvolvimento de parcerias, os estudos concluem que o terapeuta ocupacional

é considerado pelos professores como um profissional colaborador capaz de contribuir com sua formação para desconstruir ações excludentes e alienantes que inviabilizem o processo de aprendizagem.

Gomes e Oliver (2010) fizeram um trabalho de revisão de literatura a fim de descrever as pesquisas de terapeutas ocupacionais realizadas junto à faixa etária infantil. O principal objetivo dos autores foi apontar as tendências dos estudos realizados no país. Constatou-se que 11,9% dos artigos tinham como foco a temática da inclusão escolar e destacavam a importância de formação do professor para utilização de diferentes estratégias a fim de solucionar inúmeras dificuldades oriundas da inclusão escolar.

Na maioria das pesquisas descritas nota-se a importância do papel do terapeuta ocupacional como um profissional colaborador na formação dos professores. Verifica-se que historicamente as ações desses profissionais na escola baseavam-se em transpor as condutas clínicas, no entanto, com a inclusão escolar novas perspectivas de ação dos terapeutas ocupacionais são demandadas pela escola.

A participação dos terapeutas ocupacionais na formação dos profissionais da escola tem possibilitado o desenvolvimento de ações efetivas de forma promover o acesso dos estudantes público alvo da Educação Especial.

No entanto, apesar das pesquisas descreverem a importância das parcerias junto às escolas há na literatura carência de estudos que citam formas de sistematização desse serviço e de como prover formação a esses profissionais para atuarem na escola. Nesse sentido torna-se fundamental apresentar a consultoria colaborativa, compreendida como um serviço de apoio à inclusão escolar amplamente divulgado no panorama internacional, mas pouco difundido no país.

A consultoria colaborativa consiste em um suporte oferecido pelos profissionais especialistas à escola. Assim, ocorre o estabelecimento de parcerias entre a educação e áreas multidisciplinares. A finalidade desse modelo de colaboração é favorecer a formação em serviço desses professores, o que realmente privilegiará o atendimento da heterogeneidade dos estudantes e auxiliará o professor a encontrar soluções diversas para os problemas que vivencia em sua realidade cotidiana. (MENDES, 2006).

Para Pugach & Johnson (1989) a colaboração se refere a um tipo muito específico de parceria que é caracterizada pela combinação recíproca entre pessoas de diversas especialidades as quais se relacionam para definir problemas e desenvolver soluções mutuamente.

Kampwirth (2003) descreve que o termo colaboração na consultoria é reservado para aquelas instâncias nas quais duas ou mais pessoas concordem em trabalhar juntas. Ambos profissionais nessa parceria colaborativa têm a mesma responsabilidade para a implementação das intervenções, em uma relação compreendida como igualitária e não hierárquica.

Compreende-se o desenvolvimento da consultoria colaborativa como uma relação bidirecional onde consultor e consultado têm responsabilidades a serem cumpridas na relação de parceria. Rompe-se aquela visão tradicional da consultoria na qual o papel do consultado seria apenas o de receber as orientações do profissional de forma passiva. Transforma-se também o papel do consultor que trabalhava sozinho na posição de especialista, em direção a uma ação compartilhada com o professor.

Segundo Friend e Cook (1990) algumas condições são necessárias para que o trabalho colaborativo ocorra. A primeira é o voluntarismo de ambos profissionais, porque ambos o consultor e consultado precisam estar dispostos para sua realização. A segunda condição é a existência de um objetivo comum que norteie a realização do trabalho. A terceira se refere à busca pela equivalência de papéis entre os terapeutas ocupacionais dessa parceria. Na quarta têm-se o compartilhamento das responsabilidades e recursos necessários para implementação das intervenções. A quinta e última condição se baseia na participação de todos envolvidos nesse processo.

Para Pugach e Jonhson (1989), os professores geralmente estão acostumados com uma parceria em que eles apenas recebem o apoio dos especialistas e não com uma proposta que enfatiza a igualdade de papéis e a troca e o compartilhamento de conhecimentos.

Bauwens e Hourcade (1995) discutem que uma das mudanças mais desafiadoras para os professores é deixar de exercer ações independentes. Na consultoria colaborativa ele precisará compartilhar metas, decisões, instruções, responsabilidades, avaliação da aprendizagem, resolução de problemas e administração da sala de aula.

A literatura científica de países mais experientes em práticas de inclusão escolar tem demonstrado que o trabalho colaborativo é uma boa proposta para solucionar os inúmeros problemas oriundos da inclusão escolar. O desenvolvimento profissional dos educadores por meio da consultoria colaborativa promove o aprimoramento do processo de ensino aprendizagem de estudantes público alvo da Educação Especial. Assim, esse tipo de apoio surge como uma alternativa aos modelos que envolvem a retirada do aluno

da sala de aula para atendê-lo em separado seja em consultórios, sala de recursos, classes especiais ou em escolas especiais (MENDES, 2006).

Assim, a proposta de colaboração em geral, e a consultoria colaborativa em particular, vai contra a lógica de duas salas separadas para escolarizar estudantes com ou sem deficiências. O objetivo de estabelecer a parceria é o empoderamento dos profissionais da escola para instrumentalizar os professores e familiares a lidar com as dificuldades apresentadas pelo estudante.

O processo de empoderamento pressupõe que a mudança ocorre quando as pessoas envolvidas diretamente com o problema (pais e professores) geram idéias se tornando responsáveis pela implementação das intervenções que serão discutidas em conjunto com o consultor. Os profissionais especialistas devem pensar colaborativamente e serem hábeis no encorajamento dos profissionais da escola e dos pais para desenvolver planos e intervenções que façam sentido no contexto de suas salas e casa. (KAMPWIRTH, 2003).

Nesse caminho, o consultor fornece seu conhecimento especializado no contexto das idéias do consultado. Ele não precisa agir como um “expert”, que irá dizer ao consultado o que fazer, e atuará mais como um facilitador do processo discutindo a viabilidade da implementação de possíveis estratégias. O papel do consultor é o de mostrar algumas orientações que podem ser adotadas. (RAPPORT apud KAMPWIRTH, 2003. p.18).

O consultor precisará estar atento a possíveis estratégias utilizadas no processo de comunicação para favorecer o processo de empoderamento do professor ou dos pais, a fim de colocar em prática a igualdade de papéis na consultoria colaborativa. Assim torna-se necessário entender os processos que estão implícitos e explícitos no processo de comunicação. Durante o processo de comunicação é necessário ser atencioso não só a mensagem falada, mas também a linguagem corporal. Cuidar dos trejeitos faciais e parafrasear o consultado se constitui em boas estratégias utilizadas durante a escuta ativa. (KAMPWIRTH, 2003)

Para Dettmer, Dyck e Thurston (2005) o consultor precisa ser assertivo no estilo de resposta utilizada junto ao consultado e ainda externalizar seus próprios sentimentos para valorizar as atitudes do professor fortalecendo o vínculo. Benjamim apud Kampwirth (2003) descreve que compete ao consultor ser cuidadoso ao fazer perguntas para o consultado. As perguntas diretivas são utilizadas quando se deseja obter

informações de forma objetiva, e as perguntas feitas de forma indireta podem favorecer mais as respostas e discussão de assuntos conflituosos.

Na consultoria colaborativa há etapas de implementação a serem respeitadas, Dettmer, Dyck e Thurston (2005) descrevem quais são elas. A primeira é esclarecer aos profissionais envolvidos a responsabilidade e o papel dos consultores dentro da escola. A segunda baseia-se em realizar a coleta de informações junto ao professor para investigar o caso. Em seguida, para a etapa de coleta de dados é necessário isolar o problema principal e definir com o consultado a prioridade para intervenção. Torna-se essencial nesse momento identificar os aspectos relevantes para o desenvolvimento deste problema. A solução para os desafios encontrados pelo consultado emerge a partir da formulação de um plano que sempre contará com a parceria do consultor. Esse momento é intitulado como *Brainstorming* (tempestade de ideias), ou seja, é a forma de liberar a mente para pensar em diversas possibilidades de intervenção. A seguir implementa-se o plano e se avalia o progresso e processo. O consultor faz todo acompanhamento da consulta, pois é o consultado o responsável pela realização do plano, uma vez que o objetivo da consultoria colaborativa é o de proporcionar o empoderamento.

Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA) (2009) define a consultoria colaborativa como uma intervenção na qual os terapeutas ocupacionais usam seu conhecimento e experiência para colaborar com o cliente, no caso da escola, o professor. O modelo de consultoria geralmente utilizado pelos terapeutas ocupacionais é o biofísico. Seu principal objetivo é a detecção de algum problema orgânico ou funcional que esteja dificultando o estudante no desempenho escolar. (KAMPWIRTH, 2003)

Existem dois modos de implementar a parceria, segundo Dettmer Dyck e Thurston (2005) a consultoria colaborativa pode ser direta ou indireta. No caso da direta, o consultor realizará a intervenção junto ao estudante alvo, e nesse caso os pais e professores apenas observam o atendimento do consultor. Já na consultoria colaborativa indireta o consultor efetuará junto aos pais e professores orientações a fim de instrumentalizá-los para que eles próprios lidem com os seus problemas cotidianos.

Segundo Leher (1999) nas escolas em que a colaboração é norma prevê-se uma produtividade maior no desenvolvimento do trabalho. Dentre eles estão o de tornar os professores mais entusiásticos e auto-confiantes com relação ao seus papéis favorecendo tanto o trabalho dos professores quanto a escolarização de todos os estudantes. Assim,

nota-se que a colaboração pode contribuir para que os professores solucionem suas necessidades de forma mais eficaz evitando o sofrimento evidenciado no contexto escolar por meio dos desafios presentes na escolarização de estudantes com deficiência.

A consultoria colaborativa traz a possibilidade de que importantes assuntos sejam levantados para discussão acerca de problemas individuais dos estudantes. A geração de ideias destinada a resolução dos problemas deve ocorrer com a participação de todos os envolvidos na parceria. A instrumentalização do professor torna-se essencial para que ele atenda as características dos estudantes em sala de aula de forma a eliminar a sensação que o ensino é uma ação isolada. (KAMPWIRTH, 2003)

Apesar dos benefícios da consultoria colaborativa existe a necessidade de se discutir também sobre as dificuldades para implementação do processo de colaboração. Vários são os desafios vivenciados, os quais perpassam pela atitude e postura dos professores, pais, especialistas considerando a necessidade de se alcançar a bidirecionalidade nessa relação de parceria.

Para Kampwirth (2003) nem sempre a consultoria colaborativa é considerada como um modelo de fácil implementação devido a vários fatores. Dentre eles: não ser um modelo aplicado com grande frequência, portanto é diferente de práticas tradicionais; demandar voluntariedade e grande participação dos profissionais envolvidos, pois nem todos os consultores querem ou têm sido treinados a trabalhar de uma maneira colaborativa; e ainda porque a escola pode não estar aberta a mudanças de organização que foge das características tradicionais.

Pugach e Jonhson (1989) discute que o colaborador que encontra resistência em seu trabalho não deve encarar as dificuldades como uma questão pessoal, mas sim como uma situação incômoda na qual o outro se defende. Assim para Cramer (1997) é fundamental que o colaborador compreenda o motivo do comportamento defensivo. Essa compreensão perpassa por conhecer como o professor se comporta com outros profissionais, portanto a observação é uma forma importante de entendê-lo.

Na colaboração é indispensável a participação de ambos profissionais, no entanto, nem sempre o colaborador encontrará pessoas que assumam verdadeiramente o compromisso dessa parceria, por mais que haja uma voluntariedade inicial. Walther-Thomas et al (1999) descrevem que pode ocorrer resistência por parte do professor em se comprometer com a parceria. Esse fato, segundo os autores estão ligados ao limitado entendimento sobre o processo, à falta de experiência prévia, à participação inadequada em modelos implantados, ao medo do desconhecido ou às crenças pessoais.

Ainda para Cramer (1997) o sucesso ou falta do mesmo na implementação do modelo colaborativo está relacionado também a habilidade das pessoas envolvidas na parceria de trocar idéias ou informações de uma maneira oportuna, completa, e respeitosa.

Dentre os princípios do estabelecimento de uma relação de parceria colaborativa entre professor e especialistas está presente a participação igualitária de ambos profissionais, para que cada qual possa contribuir com seus conhecimentos. No entanto, a literatura discute que durante o processo prático é difícil para os especialistas abandonar o seu status em um relacionamento de consultoria.

Para Pugach e Jonhson (1989) garantir o sucesso da colaboração implica em reconhecer as competências dos professores em sala de aula como uma fonte válida de assistência. A colaboração só pode ocorrer quando todos os terapeutas ocupacionais tiverem um entendimento comum das suas fortalezas e fraquezas e quando demonstrarem vontade de aprender uns com os outros. Assim o desafio maior é conseguir parcerias reais entre os especialistas e os professores.

Ainda nessa relação é fundamental discutir a postura dos professores quando estes esperam dos especialistas a solução para todos seus problemas. Inicialmente devem ser devidamente informados sobre todos os princípios e procedimentos necessários para realização da consultoria. A contribuição do professor é essencial durante o processo, e segundo Coloney apud Pugach e Jonhson (1989) ao explicar para o consultado os princípios da colaboração, os especialistas deverão deixar claro que estão mais propensos a receber, em vez de dar orientações.

Machado, Bello e Almeida (2010) ao relatarem algumas experiências sobre consultoria colaborativa no contexto escolar concluíram que a proposta de Consultoria Colaborativa auxilia e respalda o professor com estratégias, trocas de experiência e reflexão sobre sua própria prática. No entanto, para alcançar suas metas e ideais necessita-se respeitar todos os princípios e metodologias criteriosas especialmente no que se refere ao relacionamento entre consultor e consultado.

1.2 CONSULTORIA COLABORATIVA NO CONTEXTO ESCOLAR E A ATUAÇÃO DOS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS.

Várias associações de terapeutas ocupacionais no mundo tem apoiado o desenvolvimento de trabalhos de consultoria colaborativa nos contextos escolares. Dentre elas a Associação Canadense de Terapia Ocupacional (CAOT) (2002) em um artigo de revisão de literatura intitulado “*Como a Terapia Ocupacional faz a diferença na escola*” discute que a consultoria colaborativa com pais e professores é um serviço que maximiza a eficácia das intervenções e a satisfação dos envolvidos. Dessa forma, o estabelecimento de parcerias colaborativas tem proporcionado intervenções terapêuticas ocupacionais de sucesso.

Outra associação que também discute sobre as práticas de consultoria colaborativa nos contextos escolares é AOTA (2009). Para esta associação o processo colaborativo envolve identificar o problema, criar soluções possíveis, tentar implementá-las e alterá-las quando for necessário para obtenção de uma maior eficácia. Nota-se que neste documento que define os domínios e processos desta profissão, a colaboração é um aspecto fundamental para o desenvolvimento da consultoria na área da educação.

Toyoda et al (2007) e Cardoso (2009) descrevem que um grande avanço desse modelo é desvincular sua ação do ambiente clínico para o contexto escolar. As ações a serem realizadas são analisadas caso a caso, facilitando a construção de soluções para os desafios levantados por meio da formação de parcerias entre professores e gestores para que possam planejar juntos o desenvolvimento de objetivos e estratégias no contexto escolar.

Práticas de consultoria colaborativa já têm sido amplamente divulgadas nas literaturas internacionais em Terapia Ocupacional. As primeiras pesquisas a serem descritas comparam serviços de consultoria colaborativa direta e indireta no contexto escolar. Dunn (1990) realizou um estudo com quatorze crianças com atraso no desenvolvimento e seus respectivos professores. Os resultados revelaram que na visão dos docentes os profissionais de Terapia Ocupacional contribuem mais quando utilizam a intervenção indireta, instrumentalizando os professores para o desenvolvimento de seu trabalho.

Dreiling e Bundy (2003) também compararam a consultoria colaborativa direta e indireta junto a pré-escolares com problemas de coordenação motora. Os resultados

apontaram que as duas formas de intervenção por meio da consultoria colaborativa são importantes para alcançar resultados efetivos. No entanto, as autoras discutem que os serviços indiretos beneficiam o trabalho em sala de aula por não precisar contar com a disponibilidade dos terapeutas ocupacionais para implementar a intervenção.

Nota-se por meio das pesquisas que o novo papel dos terapeutas ocupacionais na escola é visar ações de apoio aos demais profissionais. Observa-se que os próprios professores verbalizam sua preferência no que se refere formação em serviço. Nesse sentido os terapeutas ocupacionais contribuem para instrumentalizá-los a fim de que possam buscar soluções para problemas cotidianos. Portanto apresenta-se como um colaborador importante porque realiza o trabalho em equipe e não mais individualizado no qual o foco é apenas o estudante com deficiência.

Kemmins e Dunn (1996) investigaram o modelo de consultoria colaborativa entre 10 díades formadas por terapeutas ocupacionais e professores. Esses professores passavam por um processo de atendimento semanal de 60 minutos destinados a discutir e propor a construção de estratégias de intervenção para os estudantes com problemas de aprendizagem e integração sensorial. Os resultados revelaram que todas as intervenções e parcerias foram bem sucedidas ocasionando modificações no desempenho do estudante. Considerou-se que a consultoria colaborativa promoveu o sucesso do estudante em várias áreas de desenvolvimento, assim a partir da atuação dos terapeutas ocupacionais atingiu-se aos objetivos acadêmicos voltados a escolarização do estudante com deficiência.

Assim, observa-se que o foco do desenvolvimento da consultoria colaborativa indireta junto ao professor é um modelo bastante difundido nas pesquisas. Os resultados de todos os estudos descritos demonstram o reflexo do trabalho colaborativo na melhora de desempenho dos estudantes. O empoderamento do consultado pelos terapeutas ocupacionais torna-se o responsável por essa modificação.

Golos et al (2011) fizeram um estudo em Israel, a partir de um programa de intervenção na pré-escola com base multidisciplinar junto a 81 estudantes. As intervenções terapêuticas ocupacionais foram feitas em dois ambientes educacionais com sessões de acompanhamento individual dos estudantes e consultoria colaborativa aos professores. Os resultados revelaram que as parcerias colaborativas contribuíram para formação dos professores a fim de promover o atendimento das necessidades de crianças em risco ou com atraso no desenvolvimento. Considera-se que o serviço de acompanhamento individual e o de consultoria colaborativa foram complementares, na

medida em que permitiram tanto a melhoria das competências das crianças quanto do seu desempenho e participação em atividades diárias.

Bazyk et al (2009) assim como Golos et al (2011) descrevem a importância da complementariedade dos serviços em consultoria colaborativa, por meio da avaliação da coordenação motora fina de crianças matriculadas na educação infantil. Os estudantes receberam atendimentos de serviço de Terapia Ocupacional em ambientes separados a sala de aula e também houve consultoria colaborativa junto a esses professores focados no planejamento de ensino. Os resultados revelaram que todas as crianças tiveram mudanças significativas nas áreas de desenvolvimento trabalhadas.

As pesquisas descritas além de investigarem a eficácia do modelo de consultoria colaborativa destacam a importância da complementariedade de serviços, o que revela que ações de ordem clínica devem ser somadas as de consultoria para alcançar resultados efetivos. Portanto tais ações servem como porta de entrada a fim de que os profissionais possam buscar parcerias com a família e a escola promovendo formação e o empoderamento de todos os envolvidos.

Sahagian (2003) em um estudo de revisão de literatura sobre consultoria colaborativa investigou especificamente duas áreas: o transtorno de desenvolvimento da coordenação e produtividade da escrita. Na maioria das pesquisas encontradas o principal objetivo da consultoria colaborativa foi realizar intervenções junto aos pais e professores para que as crianças pudessem atingir as metas previstas ao desenvolvimento de habilidades nas áreas de apoio ao desempenho escolar. Nesse sentido os terapeutas ocupacionais promoveram a reformulação de opiniões e expectativas dos estudantes junto aos professores no ambiente escolar. Constatou-se que a consultoria colaborativa foi fundamental para promover a escolarização dos estudantes alvos.

Para Spencer et al (2006) a consultoria colaborativa é tema central de discussões principalmente na Terapia Ocupacional. Ela tem se tornado uma das melhores práticas emergentes no campo na área educacional apoiada pelas políticas públicas internacionais. Cardoso (2009) contribui com essa discussão descrevendo que deve se investir na consultoria colaborativa como forma de promover uma maior efetividade nas ações dos terapeutas ocupacionais no contexto escolar.

Gebrael (2009) em um estudo realizado no Brasil demonstrou a efetividade do modelo de consultoria colaborativa. O objetivo de sua pesquisa foi elaborar, implementar e avaliar um programa de consultoria colaborativa em Terapia

Ocupacional destinado a formação de professores de estudantes com deficiência visual inseridos no ensino regular. O programa capacitou professores sobre o repertório de estratégias e recursos para promover a independência de crianças pré-escolares com baixa visão nas atividades de higiene e alimentação. Comprovou-se que a consultoria colaborativa favoreceu a formação dos professores em serviço. A partir do suporte presencial oferecido pela pesquisadora na escola foi possível implementar uma formação teórico prática. Ela foi responsável por promover a adesão do professor às orientações realizadas a fim de favorecer a independência dos estudantes com deficiência visual nas atividades de higiene.

Rocha, Machado e Deliberato (2011) realizaram um estudo também no Brasil com o objetivo de desenvolver um programa de consultoria colaborativa em Terapia Ocupacional a fim de capacitar professores de oito crianças com deficiência na educação infantil. Os resultados demonstraram que a consultoria colaborativa favoreceu a interação com o professor promovendo a discussão de situações problemas. Ao final considerou-se a consultoria colaborativa como um modelo efetivo na formação de professores oferecendo diferentes possibilidades para ampliar a participação dos estudantes com deficiências no processo de ensino aprendizagem.

Apesar de estes trabalhos demonstrarem bons resultados por meio da atuação dos terapeutas ocupacionais junto ao professor torna-se necessário problematizar o processo de colaboração. Nota-se uma perspectiva unilateral nas descrições dos relatos de pesquisa, porque apenas o papel dos terapeutas ocupacionais é descrito. O papel do professor nessa parceria denominada “colaborativa” ainda é passivo no sentido de que ele deve ser capacitado e precisa aprimorar seus conhecimentos. E não como terapeutas ocupacionais ativo na tomada de decisões, construção e implementação de estratégias.

A contribuição dos professores nessa parceria não aparece como resultados do trabalho. Nesse sentido torna-se necessário refletir sobre a colaboração envolvida nesse processo. Pugach e Jonhson (1989) já faziam esses questionamentos porque também percebiam que na literatura as relações de parceria descritas por meio da colaboração tinham uma perspectiva unilateral, caracterizando apenas a intervenção dos especialistas, sem necessariamente descrever o papel do professor.

Bose e Hinojosa (2008) questionam se ainda não seria limitada a descrição sobre o processo real de colaboração na perspectiva dos terapeutas ocupacionais e por isso propuseram um estudo cujo objetivo foi investigar a colaboração e a experiência de seis parcerias colaborativas desenvolvidas na cidade de Nova York. Os resultados revelaram

que os terapeutas ocupacionais identificaram a falta de tempo, a não participação em reuniões periódicas com os profissionais da escola e a baixa capacidade de respostas dos professores como barreiras ao desenvolvimento do processo de consultoria. Um ponto positivo destacado pelos terapeutas ocupacionais foi a receptividade dos professores no início das intervenções consideradas essenciais para determinar sucesso nesse trabalho. Ainda constatou-se que alguns dos terapeutas ocupacionais investigados atuavam como peritos ao interagir com os professores tanto na área de formação profissional quanto de ensino. Assim muitos desses profissionais não obtiveram sucesso de adesão dos professores às suas orientações. Considera-se que a real colaboração ainda continua a ser o maior desafio da consultoria e assim destaca-se a importância da formação dos terapeutas ocupacionais para atuar por meio desse modelo de prestação de serviços. (BOSE E HINOJOSA 2008)

Cassillas (2010) avaliou por meio da percepção de seis professores a eficácia da consultoria colaborativa de terapeutas ocupacionais no contexto escolar. A partir dos resultados identificou várias necessidades de aprimoramento nessa relação dentre elas: o incentivo para que os consultores aperfeiçoem o desempenho das habilidades comunicativas durante o processo de consultoria, a promoção de esclarecimento aos professores sobre as possibilidades de trabalhos dos terapeutas ocupacionais a serem realizados na escola a fim de melhor ilustrar as estratégias a serem implementadas em sala de aula. Ao final destaca-se a necessidade de investir em desenvolvimento profissional para os terapeutas ocupacionais que atuam em consultoria colaborativa, apontando formas de como superar os desafios vivenciados na prática.

Ao observar os trabalhos desenvolvidos é notável que a consultoria colaborativa no contexto escolar, principalmente no desenvolvimento profissional de professores, tem sido foco de vários trabalhos desenvolvidos em diferentes partes do mundo no que se refere a atuação do terapeutas ocupacionais na inclusão escolar. As pesquisas de Dunn (1990) Kemmins e Dunn (1996), Sahagian (2003), Dreiling e Bundy (2003), Spencer et al (2006), Golos et al (2011), Bazyk et al (2009), Gebrael (2009), Rocha, Machado e Deliberato (2011) revelam resultados positivos na formação dos professores, os quais se refletem diretamente no desempenho escolar dos estudantes com deficiência.

No entanto, a maioria dos estudos não avalia o processo de implementação de consultoria colaborativa. As duas últimas pesquisas descritas de Bose Hinojosa (2008) e Cassilas (2010) contribuem neste aspecto ao revelarem entraves no processo de colaboração, principalmente na atitude dos terapeutas ocupacionais. Mediante a tais

resultados é possível discutir que ainda se faz necessário investir no desenvolvimento profissional dos profissionais de Terapia Ocupacional que utilizam esse modelo no contexto escolar, para que possa se alcançar a verdadeira colaboração.

Essa temática se faz emergente no contexto brasileiro, em decorrência da política de Educação Especial. Ela enfatiza a perspectiva de inclusão escolar, a partir de uma relação histórica que existe entre Educação Especial e a Terapia Ocupacional e ainda da necessidade de formar profissionais que atendam a essas demandas emergentes que se impõem aos profissionais que pretendem atuar nas escolas.

1.3 UMA DISCUSSÃO SOBRE A FORMAÇÃO DOS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS NA ÁREA EDUCACIONAL

De Carlo e Bartalotti (2001) apontam que desde o princípio do surgimento da Terapia Ocupacional esta caracterizou-se como profissão da área da saúde destinada a atender pessoas com dificuldades no desempenho ocupacional baseada em um enfoque clínico terapêutico. Para Carvalho (2005) o histórico dessa profissão foi influenciado pela manutenção do modelo hospitalocêntrico, sofrendo influência do próprio processo de formação nas grades curriculares dos cursos de Terapia Ocupacional centrados em práticas médicas e curativas.

Mângia, Almeida e Lancman (2005), ao discutirem as diretrizes educacionais dos profissionais da saúde, colocaram que o modelo adotado incentivava uma formação tecnicista com procedimentos de supervalorização de diagnóstico e pontuam a importância de mudar essa realidade, introduzindo-se práticas integradoras de modo a provocar transformações no processo de formação dos terapeutas ocupacionais.

Almeida e Castiglione (2005) consideram que a formação de terapeutas ocupacionais passou por transformações que vão desde o modelo biomédico até uma prática de reabilitação mais abrangente. Assim, a compreensão de saúde perpassa pela articulação da Terapia Ocupacional com as ciências humanas, e a relação entre o sujeito e a realidade.

Para Lancman (1998) Neistadt e Crepeau (2002) a Terapia Ocupacional é uma profissão sensível às alterações nos padrões de atenção a saúde e as tendências sócio político e culturais. Nesse sentido, Lopes (1993) observa que a formação dos terapeutas ocupacionais também precisa ser vista como uma prática política, e diante disso as práticas pedagógicas dos diversos cursos têm sido repensadas de forma a integralizar o político e o técnico na formação profissional.

Lancman (1998) Britoa (2008) discutem que atualmente a Terapia Ocupacional é uma profissão que atua nas áreas da saúde, social e educação, não mais com aquele enfoque apenas clínico evidenciado no surgimento da profissão, uma vez que as demandas profissionais precisam responder as necessidades das pessoas com problemas no desempenho ocupacional e a inserção no cenário sócio, político e cultural.

Na provisão dos serviços públicos esses profissionais têm conquistado seu espaço diante das problemáticas não resolvidas pelos modelos tradicionais da área

médica. Assim devido à defasagem nessas propostas de atendimento, a Terapia Ocupacional pode introduzir práticas inovadoras reconhecidas e valorizadas. (LANCMAN, 1998)

No que se refere a práticas inovadoras Lopes et al (2010) descrevem que a territorialidade é um aspecto que contribui para possibilitar intervenções que superem a abordagem clínica, de forma a fazer com que os terapeutas ocupacionais se desloquem para o contexto real respeitando as características singulares de cada indivíduo. Busca-se assim alcançar o exercício radical da democracia e dos direitos, assim como possibilitar a intervenção voltada para formação de recursos humanos.

Nesse cenário o movimento de inclusão social em geral, e escolar em particular, ganha enfoque no sentido de atender a inserção dos terapeutas ocupacionais em práticas que respeitem o cenário sócio, político e cultural. A Resolução nº 2 do Ministério da Educação, Brasil (2001) aponta para a importância da inserção de profissionais da saúde para proporcionar suporte à educação inclusiva, principalmente porque vários desafios emergem no cotidiano da escola como problemas a serem resolvidos. Assim Pelosi e Nunes (2009), Jurdi, Brunelo e Honda (2004) e Toyoda et al (2007) destacam a participação dos terapeutas ocupacionais como profissionais importantes em serviços de provisão direta no contexto escolar, a fim de contribuir com a formação de professores.

Garcia (1999) ao avaliar práticas de terapeutas ocupacionais na área escolar identificou pelo discurso dos profissionais que existe uma lacuna entre o que é oferecido na graduação e as demandas da atuação dos terapeutas ocupacionais no contexto escolar. A autora aponta para a insuficiência de conteúdos sobre a temática nas disciplinas de graduação e nos estágios de formação.

Cardoso (2009) realizou uma pesquisa com o objetivo de caracterizar as práticas de terapeutas ocupacionais na área escolar atuantes no estado de São Paulo. Participaram do estudo 127 terapeutas ocupacionais e os resultados revelaram que no tocante à formação profissional voltada a área escolar os terapeutas identificaram lacunas, e devido a tal fato a maioria dos terapeutas ocupacionais precisou aperfeiçoar seus conhecimentos em cursos de pós-graduação. Os terapeutas ocupacionais destacaram a necessidade de investir na construção de espaços de conhecimento sobre a temática por meio da inserção de disciplinas na graduação relacionadas à educação, educação especial e inclusão escolar. Além disso, na opinião dos terapeutas ocupacionais torna-se necessário criar cursos de pós-graduação específicos sobre a atuação dos terapeutas ocupacionais no contexto escolar.

Rocha (2007), Cardoso (2009) Lourenço e Cid (2010) contribuem com essa discussão na medida em que defende a inserção de temáticas voltadas a atuação dos terapeutas ocupacionais no contexto escolar na formação inicial dos Terapeutas Ocupacionais, portanto desde os cursos na graduação. Os autores descrevem que se deve discutir a promoção da participação dos estudantes com deficiências e a formação dos profissionais da comunidade escolar.

Segundo Pelosi e Nunes (2009) as pesquisas têm discutido muito sobre o desenvolvimento profissional de professores, e pouco sobre a dos profissionais da área da saúde. Nesse sentido assim como os professores vivenciam essa nova realidade os terapeutas ocupacionais também estão despreparados diante das implicações da política de inclusão escolar. É preciso atentar para o aprimoramento dos conhecimentos desses profissionais, a fim de que possam buscar formação, pois existem novas demandas de atuação do profissional em ocorrência de transformações políticas, econômicas e sociais.

E se o foco das políticas parece demandar a inserção dos profissionais da saúde para contribuir com a formação de professores, Pelosi e Nunes (2009) afirmam que deve se priorizar o espaço educacional de forma a privilegiar o trabalho em conjunto. Nesse sentido, Mângia (2010) enfatiza a importância da formação de equipes colaborativas e destaca essa nova tendência no campo de formação de profissionais da área da saúde assim como dos terapeutas ocupacionais. A mesma autora ainda afirma que as transformações provocadas pelas inovações políticas levou a Organização Mundial de Saúde a criar um grupo de trabalho para discutir uma formação de um profissional mais flexível e capaz de responder com maior efetividade as demandas da população.

Nota-se então que as perspectivas de formação profissional dos terapeutas ocupacionais têm passado por transformações que deixam de lado o foco marcadamente terapêutico, clínico e individual, para direcionar a formação de um profissional que esteja em sintonia com as transformações sócio históricas e culturais. Dessa forma, essas novas características de formação privilegiam uma compreensão do contexto para a prática de ações territoriais.

Para Cardoso (2009) os terapeutas ocupacionais atuantes na área escolar precisam rever conceitos e ações para agir diante dos desafios da inclusão escolar, dessa forma é necessária à revisão e a transformação de modelo arcaico que tende a ver a Educação Especial como um problema do aluno, que tem aspecto clínico a ser tratado ou reabilitado.

Britoa (2008) discute que o mundo globalizado tem influenciado no aumento de fluxo de informações e isso interfere diretamente no processo de formação dos profissionais, pois novos conceitos surgem a cada dia. Diante desse cenário a autora afirma que o conhecimento se renova a cada dia e não pode ser restrito a uma fase da vida, e por isso é preciso focalizar em formações que empoderem os estudantes a fim de que consigam se instrumentalizar de ferramentas para que possam aprender ao longo da vida visando a desenvolvimento profissional. Nesse sentido se faz necessário aumentar a disponibilidade de cursos de pós-graduação para promover também a desenvolvimento profissional dos terapeutas ocupacionais que atuam na área escolar.

Cardoso (2009) discutiu que embora tenha sido identificada uma forte atuação nessa área profissional ela ocorre prioritariamente por meio do atendimento clínico e ainda muito pouco a partir da participação dos profissionais nas equipes de apoio em ações colaborativas. Tal fato se reflete em poucos estudos realizados para formação de graduandos e ou/terapeutas ocupacionais em consultoria colaborativa.

O primeiro estudo relatado na literatura nacional identificado como tendo foco na formação para a consultoria colaborativa foi realizado por Mendes e Toyoda (2004) intitulado como “*Projeto S.O.S. Inclusão*”. As autoras investigaram a aplicabilidade do modelo de consultoria colaborativa junto a estudantes de cursos de graduação dentre eles de Terapia Ocupacional. Esse projeto surgiu, pois as pesquisadoras da Universidade Federal de São Carlos constataram que os cursos de curta duração não promoviam os resultados esperados na formação de professores para inclusão escolar. Assim o objetivo desse projeto foi investigar as possibilidades de trabalho colaborativo em dois momentos: formação dos estudantes na universidade e desenvolvimento profissional de professores de estudantes com NEE’s.

A supervisão dos estudantes era realizada em reuniões e discussões coletivas na universidade com a discussão de estratégias a serem negociadas com os professores. Os estudantes faziam visitas semanais às escolas e desenvolviam as ações em sala de aula junto aos professores. No que se refere à formação dos professores por meio dos diários de campo foi possível perceber que o estágio colaborativo parecia difícil de ser implementado desde o princípio, sendo necessário negociar e iniciar várias vezes o papel do colaborador (MENDES, ALMEIDA E TOYODA, 2011)

Ao avaliar a percepção dos estudantes universitários acerca dessa experiência de atuação em equipe interdisciplinar tomando como base a consultoria colaborativa, Mendes e Toyoda (2004) descrevem que os resultados revelaram a relevância de se

inserir práticas de trabalho colaborativo desde a formação inicial, apontadas pelos estudantes, e destacaram a importância de continuar com o desenvolvimento do projeto.

Segundo Mendes, Almeida e Toyoda (2011) esse projeto em 2010 completou sete anos e tornou-se uma atividade regular oferecida por meio de disciplinas no Programa de Pós Graduação em Educação Especial desenvolvido em parceria com a secretaria de educação do município. Segundo as autoras, cada ano do projeto essa parceria com os professores se tornou mais fácil atingir o estágio de colaboração a partir da construção de uma cultura colaborativa tanto na universidade quanto na escola. As autoras consideram que a colaboração permite um grau mais significativo de aprendizagem e reflexão do que qualquer indivíduo poderia fazer de forma isolada.

Della Barba et al (2011) por meio de um projeto de extensão teve como principal objetivo capacitar os estudantes em graduação de Terapia Ocupacional no que se refere a consultoria colaborativa a fim de promover o suporte às crianças atendidas pelo projeto junto as suas famílias e escolas. As ações dos graduandos terapeutas ocupacionais desse projeto foram realizadas na Unidade Saúde Escola, destinadas ao processo de orientações aos familiares podendo se estender a equipe escolar. Por meio da experiência no projeto as ações mostraram que o suporte técnico para equipe escolares e familiares em prol da inclusão escolar contribuiu com o trabalho, principalmente do professor que não se sentia mais desamparado nesse processo. Tal fato diminuiu a sensação de impotência diante dos desafios da inclusão escolar. Assim, a abordagem da consultoria colaborativa permitiu um novo olhar para a atuação da Terapia Ocupacional, a partir do estabelecimento das parcerias com os envolvidos. Considera-se que os estudantes de graduação enriqueceram sua formação e o crescente engajamento nas questões reais da clientela atendida.

Os estudos realizados revelam a necessidade de se investir em projetos que discutam o modelo de consultoria colaborativa ainda na formação inicial. No entanto, existe uma carência de ações encontradas na literatura do país para promover a formação dos profissionais em Terapia Ocupacional, principalmente no que se referem aqueles profissionais que já atuam na área escolar.

Para Toyoda et al (2007) mudanças curriculares devem ser realizadas por meio de estudos que possibilitem uma melhor reflexão e capacitação no campo de discussão e prática sobre consultoria colaborativa. Tal fato poderá potencializar o trabalho dos terapeutas ocupacionais na escola, preconizando um novo paradigma no qual esse modelo de atuação ganhe papel de destaque nas ações dos profissionais na escola.

Portanto favorecerá a formação em serviço dos profissionais da escola a fim de que eles possam incorporar os princípios da consultoria colaborativa a prática cotidiana.

Concluindo, observa-se que existe a necessidade de promover cursos para terapeutas ocupacionais que já atuam na área escolar a fim de utilizar a consultoria colaborativa como foco das intervenções. Entretanto, a maioria dos estudos realizados, tais como, por exemplo, os de Rocha, Machado e Deliberato (2011), Bazyk et al (2009), Gebrael (2009), Dreiling e Bundy (2003), Golos et al (2011), Kemmins e Dunn (1996) e Dunn (1990) tem sido dedicados a investigar a eficácia do modelo e não as formas de implementá-lo. E considerando essa lacuna o presente estudo partiu da questão de como prover desenvolvimento profissional para profissionais da Terapia Ocupacional, que já se encontram em serviço na área escolar, para atuar dentro da perspectiva da consultoria colaborativa. Adicionalmente, considerando-se a falta de disponibilidade dos profissionais em serviço, e enfim as barreiras de espaço e tempo para se agrupar profissionais em programas presenciais de desenvolvimento profissional questionou-se a viabilidade dessa formação acontecer a distância.

1.4 A DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE TERAPEUTAS OCUPACIONAIS A PARTIR DA EDUCAÇÃO ON-LINE: A IMPORTÂNCIA DA PLATAFORMA MOODLE

O presente estudo partiu da relevância de se investigar a desenvolvimento profissional dos terapeutas ocupacionais para atuação no contexto escolar inclusivo, e de testar o modelo de prestação de serviços baseado na consultoria colaborativa. Nesse sentido Pelosi e Nunes (2009) afirmam que investimentos devem ser realizados por meio de programas de aprimoramento destinados a discutir a formação específica. Entre as estratégias destinadas a implementação dos cursos a Educação à Distância (EAD) hoje se constitui numa possibilidade de se prover desenvolvimento profissional.

De fato atualmente a EAD é considerada como uma modalidade promissora para promover o desenvolvimento científico e tecnológico do país, porque universaliza o acesso ao conhecimento. Dal-Forno (2010) e Paula, Ferneda e Campos Filho (2004) descrevem que a EAD revolucionou o modo de promover desenvolvimento profissional no país. Ela tem se mostrado como uma forte aliada no desenvolvimento dos programas a fim de proporcionar a democratização do ensino o acesso rápido as informações e interações com pessoas de qualquer lugar do país e do mundo.

Dessa forma esta se mostra também como uma importante estratégia a fim de disponibilizar cursos de desenvolvimento profissional também em Terapia Ocupacional com o objetivo de promover a atualização de conhecimentos na área educacional. Pesquisadores como Garcia (1999), Toyoda et al (2007), Rocha (2007), Cardoso (2009) Lourenço e Cid (2010) já descrevem a necessidade de desenvolvimento profissional dos terapeutas ocupacionais na área educacional.

No entanto essa realidade é atual, pois ao longo da trajetória nem sempre houve destaque para EAD. Nos primórdios foi representada pelo ensino por correspondência, já na década de 80 foi marcada pela transmissão via rádio e televisão e somente ao final da década de 90, ganhou seu papel de destaque. Nesse momento dois fatos proporcionam o seu crescimento, o primeiro foi a utilização da internet como via de transmissão. O segundo foi o incentivo a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/ 96 que nos seus artigos 80 e 87, reconheceu a EAD como uma modalidade de ensino, fato que impulsionou o surgimento de novos cursos no país os quais alcançaram 1,2 milhões de estudantes. (MORAN, 2002)

Torna-se fundamental descrever que na presente pesquisa optou-se por utilizar o termo educação *on-line*. A definição dessa terminologia foi utilizada a fim de delimitar apenas o ensino oferecido via internet a partir da conexão entre computadores, uma vez que o termo EAD é mais abrangente envolvendo a utilização de diferentes possibilidades como rádio, televisão, telefone entre outros. (ALMEIDA, 2003)

Para Paula, Ferneda e Campos Filho (2004) o crescimento dos cursos oferecidos na modalidade à distância é considerado um desafio para as instituições de educação, principalmente no ensino superior, porque exigem apropriação do conhecimento de como ensinar a partir do uso de novas tecnologias. Meirinhos e Osório (2007) ampliam essa discussão e destacam o papel do desenvolvimento profissional na educação *on-line* por meio das ferramentas tecnológicas.

Gomes (2005) descreve que a presença das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na educação *on-line* é fundamental para transmissão de conteúdos e no desenvolvimento da relação pedagógica. Esses fatores precisam ser mediatizados de forma a ultrapassar as barreiras do espaço e do tempo, que separam professores e estudantes.

Almeida (2003) coloca que as TIC se constituem em boas estratégias de democratizar e elevar o padrão de qualidade da formação profissional na educação *on-line*, pois proporcionam inúmeras facilidades para a produção de cursos como: produção de design, distribuição adequada de conteúdos, interação com informações, recursos e pessoas, bem como à flexibilidade do tempo e à quebra de barreiras espaciais. (ALMEIDA, 2003).

A utilização das TIC na EAD, segundo Tavares (2006), é uma forma de viabilizar o aprendizado *e-learning* realizado a partir de meios eletrônicos transmitidos via internet com informações e instruções específicas aos estudantes. Para realizá-lo é necessária a criação de um ambiente virtual de aprendizagem e um sistema que hospede o servidor.

No entanto Gomes (2005, p. 232) afirma que não é qualquer tecnologia destinada a apoiar a educação *on-line* que podem ser intitulados de *e-learning*, pois elas precisam atender a características específicas dentre elas:

proporcionar facilidade de acesso à informação, rápida publicação, distribuição e atualização de conteúdos, pela diversidade de ferramentas e serviços de comunicação e colaboração entre todos os

intervenientes no processo de ensino-aprendizagem e pela possibilidade de desenvolvimento de “hipermídia colaborativos” de suporte à aprendizagem.

Para Pimenta e Batista (2004) devido ao grande interesse em se investir no aprendizado e-learning observa-se uma clara evolução das ferramentas disponíveis para oferecimento de cursos na modalidade à distância. Os *Learning Management System* (LMS) são sistemas que apresentam facilidades para o processo de gestão de aprendizagem, como disponibilizar um conjunto de recursos que possibilitam registro, a monitoração, avaliação das atividades dos estudantes essenciais para um desenvolvimento mais consistente, sistemático, continuado e rentável das iniciativas no domínio do e-learning.

Almeida (2003) discute que os ambientes de aprendizagem virtual (AVA) são gestores das informações organizados e definidos de acordo com as características de cada *software* e possuem bancos de informações representados em diferentes mídias e interligadas por meio de conexões (*links* internos ou externos ao sistema).

Para Tavares (2006) com o crescimento gradual da educação *on-line* e das TIC tornou-se necessário organizar as informações nos AVA e assim surgiram as plataforma de ensino. O *Modular Object Oriented Dynamic Learning Environment* (MOODLE) elaborado por Martin Dougiamas da Universidade de Perth na Austrália, é um software gratuito prático e eficaz para utilização em ambiente educativo e colaborativo *on-line*. O Moodle é uma plataforma de ensino presente em mais de 200 países, traduzidos para 75 idiomas, portanto um dos mais utilizados no mundo.

Anjos (2009) descreve que o Moodle é um *software* livre no qual o usuário pode criar, executar, modificar, comercializar, e este foi desenvolvido para um processo de interação livre durante o processo de aprendizado. Tavares (2006) afirma que o Moodle, por ser um sistema *open-source* possui um código aberto que permite aos professores criarem comunidades de aprendizagem conforme suas próprias necessidades.

O Moodle é uma plataforma *e-learning* com sistema de gestão de ensino e aprendizagem, o qual apresenta funcionalidades que possibilitam participação, comunicação e colaboração entre estudantes e professor. Ele disponibiliza diversas atividades elaboradas para efeito de discussões de fórum, produções de textos coletivos, trabalhos enviados, lições com questões. (DOUGIAMAS, 1999)

O Moodle foi elaborado a partir de uma proposta de aprendizagem focada na teoria social construtivista. Nessa abordagem esse *software* preconiza que o estudante participe na resolução de problemas que lhe são impostos e que utilize o pensamento crítico durante a realização das atividades a fim de que construa seu conhecimento. No entanto, a capacidade de moldar a plataforma segundo conceitos construtivistas está nas mãos dos profissionais envolvidos na elaboração dos cursos, portanto as formas de sua utilização é que vão definir a sua interação e construção social e cognitiva da aprendizagem. (VALENTE, MOREIRA e DIAS, 2009)

Para Flores, Flores e Escolar (2008) a utilização de *softwares* como o moodle reorienta a prática de um novo modelo de aprendizagem baseado no construtivismo social. Assim as ferramentas disponibilizadas nessa plataforma promovem um espaço de colaboração *on-line* que permite a construção coletiva de conhecimento, oportunidades de interação, promoção de autonomia responsabilizando o estudante pelo seu processo de aprendizagem.

O Moodle possibilita a construção de conhecimento pelos estudantes a partir de suas atividades sociais e não somente pela realização de tarefas individualizadas focadas no processo de cognição. Dessa forma o processo de aprendizagem do estudante no AVA é influenciado pela cultura e pelas suas interações com os outros estudantes, pois cada estudante interpreta a realidade a partir de experiência pessoal e estrutura cognitiva que possui. (LISBÔA et al 2009)

Para Okada (2009, p.82) nos cursos oferecidos a partir da plataforma moodle, a construção coletiva do conhecimento pode ser compreendida a partir da teoria de aprendizagem colaborativa.

Na aprendizagem colaborativa o estudante pensa por si mesmo e age de maneira autônoma na interação com seus colegas e professores. Assim ele sente e faz os seus atos com reflexão, prudência, zelo e certa habilidade, sem omitir nada para se obter os seus respectivos efeitos, consequências e resultados. Ele tem a oportunidade de comparar seu processo de pensamento com o dos outros de olhos voltados para um objetivo comum. A intenção é reavivar o pensamento crítico, cujo trabalho espontâneo em equipe o favorece e o fortalece.

Durante o desenvolvimento de cursos *on-line* oferecidos a partir da plataforma moodle, OKADA (2009) ainda destaca a importância da “mediação pedagógica” principal papel a ser realizado pelo formador. Para este ator na aprendizagem mediada o

professor é compreendido como um facilitador, incentivador e motivador do processo de aprendizagem. Ele torna compreensível e acessível aos estudantes os conteúdos, atividades e ferramentas tecnológicas disponibilizadas no AVA. O processo de mediação geralmente ocorre por meio do constante diálogo professor estudante, a partir troca de experiência, do debate sobre dúvidas e questões problemáticas. Por sua vez, o papel do estudante na mediação é ser participativo e responsável pela sua aprendizagem.

Assim para Valente, Moreira e Dias (2009) torna-se inevitável a partir dessas perspectivas de aprendizagem realizar o deslocamento do ensino centralizado no professor para uma ação grupal, deixando à comunidade de aprendizagem a liderança das atividades de intervenção acompanhamento e construção do conhecimento.

É fundamental discutir que as TIC's provocam mudanças que alteram substancialmente o modo de ensinar e aprender. Na educação *on-line* é o estudante o principal responsável pelo seu desempenho. Portanto o grau de envolvimento desse estudante no curso e o cuidado do professor ao elaborar o AVA são fundamentais, de forma a possibilitar a construção social da aprendizagem e o processo de mediação pedagógica para proporcionar o aprendizado do estudante de forma autônoma e independente.

Para Almeida (2003, p.12) participar de um curso *on-line* em AVA e colaborativo significa:

mergulhar em um mundo virtual cuja comunicação se dá essencialmente pela leitura e interpretação de materiais didáticos textuais e hipertextuais, pela leitura da escrita do pensamento do outro, pela expressão do próprio pensamento por meio da escrita. Significa conviver com a diversidade e a singularidade, trocar idéias e experiências, realizar simulações, testar hipóteses, resolver problemas e criar novas situações, engajando-se na construção coletiva de uma ecologia da informação, na qual valores, motivações, hábitos e práticas são compartilhados.

Assim, a leitura e a interpretação de texto são aspectos essenciais para o desenvolvimento do aprendizado em cursos *on-line*. Portanto para se elaborar programas *on-line* é necessário cuidado específico com o material didático utilizado para que seja claro, objetivo e pontual a fim de amenizar o aparecimento de possíveis dúvidas. É importante apresentar as temáticas de forma gradual ao estudante por meio de módulos que facilitem a compreensão sobre a temática. Os tutoriais podem

promover o entendimento sobre as ações que devem ser realizadas nesse ambiente. (MIRANDA, 2009).

Para Lobato (2009) um curso *on-line* deve disponibilizar recursos didáticos com apoio de tutoriais que proporcionem a autonomia do estudante ao manusear o AVA indicando ao estudante caminhos a serem trilhado. Portanto para elaborar um programa de ensino *on-line* leva-se em consideração o público-alvo, o seu contexto social e os objetivos de aprendizagem. Vale ressaltar que o material didático produzido deve proporcionar múltiplas interações ao estudante e conseqüentemente, a aprendizagem qualitativa. O estudante deve participar de um ambiente virtual de aprendizagem organizado e que desenvolva e estimule sua capacidade de reflexão.

No que se refere à formação de terapeutas ocupacionais Pfeiffer (2000) descreve que as práticas pedagógicas têm sido discutidas a fim possibilitar a criticidade e reflexão. Tal fato contribui para tornar os estudantes não sendo recriadores de modelos, mas criadores de sua própria prática. Britoa (2008) discute que o processo de ensino se transforma diante das demandas de novas competências aos terapeutas ocupacionais. O ensino-aprendizagem deve prever situações reflexivas a fim de que os estudantes sejam capazes de aprender como atuar diante de problemas globais e fundamentais.

Almeida et al (2010) destacam a importância de possibilitar ao estudante rever os conceitos discutidos por meio de experiências práticas a fim de desenvolver competências para atuação na área de formação. Para Britoa (2008) o estudante deve ser formado para identificar, compreender e intervir em situações que dificultem ou impossibilitem a inclusão social e autonomia de indivíduos, considerando os aspectos culturais, políticos, econômicos, biológicos e psicossociais.

Nesse sentido Almeida et al (2010) afirmam que durante o desenvolvimento das aulas teóricas é fundamental problematizar os assuntos com estudos de caso e exposição de possíveis situações com características reais de forma a favorecer a aprendizagem do estudante. Os mesmos autores ainda discutem sobre a importância de oferecer aos estudantes desafios a serem solucionados que favoreçam a articulação do conhecimento. Nesse sentido empodera-se esse estudante para que o professor atue como facilitador desse processo.

Por meio desta atuação o professor segundo Britoa (2008) privilegia no estudante a sua autonomia, o qual não é apenas receptor de informações e sim um estudante ativo. Deve-se problematizar sua percepção no grupo que está inserido de

forma a promover uma aprendizagem cooperativa o que pressupõe pensar, investigar, conhecer, crescer com competência e habilidade.

Dessa forma nota-se que as discussões feitas por meio dos estudos de Pfeiffer (2000), Britoa (2008), Almeida et al (2010) relacionam-se com a proposta de aprendizagem proposta pela plataforma moodle, fato que poderia favorecer a formação de continuada de terapeutas ocupacionais no que se refere a consultoria colaborativa.

Assim, o movimento de inclusão escolar exige uma mudança nos papéis dos profissionais da escola em geral, e em particular na atuação dos profissionais especialistas, entre eles os terapeutas ocupacionais. Nesse sentido, a consultoria colaborativa tem sido um modelo promissor de prestação de serviços apontados em vários estudos como de Rocha, Machado e Deliberato (2011), Bazyk et al (2009), Gebrael (2009), Dreiling e Bundy (2003), Golos et al (2011), Kemmins e Dunn (1996) e Dunn (1990) que têm demonstrado uma nova tendência da atuação do terapeutas ocupacionais nos contextos escolares. Apesar do crescente aumento dessas práticas de consultoria colaborativa, para Mendes (2006) ainda existem poucas informações disponíveis nas pesquisas sobre a aplicação prática de colaboração nas escolas, portanto deve se investir em estudos que abordem essa temática. Geralmente o foco destes estudos ainda está na defesa de uso do modelo e não nas formas de implementá-lo.

Bose e Hinojosa (2008) discutem que o processo real da colaboração na consultoria ainda permanece inexplorado e que esse modelo ainda não foi investigado a fundo nas escolas. Cassillas (2010) aponta para a necessidade da busca de desenvolvimento profissional dos terapeutas ocupacionais para atuarem por meio da consultoria colaborativa, pois entraves durante o processo colaborativo são observados, por não aplicarem-se todos os seus pressupostos, portanto esse ainda é um desafio a ser superado.

Estudos no país têm sido realizados para comprovar a eficácia do modelo e ainda apontam para a necessidade de se discutir a formação de graduandos para atuação em consultoria colaborativa. No entanto, pouco se tem discutido sobre a formação de terapeutas ocupacionais que já atuam na área escolar. Além disso, há que se considerar que a educação *on-line* tem se tornado uma importante modalidade de educação que pode disponibilizar desenvolvimento profissional de terapeutas ocupacionais de diferentes partes do país, visto que supera barreiras do espaço e do tempo, fato que contribui para que os profissionais possam buscar atualização de conhecimentos.

Diante desse cenário a questão de pesquisa deste estudo foi: *um programa on-line de ensino para terapeutas ocupacionais em consultoria colaborativa poderá favorecer a aquisição de conhecimento teórico prático a fim de que os profissionais da área escolar possam utilizar essa abordagem verdadeiramente colaborativa para atuar na inclusão escolar junto à formação de professores?*

1.5- Objetivos

Geral

- Desenvolver e avaliar possíveis efeitos de um programa de ensino on-line em consultoria colaborativa na escola para terapeutas ocupacionais como forma de prover serviços de apoio a inclusão escolar.

Específicos

- Desenvolver um programa teórico prático em consultoria colaborativa on line a partir da plataforma moodle para terapeutas ocupacionais em serviço no contexto escolar.
- Implementar o programa e descrever o desempenho dos terapeutas ocupacionais durante todo programa teórico prático on line em consultoria colaborativa.
- Identificar mudanças no discurso dos terapeutas ocupacionais após cursarem o programa em consultoria colaborativa.
- Investigar estratégias utilizadas no programa on line para favorecer o processo de ensino aprendizagem dos profissionais da Terapia Ocupacional na temática investigada.

METODOLOGIA

2.1-Delineamento metodológico.

A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo e pode ser identificada como pesquisa ação. Segundo TRIPP (2005) esse tipo de pesquisa tem características específicas dentre elas:

- Deve ser contínua, não repetida ou ocasional, ou seja, não se busca a generalização de resultados de forma quantitativa. O objetivo é produzir mudanças significativas a partir da participação do sujeito na pesquisa a fim compreender a prática por meio de sua melhora;
- Tem cunho participativo na medida em que inclui todos os envolvidos nela, portanto todos serão fundamentais durante o processo de pesquisa;
- A colaboração é o principal modo de trabalhar, portanto os terapeutas ocupacionais são considerados colaboradores e alvos do processo de investigação;
- Deve-se promover a reflexão dos terapeutas ocupacionais envolvidos nela a fim de sensibilizá-los a aprofundar seus questionamentos sobre a prática.

Considerando todos os aspectos discutidos acredita-se que o estudo atende a todos os critérios metodológicos. Propõe-se a elaboração de um programa de ensino baseados no princípio da abordagem pragmatista e da aprendizagem colaborativa. No caso dessa pesquisa o próprio elaborador e professor do programa foi o pesquisador, portanto houve ampla interação entre pesquisadores e pesquisados. Os terapeutas ocupacionais tornam-se parceiros intelectuais dos pesquisadores na compreensão dos fenômenos e na elaboração do conhecimento. A interação entre o pesquisador e o grupo pesquisado viabilizou um espaço de aprendizagem colaborativa, promovendo a partir de sua realidade a interação e ensino mútuo.

2.2- Local

O Programa de Ensino em Consultoria Colaborativa na escola para Terapeutas Ocupacionais, denominado COLABORA TO foi planejado e implementado por meio de

uma plataforma de aprendizagem disponibilizada pelo *software* moodle junto ao Programa de Extensão da Universidade Federal de São Carlos.

O moodle é caracterizado como *software* livre delineado para auxiliar educadores a organizar e gerenciar com facilidade cursos *on-line*, voltados para proporcionar a aprendizagem colaborativa que permitam ao estudante, professor e colegas se comunicarem, trocarem experiências e compartilharem discussões em um ambiente de estudos colaborativo.

2.3 - Seleção de Terapeutas ocupacionais

Os terapeutas ocupacionais foram selecionados a partir de um convite disponibilizado em um grupo de discussão *on-line* em Terapia Ocupacional. Para realizar esse convite enviou-se uma mensagem inicial com informações sobre o programa e seu público-alvo. Assim os estudantes interessados deveriam responder a mensagem demonstrando interesse em participar do programa.

Em seguida foi enviado aos interessados um instrumento que levantava os dados pessoais dos terapeutas ocupacionais e o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*. Dessa forma por meio do envio dos documentos preenchidos no prazo estabelecido, os estudantes se inscreviam no programa. Os critérios de seleção dos terapeutas ocupacionais foram: o interesse em participar do programa; a experiência dos profissionais na área escolar; e o envio dos documentos solicitados no prazo correto para realização da inscrição no curso.

Vale ressaltar que professores dos estudantes alvo também foram participantes do programa COLABORA TO. Para selecionar os professores os terapeutas ocupacionais foram instruídos a buscar uma escola de fácil acesso para o desenvolvimento da parceria. A única exigência estabelecida foi escolherem professores que tinham pelo menos um estudante com “necessidades educacionais especiais” em suas salas de aula.

2.4-Terapeuta ocupacionais

Iniciou-se o COLABORA com a presença de 17 terapeutas ocupacionais, no entanto durante o decorrer do curso houve a evasão de dez estudantes. Logo no início quatro estudantes deixaram o primeiro módulo, os outros seis desistiram de participar do curso a partir da exigência deles realizarem uma prática que seria de consultoria colaborativa nas escolas. Cumpre destacar que todos os terapeutas ocupacionais antes de

iniciar o COLABORA foram devidamente avisados sobre a necessidade de realizar a prática de consultoria colaborativa na escola

Vale ressaltar que, nesse caso a evasão dos terapeutas ocupacionais pode ter ocorrido, pois não mantinham vínculo empregatício com a instituição e nem tiveram que investir financeiramente para inscrever-se no curso porque o programa era totalmente gratuito. Mas mesmo diante destes problemas descritos um número significativo de sete terapeutas ocupacionais conseguiram finalizar o COLABORA.

Terapeutas Ocupacionais.

Participaram deste programa de ensino sete terapeutas ocupacionais atuantes na área escolar de diferentes localidades do país Criciúma (SC), Maringá (PR), Barroso (MG), São Carlos (SP), São Bernardo do Campo(SP), São Paulo (SP) e Jundiaí(SP). Estes possuíam graduação em diferentes cursos de Terapia Ocupacional no país dentre eles: Universidade de Uberaba; Pontifícia Universidade Católica, Universidade de São Paulo, Universidade Estadual Júlio de Mesquita, Universidade São Camilo, Universidade Federal de São Paulo e Universidade Federal de Minas Gerais. A experiência dos estudantes na área escolar variou de seis meses a treze anos.

Os terapeutas ocupacionais foram seis mulheres e um homem, e a idade variou de 23 à 48 anos, todos com experiências na área de educação especial, ensino regular e nas secretarias de educação.

Para garantir o sigilo dos terapeutas ocupacionais da pesquisa, eles foram identificados a partir de letras e números. Utilizou-se letras para designar (T) terapeutas ocupacionais e os números de 1 à 7 para identificá-los. As letras iniciais do nome dos terapeutas ocupacionais foram descritas ao lado das siglas entre parênteses. Assim os terapeutas ocupacionais que cursaram o COLABORA TO foram T1; T2, T3, T4, T5, T6 e T7. O Quadro 1 apresenta as características dos terapeutas ocupacionais do estudo.

Quadro 1- Caracterização dos Terapeutas Ocupacionais que participaram do COLABORA TO.

Terapeutas ocupacionais	Idade	Ano de Conclusão do curso	Local da graduação	Anos de experiência	Experiência profissional na área escolar	Cidade que reside
T1	36anos	1995	Pontifícia Universidade Católica	1 ano	Associação de Assistência a Criança Deficiente de Osasco Associação de Educação Terapêutica para pessoas com lesão neurológica. Instituto Luiz Braille Centro de Recursos de Aprendizagem e Saúde Escolar (SUMARÉ) Equipe de Assessoria a Educação Inclusiva (AMPARO)	Jundiaí-SP
T2	27anos	2008	Universidade Federal de Minas Gerais	3 anos	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais da cidade de Barroso.	Barroso-MG
T3	30anos	2002	Universidade De Uberaba	1 ano e meio	NASF, orientação de professores em sala de aula e construindo material adaptado.	Criciúmas
T4	23anos	2009	Universidade Estadual Paulista	1 ano	Escola Pública na cidade de Marília na sala regular e sala de recurso, 1 ano de experiência em um projeto de extensão.	São Carlos-SP
T5	30anos	2002	Centro Universitário São Camilo	13 anos	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Santos Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Mauá Orientação aos profissionais da Escola Maternal Janjão.	São Bernardo do Campo-SP
T6	48anos	1985	Universidade de São Paulo	5 anos	Sociedade Pestalozzi Pequeno Cotolengo de Don Orione Execução do Programa de Inclusão de Crianças Portadoras de Necessidades Especiais na rede de Creches da Prefeitura de São Paulo	Maringá-SC
T7	24anos	2009	Universidade Federal de São Paulo	6 meses	Lar Escola São Francisco (agosto/2009 – dezembro/2009) Atenção Primária a Saúde Santa Marcelina	São Paulo-SP

Composição das parcerias colaborativas nas escolas.

Os seis professores participantes residiam na mesma cidade que os terapeutas ocupacionais trabalhavam e todos eles tinham em sua sala estudantes com necessidades educacionais especiais. Três dos professores lecionavam em escolas regulares particulares, um em uma escola municipal, um em escola estadual e um em escola especial. O nível e série para os quais os professores lecionavam variou da educação infantil ao segundo ano do ensino fundamental.

Com os professores, os terapeutas ocupacionais deveriam portanto desenvolver parcerias colaborativas nas escolas localizadas nas cidades de suas residências. Assim os seis professores serviram como medida indireta da pesquisa, a fim de viabilizar praticamente a aplicação do conhecimento sobre consultoria colaborativa. Para garantir o sigilo dos professores da pesquisa, eles foram identificados a partir de letras e números. Utilizou-se a letra (P) para designar os professores, (E) para estudantes, T para os terapeutas ocupacionais e os números de 2 à 7 para identificá-los.

Os professores que participaram das parcerias colaborativas foram identificados como P2; P3;P4;P5;P6; P7 e os estudantes como E2;E3;E4;E5;E6,E7. Vale ressaltar aqui que as parcerias descritas começam no número 2, pois dos 7 terapeutas ocupacionais que participaram apenas 6 cursaram o programa até o final.

O quadro 2 apresenta as características dos professores parceiros dos Terapeutas Ocupacionais que participaram do estudo.

Quadro 2. Caracterização das parcerias nas escolas.

Professores	Terapeutas	Estudantes	Sexo	Idade	Sala	Escola
P2	T2	E2	Masculino	9 anos	2º ano	Especial
P3	T3	E3	Masculino	7 anos	1ºano	Estadual
P4	T4	E4	Masculino	4 anos	Educação Infantil	Particular
P5	T5	E5	Feminino	2 anos	Educação Infantil	Particular
P6	T6	E6	Feminino	9 anos	1º ano	Particular
P7	T7	E7	Feminino	3 anos	Educação Infantil	Municipal

2.5- Materiais e Equipamentos.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizados:

- O computador e a internet a fim de proporcionar o acesso ao ambiente virtual de aprendizagem;
- O *software* moodle para hospedar o COLABORA no Programa de Extensão da Universidade Federal de São Carlos;
- O *software* Skype Premium para realização de conversas em grupo com a disponibilização de imagem;
- O gravador digital para transcrição dos materiais gravados durante o grupo focal,
- Uma impressora;
- Material de escritório (cartuchos, folhas sulfite, etc).

2.6-Instrumentos de coleta de dados.

❖ *Questionário de Caracterização dos Terapeutas Ocupacionais:* Teve como objetivo caracterizar os terapeutas ocupacionais participantes do estudo, coletando informações tais como: dados pessoais dos participantes para o cadastramento (e-mail, endereço e telefones de contato, idade e local, e formação e experiência profissional, ano de conclusão do curso de graduação, instituição na qual a realizou, tempo e local de experiência profissional na área educacional) e conhecimento prévio dos terapeuta ocupacionais sobre o modelo de “consultoria colaborativa”. (APÊNDICE 1)

❖ *Estudos de Caso:* Foram construídos estudos de caso para verificar a aprendizagem dos terapeutas ocupacionais sobre as temáticas trabalhadas, antes e após a participação no programa Ele descrevia a situação de uma terapeuta ocupacional contratada que deveria prestar serviços de orientação a um professor de estudante com deficiência e solicitava aos terapeutas ocupacionais que ajudasse seu colega de trabalho a fim de que ele encontrasse o melhor caminho a ser seguido em busca da solução do caso. Para isso ela precisava orientar o colega terapeuta sobre o melhor local para desenvolver sua ação, deveria descrever de que forma iniciaria as suas ações no contexto, como faria o processo avaliativo e interventivo. No momento de *pós-teste* as respostas dadas durante o *pré-teste* tiveram a possibilidade de ser mantidas, alteradas ou

completadas pelos terapeutas ocupacionais. Ainda durante o pós-teste anexou-se ao estudo de caso a definição inicial que trouxeram sobre consultoria colaborativa para que respondessem novamente. A partir desse estudo de caso utilizado foi possível verificar mudanças no repertório de conhecimento inicial e final dos terapeutas ocupacionais após o COLABORA sobre a consultoria colaborativa. (APÊNDICE 2)

Durante o desenvolvimento do COLABORA também existiram vários estudos de caso utilizados para verificar a aprendizagem dos conceitos discutidos nos diferentes módulos. Esses casos consistiam em apresentar aos estudantes uma situação fictícia com elementos próximos da realidade que exigem articulação dos conceitos apreendidos por meio de situações práticas.

Nos estudos de caso trabalhou-se com os possíveis antecedentes de um episódio, da mesma maneira que se estivessem vivenciando realmente aquele processo. Assim foram fornecidas possibilidades do estudante refletir sobre a tomada de decisões, compartilhar experiências, revelar desafios e oportunidades por meio das lições aprendidas e ainda estimulá-los a desenvolver práticas pioneiras durante o desenvolvimento da parte prática do programa com o desenvolvimento das parcerias nas escolas.

Os estudos de caso foram apresentados aos terapeutas ocupacionais por meio de várias ferramentas dentre elas:

- as *tarefas* que permitiu aos terapeutas respondê-las e enviá-las em arquivo individual ao professor para verificar a aprendizagem dos conceitos discutidos nos diferentes módulos;
- os *fóruns* o qual viabilizou a integração entre os terapeutas ocupacionais da atividade através da discussão coletiva sobre determinados temas e estudos de caso sem que fosse necessário, todos os terapeutas ocupacionais estarem *on-line* ao mesmo tempo;
- a *wiki*, ferramenta disponibilizada pelo ambiente moodle para oportunizar a construção coletiva de um texto por vários autores. Assim a partir da utilização de estudos de caso os estudantes tinham a chance de realizar um trabalho em grupo.

❖ *Diário de Bordo*: ferramenta utilizada durante a pesquisa, e tinha como principal objetivo levantar dados sobre a opinião do estudante e o desenvolvimento do curso a partir de um processo reflexivo. Dessa forma foi utilizado durante cinco módulos do

programa como uma forma de levantar as impressões sobre a aprendizagem de cada estudante ao final da realização das atividades.

❖ *Relatório Final da Prática em Consultoria Colaborativa:* Foi utilizado para verificar aspectos teórico-práticos sobre a parceria colaborativa dos terapeutas ocupacionais na escola. Dentre as temáticas presentes no instrumento descreveu-se: os princípios da consultoria colaborativa; o processo de empoderamento no desenvolvimento da parceria; a utilização das habilidades comunicativas no decorrer do processo; as etapas necessárias para implementação da consultoria colaborativa; os papéis do consultor realizados; a natureza e modelo de consultoria colaborativa trabalhados; a descrição do papel do professor na parceria e por fim os benefícios obtidos e os desafios enfrentados. (APÊNDICE 3)

❖ *Protocolo de Avaliação Final do Programa:* O objetivo deste instrumento foi levantar a opinião pessoal dos terapeutas ocupacionais sobre o programa e seu processo de aprendizagem. Este protocolo foi composto por questões abertas e fechadas a respeito dos conteúdos abordados durante os módulos referentes ao material didático, relevância dos temas, avaliação com relação ao desempenho do professor (domínio de conteúdo, cumprimento do programa, carga horária, métodos didáticos, relação professor-estudante e forma de exposição das idéias). (APÊNDICE 4)

❖ *Roteiro de perguntas para o grupo focal:* Foi elaborado com o objetivo de orientar o seu desenvolvimento por meio de perguntas disparadoras que demandavam a opinião dos terapeutas ocupacionais sobre: o modelo de consultoria colaborativa a partir de seus desafios e possibilidades; a vivência da parceria na escola junto aos professores; a contribuição da consultoria colaborativa para a prática profissional dos terapeutas ocupacionais; e a utilização da educação *on-line* como ferramenta de aprendizagem. (APÊNDICE 5)

❖ *Medida Canadense de Performance Ocupacional –COPM (LAW et al 2009):* utilizada para avaliar o impacto da consultoria colaborativa ao professor no desempenho do seus estudante. Este instrumento teve o objetivo primeiramente levantar situações problemas junto aos professores quanto a comprometimento na área de desempenho ocupacional que interferia no processo de desenvolvimento das atividades escolares.

Assim estes problemas foram identificados como base para estabelecimento de prioridades de trabalho durante o processo de intervenção. Ao final do processo de consultoria colaborativa os terapeutas ocupacionais reaplicaram a COPM para avaliar o desempenho e satisfação, e também para medir as mudanças na percepção dos professores sobre as intervenções realizadas. A COPM é frequentemente utilizada como uma medida de desfecho em programas de intervenção, sendo que uma mudança de dois pontos em qualquer uma das escalas é considerada significativa. Portanto, é um instrumento que auxiliará o professor identificar metas de intervenção e quantificá-las em relação à importância, qualidade do desempenho e grau de satisfação com o desempenho em uma escala de 1 a 10 (exemplo: 1 = insatisfeito; 10 = totalmente satisfeito)

As pontuações servem para engajar imediatamente o professor na definição de prioridades. Ao final obtém-se uma nota única somando os escores de cada problema e dividindo pelo número dos mesmos. A COPM classifica três ocupações como principais: as atividades de autocuidado, mobilidade e funcionamento na comunidade; as atividades produtivas no caso trabalho, manejo das tarefas domésticas, escola e brincar e por fim as atividades de lazer. No entanto, para sua aplicação não é necessário abordar todas as ocupações porque pode ser feita por módulo, pois possibilita o uso do todo ou apenas partes e ainda é passível de pontuação numérica (LAW et al 2009).

Este instrumento foi selecionado para seguinte pesquisa, pois atende aos princípios da consultoria colaborativa considerando o ambiente do cliente, o estágio de desenvolvimento, os seus papéis e motivação, e ainda não precisa ser específico para grupo de diagnósticos.

2.7-Procedimento

2.7.2 Aspectos Éticos

O projeto foi encaminhado para o Comitê de Ética Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), o qual obteve um parecer favorável para o desenvolvimento da pesquisa e somente após esse fato iniciou-se a coleta de dados. (PROTOCOLO 0061.0.135.000-11– ANEXO 1).

Em seguida, foram identificados e recrutados os terapeutas ocupacionais interessados em participar da pesquisa, os quais confirmaram a sua participação por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Vale

ressaltar que os professores e as escolas que participaram do desenvolvimento da consultoria colaborativa também assinaram o TCLE para confirmar sua participação na pesquisa.

2.7.3- Etapa 1-Elaboração do COLABORA TO

O COLABORA TO teve por objetivo promover aos terapeutas ocupacionais a aprendizagem da utilização do modelo de consultoria colaborativa no contexto da escola. Assim esse programa foi elaborado para fornecer subsídios teóricos e práticos aos terapeutas ocupacionais a fim de ensiná-los a como implementar o modelo de consultoria colaborativa nas escolas.

O COLABORA TO foi oferecido totalmente à distância, e utilizou o AVA moodle. Suas cento e vinte quatro horas foram distribuídas em seis módulos durante três meses.

Quadro 3- Estrutura do COLABORA TO

Módulos	Horas	Semanas
Módulo 1- Introdução ao ambiente virtual de aprendizagem moodle.	15	1 ^a
Módulo 2 - O papel do terapeutas ocupacionais frente à inclusão escolar.	10	2 ^a
Módulo 3- Princípios teóricos e práticos da Consultoria Colaborativa.	15	3 ^a
Módulo 4- Perfil do Consultor, habilidades comunicativas e os modelos de intervenção.	10	4 ^a
Módulo 5- A consultoria colaborativa em equipe e os desafios da colaboração.	10	6 ^a
Módulo 6- A prática de consultoria colaborativa no contexto escolar.	64	3 ^a à 12 ^a
Total	124	12 semanas

Para realizar o COLABORA TO contou-se com duas etapas, a primeira envolveu uma parte teórica. Foram programados cinco módulos que gradualmente apresentaram todos os princípios teóricos necessários para implementação do modelo de consultoria colaborativa.

A segunda parte do programa foi realizada por meio do módulo 6, momento no qual os terapeutas ocupacionais deveriam aplicar praticamente todos os conceitos teóricos aprendidos durante o COLABORA TO. O módulo 6 funcionava ao mesmo tempo em que os outros módulos teóricos e foi necessário sincronizá-los pois era necessário considerar o tempo para que a escola emitisse o aceite em participar da parceria. Vale ressaltar que as parcerias foram iniciadas somente após a aprendizagem dos conceitos discutidos nos módulos teóricos.

A parceria colaborativa prevista no módulo 6 deveria ser realizada semanalmente. Inicialmente era previsto a observação sistemática do estudante na rotina escolar, ou seja, sala de aula, pátio, refeitório, banheiro, quadra sendo este procedimento destinado ao processo de avaliação. Após essa sensibilização o terapeutas ocupacionais deveria realizar junto ao professor o planejamento de ações e estratégias diferenciadas a fim de atender as necessidades levantadas.

Em seguida, o professor, a partir da mediação dos terapeutas ocupacionais, deveria implementar as ações planejadas. O principal objetivo dessa ação prática foi de verificar se os conhecimentos aprendidos durante a parte teórica do estudo seriam aplicados no desenvolvimento da consultoria colaborativa.

Durante todo o desenvolvimento do COLABORA TO o professor pesquisador esteve presente no AVA, acessando-o em média cinco vezes ao dia, para sanar dúvidas rapidamente. Assim apesar de ser um curso oferecido on-line o professor pesquisador se fazia presente no ambiente de aprendizagem oferecendo uma grande assistência aos terapeutas ocupacionais.

O acompanhamento do professor pesquisador durante todo desenvolvimento do COLABORA TO foi fundamental para o assessoramento dos terapeutas ocupacionais, que atuou também como o professor e construtor do AVA do COLABORA TO.

O sistema de avaliação foi formativo, pois considerou todo o processo de desenvolvimento de atividades dentro do AVA. Os itens foram avaliados conforme as ferramentas utilizadas na realização das atividades. Ao todo foram distribuídos 50 pontos durante os módulos teóricos 1, 2, 3, 4 e 5 e mais 50 pontos durante o módulo prático, totalizando 100 pontos. Ao final os terapeutas ocupacionais que cumpriram todas as atividades e tiveram um desempenho acima de sessenta por cento ganharam um certificado emitido pelo Programa de Extensão da Universidade Federal de São Carlos.

Etapa 2 Implementação do COLABORA TO.

2.7.4- Procedimento de coleta de dados

Pré-Teste

Aplicou-se o pré-teste antes do início do COLABORA TO, enviou-se o *Questionário de Caracterização dos Terapeutas ocupacionais* e o *Estudo de Caso* via

correio eletrônico aos terapeutas ocupacionais. Nesse momento nenhum dos participantes tinham acesso ao ambiente virtual de aprendizagem do programa.

O primeiro instrumento teve como seu principal objetivo levantar o conhecimento teórico prévio dos terapeutas ocupacionais sobre consultoria colaborativa. O estudo de caso teve o objetivo levantar o repertório inicial de conhecimento sobre ações dos terapeutas ocupacionais em uma situação de auxílio ao professor a fim de viabilizar a escolarização de estudantes com NEE's.

Implementação do Programa

O programa de desenvolvimento profissional sobre consultoria colaborativa com os terapeutas ocupacionais foi desenvolvido durante quatro meses, totalizando 124 horas, e contou com discussões temáticas sobre consultoria colaborativa realizadas em nível teórico e prático. Primeiramente foram ministradas discussões temáticas sobre consultoria colaborativa a fim de viabilizar a preparação dos terapeutas ocupacionais para o desenvolvimento da prática. Verificou-se o repertório de aprendizagem dos terapeutas ocupacionais durante a parte teórica do COLABORA TO aplicou-se cinco estudos de caso, quatro fóruns de discussão, uma wiki e cinco diários de bordo.

Concomitantemente ao desenvolvimento da discussão teórica teve início as parcerias entre terapeutas ocupacionais e professores. Durante a prática da consultoria colaborativa aplicou-se oito diários de Campo, os estudantes ainda tiveram que participar de oito fóruns para socializar a experiência e redigir um Relatório Final da Prática em Consultoria Colaborativa.

Pós-Teste

O pós-teste foi realizado após todo o desenvolvimento do COLABORA TO a fim de avaliar o repertório de conhecimento final dos terapeutas ocupacionais sobre consultoria colaborativa. Para realizar essa avaliação foi distribuída aos terapeutas ocupacionais a versão do estudo de caso inicial respondido, e assim os terapeutas ocupacionais tiveram a possibilidade de manter suas respostas, alterá-las ou complementá-las. Ainda durante o pós-teste aplicou-se o Protocolo Final de Avaliação do Programa para levantar os dados de validação social.

Grupo focal

O grupo focal foi realizado ao final do desenvolvimento do pós-teste, sendo essa técnica utilizada em pesquisas na área educacional com fins avaliativos, objetivos interpretativos e reflexivos. O principal objetivo do grupo focal foi proporcionar discussões em grupo, a fim de que os terapeutas ocupacionais pudessem contribuir com comentários que retratassem suas opiniões, experiências pessoais e cotidianas com relação à temática trabalhada. (GATTI, 2005)

Os objetivos do grupo focal na pesquisa foram: investigar a opinião dos estudantes a respeito do modelo de consultoria colaborativa; identificar suas possíveis contribuições para prática profissional; promover discussão sobre a experiência prática vivenciada pelos terapeutas ocupacionais do curso; e levantar as vantagens e desvantagens da educação *on-line* como uma ferramenta educativa.

Durante o desenvolvimento do grupo focal o professor pesquisador agiu como mediador de forma não diretiva a fim de levantar a opinião sobre os assuntos discutidos, fossem elas positivas ou negativas. Devido à dificuldade dos terapeutas ocupacionais de se deslocarem para a Universidade Federal de São Carlos e de agendar dia comum para o encontro aplicou-se o procedimento com cinco terapeutas ocupacionais via grupo virtual com imagem e som viabilizado por meio do programa *Skype Premium*, que permite a chamada com vídeo em grupo. A duração do grupo focal foi de uma hora e meia.

Apesar de não ser possível avaliar a linguagem não verbal dos terapeutas ocupacionais durante o grupo focal acredita-se que a chamada de vídeo em grupo on line foi efetiva. Ela possibilitou que os terapeutas ocupacionais ficassem mais a vontade para verbalizar com maior desinibição sua opinião sobre os assuntos discutidos.

Avaliação do Programa

Para comprovar a eficácia o programa foi avaliado a partir procedimentos de mensuração aplicados antes, durante e depois da intervenção. Na etapa do pré-teste utilizou-se o *Questionário de Caracterização dos Terapeutas ocupacionais e o Estudo de Caso Inicial* para levantar o repertório de conhecimento dos terapeutas ocupacionais sobre as ações e atitude realizadas junto ao professor no contexto escolar.

Durante a implementação do curso foram feitas medidas para verificar o repertório de conhecimento apreendido durante as aulas ministradas. Entre as medidas utilizadas estavam presentes cinco *tarefas*, uma *wiki*, quatro *fóruns de discussão* e cinco

diários de bordo que serviram para mensurar o desempenho dos terapeutas ocupacionais durante as aulas teóricas.

Quanto ao desenvolvimento da parceria entre terapeutas ocupacionais e professor primeiramente os estudantes do curso de consultoria deveriam aplicar a *COPM* a fim de levantar os possíveis comprometimentos na área de desempenho ocupacional que interferiam no processo de desenvolvimento das atividades escolares. Eles estabeleceram com o professor as prioridades para a implementação do processo de consultoria colaborativa. No desenvolvimento da parte prática os estudantes participaram de oito *fóruns* de discussão e descreveram oito *diários de campo* relativo às ações realizadas e as consequências estabelecidas no processo de consultoria colaborativa. Ao final do processo de consultoria colaborativa os terapeutas ocupacionais reaplicaram a *COPM* novamente com intuito de levantar mudanças no desempenho dos estudantes alvos da intervenção e a satisfação dos professores sobre as intervenções realizadas. Além disso, ao término da consultoria colaborativa os terapeutas ocupacionais responderam ao *Relatório Final da Prática em Consultoria Colaborativa* no qual deveriam articular os conteúdos teóricos discutidos durante o programa com a sua prática.

Após o COLABORA TO como medida de pós-teste foi reaplicado o *estudo de caso inicial* para avaliar possíveis mudanças no repertório de conhecimentos adquiridos durante o programa sobre a consultoria colaborativa.

O *Protocolo de Avaliação Final do Programa* foi utilizado a fim de validar socialmente o COLABORA TO a partir da opinião pessoal dos terapeutas ocupacionais. E ainda durante o grupo focal aplicou-se o *Roteiro de Perguntas Disparadoras*.

O Quadro 4 sintetiza o delineamento com os procedimentos de coleta utilizados em cada etapa cada etapa

Quadro 4- Medidas utilizadas durante o pré-teste, intervenção e pós-teste

Etapas da Pesquisa	Medidas a serem utilizadas	Terapeutas ocupacionais
Pré-Teste	Estudo de Caso. Questionário de caracterização dos terapeutas ocupacionais.	Terapeutas ocupacionais Terapeutas ocupacionais
Intervenção	Programa Teórico 5 Estudos de Caso. 4 Fóruns de Discussão. 1 wiki.	Terapeutas ocupacionais Terapeutas ocupacionais Terapeutas ocupacionais
	5 Diários de Bordo	Terapeutas ocupacionais
	Prática da consultoria colaborativa. COPM	Terapeutas ocupacionais
	8 Diários de Campo . 8 Fóruns.	Terapeutas ocupacionais Terapeutas ocupacionais
	Relatório Final da Prática em Consultoria Colaborativa.	Terapeutas ocupacionais
Pós-Teste	Estudo de Caso.	Terapeutas ocupacionais
	Protocolo de Avaliação Final do Programa.	Terapeutas ocupacionais
	Roteiro de perguntas disparadoras do grupo focal.	Terapeutas ocupacionais

2.8- Procedimento de Análise de Dados

Os dados foram analisados de forma qualitativa e procurou-se descrever primeiramente o conceito inicial dos terapeutas ocupacionais sobre consultoria colaborativa. Em seguida foi descrito o desempenho dos terapeutas ocupacionais durante a parte teórica e prática do COLABORA TO.

Em seguida foram descritas as mudanças nas ações dos terapeutas ocupacionais após participarem do programa, incluindo os resultados referente a análise do processo de aprendizagem a partir da validação social e as contribuições no COLABORA TO na visão dos terapeutas ocupacionais. Como os resultados desse programa são extensos utilizaram-se mapas conceituais a fim de discutir os principais dados de forma resumida.

Para compor a apresentação do repertório inicial sobre consultoria colaborativa utilizou-se apenas o *Questionário de Caracterização Inicial dos Terapeutas ocupacionais*. O desempenho dos terapeutas ocupacionais durante o COLABORA TO foi avaliado a partir dos 5 *estudos de caso*, 4 *fóruns de discussão* e 1 *wiki*.

No decorrer da parte prática utilizaram-se, para cada parceria (Terapeuta-Ocupacional- Professor) os resultados da *Medida Canadense de Desempenho Ocupacional*, oito *Diários de Campo*, oito *fóruns* e um *Relatório Final da Prática em Consultoria Colaborativa*. Ao término da apresentação do desempenho dos terapeutas ocupacionais foi apresentado o conceito de consultoria colaborativa após a finalização do programa.

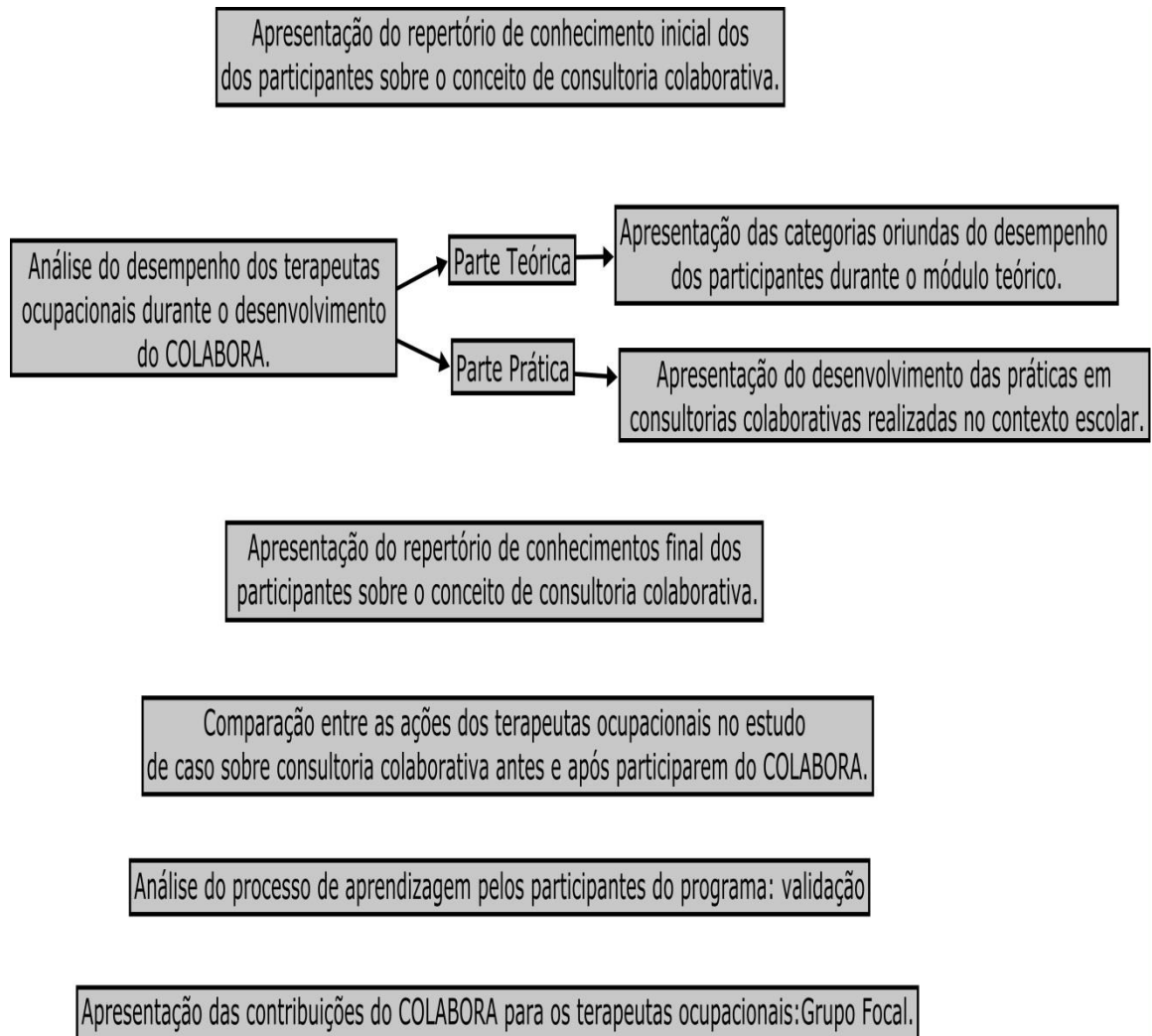
Para comparar possíveis mudanças nas ações dos terapeutas ocupacionais antes e após a participação no COLABORA TO utilizou-se o *estudo de caso* versão inicial e final. E por fim para realizar a análise de processo de aprendizagem a partir da validação social do COLABORA TO usou-se o *Protocolo de Avaliação Final do Programa* e os cinco *diários de bordo* que os terapeutas ocupacionais preenchiam durante o desenvolvimento do COLABORA TO.

Com todos esses instrumentos já separados por etapa de apresentação temática dos resultados iniciou-se a fase de análise dos dados. Os conhecimentos sobre consultoria colaborativa na inclusão escolar foram avaliados por meio da participação dos terapeutas ocupacionais no COLABORA TO. Assim o processo de análise pautou-se nos seguintes passos: leitura e releitura de todo material produzido a partir da participação dos terapeutas ocupacionais no COLABORA TO; pré-análise do material por instrumento utilizado; seleção do material utilizado; identificação de categorias de análise por meio da classificação entre as semelhanças e diferenças com possíveis reagrupamentos em função de características comuns; sistematização dos resultados e apresentação da análise de dados.

O critério utilizado para elaboração das categorias foi o semântico assim as agrupou-se a partir de temas específicos destinados a compreender o universo da consultoria colaborativa. Cabe ressaltar que as categorias podem ser consideradas empíricas e também priore, pois elas surgem a partir de discussões disparadas pelo próprio programa (BARDIN, 1997)

Após a elaboração das categorias elas foram avaliadas na íntegra por dois juízes, estudantes do Programa de Educação Especial da UFSCar. A eles foram apresentados os nomes das categorias, as citações de cada terapeuta ocupacional que as integrava, esses juízes deveriam descrever se concordavam ou não com as nomeações dadas pelo pesquisador. Caso evidenciasse que o termo utilizado não estava claro eles poderiam sugerir opções para modificar as nomeações. O índice de concordância, da análise das categorias, obtido entre os juízes foi de 85%, portanto, sendo considerado um bom índice de concordância. Depois da apreciação foram realizadas pequenas mudanças referentes a adequações a nomeação das categorias. O esquema abaixo apresenta como foi realizada a apresentação dos dados durante a descrição dos resultados.

Síntese da apresentação dos dados.



Os dados foram apresentados em forma de tabelas ou quadros com a descrição da frequência absoluta de cada uma delas, além disso, existem os trechos das falas de cada terapeutas ocupacionais para ilustrar as diferentes categorias. Assim a partir dos resultados tornou-se possível acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem dos terapeutas ocupacionais ao longo do desenvolvimento do programa.

3.0- RESULTADOS

Os resultados detalhados a seguir foram organizados em 10 sessões, a saber:

1. . Compreensão do conceito teórico consultoria colaborativa antes do COLABORA TO
2. Análise do desempenho dos terapeutas ocupacionais durante o programa teórico
3. Discussão dos resultados relativos ao desempenho dos terapeutas ocupacionais durante a parte teórica do programa
4. Desenvolvimento das práticas de consultoria colaborativa no contexto escolar
5. Discussão sobre as práticas de consultoria colaborativa realizada
6. Evolução do conceito teórico consultoria colaborativa depois do COLABORA TO
7. Comparação das atitudes dos terapeutas ocupacionais em consultoria colaborativa antes e após o colabora
8. Análise do processo de aprendizagem pelos terapeutas ocupacionais do COLABORA TO
9. Discussão dos resultados referente à análise do processo de aprendizagem
10. Contribuições do COLABORA TO para os terapeutas ocupacionais: o grupo focal

3.1-COMPREENSÃO DO CONCEITO TEÓRICO CONSULTORIA COLABORATIVA ANTES DO COLABORA TO

Os primeiros dados discutidos apresentam a conceituação dos terapeutas ocupacionais sobre consultoria colaborativa. Na Figura 1 é possível observar se os terapeutas ocupacionais já tinham algum conhecimento prévio sobre a temática.

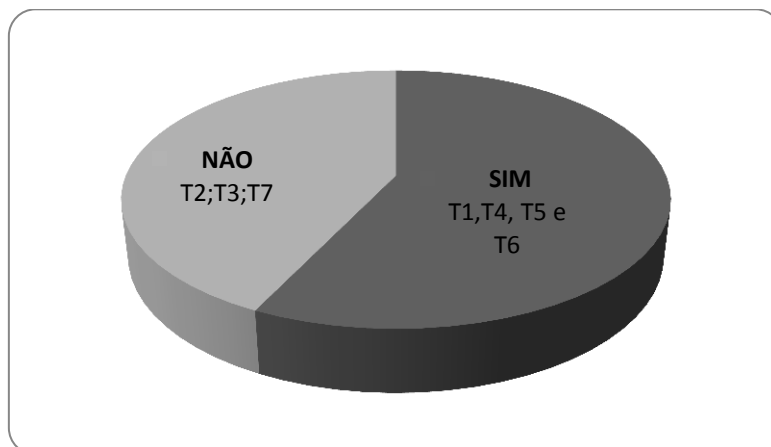


Figura 1- Conhecimento prévio sobre consultoria colaborativa pelos os terapeutas ocupacionais.

Assim durante o pré-teste quando questionados sobre o termo consultoria colaborativa. Constatou-se que um pouco mais que a metade dos terapeutas ocupacionais afirmou já ter conhecimento inicial sobre a consultoria colaborativa e de várias formas. Os terapeutas ocupacionais T1 conheceu o termo no seu ambiente de trabalho, T4 iniciou o contato com a consultoria colaborativa a partir de eventos científicos. T5 tinha lido artigos sobre o tema e por fim T6 entrou em contato com o assunto em discussões de grupos *on-line* sobre inclusão escolar. Observou-se que inicialmente quatro estudantes já conheciam a temática, fato que revela a atualidade da temática discutida entre os terapeutas ocupacionais que trabalham na área da inclusão escolar.

A Tabela 1 apresenta qual a compreensão inicial dos terapeutas ocupacionais sobre o conceito de consultoria colaborativa. O dado a ser descrito foi levantado antes da realização do programa de formação sobre a temática.

Tabela 1-Significado de consultoria colaborativa para os terapeutas ocupacionais antes do início do COLABORA TO

Categories	Opinião dos Terapeutas Ocupacionais	Frequência Absoluta
Trabalho conjunto entre a escola e os profissionais especializados	<i>Trabalho colaborativo envolvendo educadores da escola regular e profissionais especializados. Estes que planejam e desenvolvem em conjunto estratégias de ensino para estudantes com necessidades especiais no contexto da sala de aula regular. T1 Sendo esta consultoria uma parceria com os educadores da escola. T3 É a parceria entre família e profissionais da área da educação e da área da saúde colaborando com a educação. T4 É o trabalho conjunto entre educadores e profissionais especializados. T7</i>	4
Fornecimento de serviços à escola.	<i>Profissionais que atuam dando suporte a equipe da escola. T2 Assessorar o professor a utilizar os materiais e conteúdos em sala no ensino regular para ensinar o estudante que possui algum tipo de deficiência ou dificuldade na aprendizagem. T4 Adequar, facilitar, orientar educadores, pais e estudantes T5 Um trabalho de diagnóstico, orientação e intervenção em âmbito escolar (ou outro a definir) que tenha uma linguagem muito próxima da prática institucional. T6</i>	4
As ações do terapeutas ocupacionais no contexto escolar.	<i>Adequações das atividades, dos currículos, das condutas, das concepções filosóficas implícitas nas ações no cotidiano escolar, até a indicação, confecção, orientação e utilização de recursos de tecnologia assistiva. T1 Penso que são profissionais que atuam dando suporte a equipe da escola em especial no que se refere a tecnologia assistiva. T2 Promover adaptações do espaço físico, nos mobiliários escolares e recursos de tecnologia assistiva para maximizar o desempenho funcional da criança no contexto escolar. T3</i>	3
Promoção da inclusão de estudantes com NEE's.	<i>Promover a acessibilidade aos espaços e atividades escolares e a construção de uma educação inclusiva para todos. T1 Proposta da consultoria colaborativa tem como estratégias para tornar de fato a prática da inclusão de crianças com limitações físicas e/ou intelectuais. T3 Favorecer a inclusão das crianças com necessidades educacionais especiais. T4 Promover a inclusão escolar no ensino regular de maneira satisfatória para todos. T5 A consultoria colaborativa tem a finalidade de atender demandas e expectativas dos seus clientes/estudantes dentro do espaço educacional. T7</i>	5

A primeira categoria descrita foi a do trabalho entre profissionais especializados e educadores. Nota-se que mesmo não descrevendo claramente o que significava o termo, T1, T3, T4 e T7 inicialmente já citavam em sua descrição princípios da consultoria colaborativa como parceria, trabalho conjunto, colaborativo e troca de

informações. Vale ressaltar que essa compreensão inicial pode também ser oriunda da própria dedução do significado pelo termo.

Outra categoria se refere ao fornecimento de serviços à escola compreendido como um trabalho do terapeutas ocupacionais sem necessariamente ter o foco da colaboração. Os terapeutas ocupacionais T2, T4, T5 e T6 descreveram ainda termos que se remetem a intervenções unidirecionais no qual o profissional presta serviços à escola de orientação, assessoramento e suporte exercendo a função de especialista e detentor do conhecimento. Em nenhum momento cita-se a importância de dialogar com os profissionais da escola.

Em seguida, os terapeutas ocupacionais T1, T2 e T3 se remetem a ações específicas a serem realizadas no contexto escolar. A descrição dessas possíveis intervenções durante o processo de explicação reflete a necessidade dos terapeutas ocupacionais de explicarem as ações terapêuticas ocupacionais na área escolar, fato que pode ser influenciado pela obrigação de delimitar seu papel. Esse posicionamento pode corroborar para um relacionamento unilateral entre os profissionais da escola e os terapeutas ocupacionais, os quais se apresentam como “detentores do saber” no processo, porque eles expõem apenas as ações de especialidade de sua área, e não a colaboração como um meio de efetivar suas ações na escola.

A partir da categoria promoção à inclusão escolar de estudantes com necessidades educacionais especiais observa-se que a finalidade das ações de consultoria colaborativa torna-se evidente. Nota-se que os terapeutas ocupacionais T1, T3, T5 e T7 acreditam que esse modelo é um meio de promover a inclusão escolar para atender demandas, maximizar desempenhos com intuito de alcançar uma escolarização satisfatória dos alunos que são público alvo da Educação Especial. E este é um ponto positivo na definição da conceituação do termo, pois demonstra a preocupação dos terapeutas ocupacionais em participarem de formações que os auxiliem a promover ações destinadas a potencializar suas ações na área de inclusão escolar.

Ao final foi possível observar que apesar de inicialmente os terapeutas ocupacionais afirmarem já ter ouvido falar sobre o conceito de consultoria colaborativa observa-se que ainda não existe uma compreensão exata sobre o conceito, pois os terapeutas ocupacionais ainda descrevem explicações que apresentam características do trabalho unidirecional, no qual desenvolvem ações na escola, sem necessariamente envolver o professor nesse processo. A única categoria que expressa aspectos relativo à colaboração é o trabalho em conjunto com os profissionais da escola.

3.2-ANÁLISE DO DESEMPENHO DOS ESTUDANTES DURANTE O PROGRAMA TEÓRICO

A Tabela 2 apresenta seis categorias derivadas das respostas dos terapeutas ocupacionais sobre os novos papéis dos terapeutas ocupacionais diante da inclusão escolar, levantadas a partir deles nos fóruns de discussões disparados por meio de dois estudos de casos.

Tabela 2-Novos papéis dos terapeutas ocupacionais diante da inclusão escolar.

<i>Categorias</i>	<i>Terapeutas ocupacionais das categorias</i>	<i>Frequência absoluta</i>
A escola como um espaço de atuação do Terapeutas ocupacionais.	Todos	7
A importância da consultoria colaborativa na escola para o trabalho dos terapeutas ocupacionais.	Todos	7
A contribuição dos terapeutas ocupacionais para formação de professores.	T1; T2; T4; T5 T6	5
Dificuldade dos terapeutas ocupacionais para buscar desenvolvimento profissional.	T2; T3; T4 e T5	4
Intervenção preferencial versus consultoria colaborativa na escola.	T3; T6 e T7	3
Mudança de paradigmas e as suas implicações para os terapeutas ocupacionais.	T1; T4 e T6	3

Dentre as temáticas mais discutidas entre os terapeutas ocupacionais têm se a escola como um espaço de atuação dos terapeutas ocupacionais.

“Estar no contexto escolar, fazer parte dele em algum momento para poder nos apropriar desta realidade e construir em conjunto com a escola novas estratégias para favorecer a inclusão do estudante, realmente é um grande e novo desafio. T1”

“O espaço extra clínico é muito rico, pois é o ambiente real do paciente e oferece ao terapeuta a possibilidade de ampliar sua intervenção tornando-a mais efetiva. T2”

“Para se ter sucesso, é necessário que o terapeutas ocupacionais conheça a rotina da escola, o ambiente, os professores e os recursos disponíveis.T3”

“Realizar o deslocamento da área clínica para atuação na área escolar. T4”

“A atuação para além das paredes do setting, além de embasar a intervenção da Terapia Ocupacional, fortalece os vínculos com o cliente. T5”

“Mudança de paradigma de deixarmos uma atuação voltada para a clínica fechada é fundamental, bem como modificarmos nossa visão frente a outros profissionais, no caso o professor. T6”

“O erro de muitos terapeutas é se "trancarem no setting”, dando uma falsa impressão de que suas intervenções sempre serão positivas, esquecendo de que o setting nem sempre reproduz a realidade do cliente. T7”

Segundo todos os terapeutas ocupacionais conhecer o desenvolvimento do estudante na escola é compreender as suas reais necessidades no cotidiano, porque o espaço clínico nem sempre consegue ser sensível à detecção de seus problemas reais. Também é um meio de modificar a visão a respeito da atuação do professor e ainda entender qual é a dinâmica de funcionamento da escola, pois segundo os terapeutas ocupacionais ela não pode ser entendida como um apêndice do contexto clínico. A atuação dos terapeutas ocupacionais na escola oferece oportunidades de ampliar as intervenções e fortalecer o vínculo com o estudante.

Nesse deslocamento ao contexto escolar a colaboração passa a ser o foco das ações, portanto após entrarem em contato com princípios da consultoria colaborativa todos os terapeutas ocupacionais a mencionam como fundamental para desenvolvimento das intervenções.

“A inclusão escolar é algo que estamos aprendendo a construir, porque é novo para todos. A prática em consultoria colaborativa faz toda a diferença nesta construção. T1”

“A consultoria colaborativa poderia sim contribuir para o trabalho do terapeuta de forma a instrumentalizá-la a atuar num contexto extra clínico de maneira a desenvolver parcerias com os profissionais que irão lidar com as pessoas com necessidades especiais. T2”

“Nós profissionais da saúde aliado ao professor iremos promover novas alternativas para melhorar o ensino aprendizagem da criança em questão. O profissional estaria colaborando com este professor e conseqüentemente, este professor estará colaborando com o terapeuta. T3”

“A consultoria colaborativa teria o objetivo de trabalhar com os diferentes profissionais com metas e objetivos comuns. Por meio do trabalho colaborativo tornar os profissionais mais ativos e capacitados, proporcionando inclusão escolar e social. T4”

“A consultoria colaborativa favorece a adesão das orientações realizadas pela terapeuta ocupacional no contexto escolar. T5”

“Através da Consultoria Colaborativa, o terapeuta conseguiria desenvolver as ações necessárias para atingir seus objetivos e também desenvolver uma nova forma de atuação, mais abrangente do que ficar somente no setting terapêutico até então utilizado. T6”

“A parte mais rica da consultoria colaborativa é a formação de parcerias que enriquece nossos saberes, olhares e intervenções, além de fortalecer vínculo. A partir dessa tríade terapeuta-professor-estudante, podemos pensar em estratégias que facilitem o processo de aprendizagem em o máximo de grau de independência do estudante durante as atividades. T7”

Os estudantes verbalizam e destacam a necessidade do estabelecimento de parceria entre os profissionais da área da saúde junto à escola. Esta favorecerá o processo de instrumentalização desse professor a fim de promover a inclusão escolar do estudante com deficiência e propiciar sua autonomia e independência na escola.

A próxima categoria descrita expressa que a consultoria colaborativa tem a finalidade de proporcionar a formação do professor. Isso é um fato positivo porque demonstra que o enfoque das ações na consultoria colaborativa é empoderar o professor e não apenas atender as necessidades específicas dos estudantes.

“Orientar a partir daquilo que o professor já sabe iniciar através de informações básicas, com sugestões de mudanças práticas, simples e possíveis. T1”

“Podemos ajudar os professores com nosso conhecimento técnico que irá desmistificar e favorecer a conduta delas com aquela criança. Mas também penso que isso deva acontecer de forma simples e prática, até porque elas são professoras e não terapeutas ocupacionais. T2”

“O TO poderá instrumentalizar o estudante, o professor e o ambiente escolar. T4”

“Após um diálogo simples, com informações básicas, já conseguimos grandes avanços dentro do ambiente de atividades oferecidas e aspectos sociais fundamentais para a inclusão. T5”

“Ter clareza de qual conteúdo o professor precisa receber em termos de formação, para que não aconteça de passarmos muitas informações técnicas, como se ele precisasse saber o que nós sabemos. T6”

Os terapeutas ocupacionais destacam a importância de contribuir com seu conhecimento especializado oriundo da sua área de formação. E para atingir tal meta deve-se iniciar as ações a partir do conhecimento o que o professor já tem. Os terapeutas ocupacionais ainda descrevem sobre a necessidade de realizar essa formação de forma simples e prática para promovê-la a partir de conteúdos que sejam próximos a realidade do professor.

Em seguida, os terapeutas ocupacionais discutem sobre a própria dificuldade em buscar desenvolvimento profissional.

“Acredito que o fato da terapeuta atuar a muitos anos no contexto clínico limita sua mudança de atitude, pois o profissional não sabe como fazer de outro jeito que não este. T2”

“Acredito que a mesma apresenta dificuldades em fazer mudanças em relação a sua intervenção pelo tempo de formação. T3”

“Acredito que no passado o conteúdo da graduação de terapia ocupacional não era tão completo como é hoje, ou seja, os professores/ docentes, não davam ênfase em olhar o biopsicossocial da pessoa. T4”

“Algumas pessoas podem ficar "acomodadas" em mudar sua maneira de atuar, ficam "presas" em um modelo clínico. T5”

Os terapeutas ocupacionais discutem que as ações de grande parte dos profissionais ainda são focalizadas apenas no contexto clínico, pois é um processo decorrente da própria formação profissional, mas que vem se transformando ao longo dos anos. No entanto, mesmo mediante a essas modificações alguns profissionais não buscam conhecimentos sobre novas formas de atuar.

Uma categoria que contribui para problematizar as ações dos terapeutas ocupacionais na escola por meio da intervenção preferencial é o questionamento que os estudantes levantam sobre o posicionamento dos profissionais como especialistas no contexto escolar.

“Realmente tínhamos condutas clínicas e por isso, a espera da receita de bolo pelos professores. T3”

“Hoje as pessoas querem receber receitas, com boa explicação de como realizar rapidamente as coisas. T6”

“As pessoas chegam para nós com grande ansiedade e expectativa, exatamente esperando essa "receita de bolo", Nosso papel é mostrar que todos fazem parte dos "ingredientes" para que o resultado final dê certo. T7”

T3, T6 e T7 afirmam que segundo suas experiências os professores esperam dos profissionais soluções prontas para os problemas enfrentados, portanto uma solução de especialistas na área. No entanto quando os terapeutas ocupacionais fazem reflexões sobre sua forma de atuação consideram que tanto os professores esperavam soluções prontas como os terapeutas ocupacionais ofereciam a resposta pronta e atuavam como especialistas. Assim os terapeutas ocupacionais do COLABORA TO discutem que é necessário reverter essa situação e propor a construção de soluções em conjunto com o professor.

E por fim a última categoria descrita contribui com a necessidade dos terapeutas ocupacionais transformarem sua prática.

“Momento histórico em que todos estão vivendo, com mudanças tão significativas de paradigmas, que nos exigem muita reflexão, e, principalmente, abertura ou disponibilidade para mudanças de pensamentos e atitudes. T1”

“A Terapia Ocupacional surgiu praticamente em um contexto clínico para cuidar das pessoas após as guerras e para a saúde mental, isso contribui para que alguns terapeutas trabalhem nesta clinica fechada, porém as perspectivas mudaram. T4”

“Falar de filosofias de trabalho diferentes traz para nosso discurso a possibilidade de expressar o processo de transformação da atuação dos terapeutas ocupacionais em qualquer contexto. T6”

T1, T4 e T6 colocam que a exigência de novos papéis é oriunda de transformações históricas e mudanças de paradigmas. E que apesar da profissão surgir com enfoque clínico atualmente as novas filosofias impõem modificações na forma de atuação dos terapeutas ocupacionais.

A Tabela 33 especificamente caracteriza os tipos de formação de parceria na consultoria colaborativa.

Tabela 3- Tipo de formação em consultoria colaborativa descrito pelos terapeutas ocupacionais.

<i>Categoria</i>	<i>Terapeutas ocupacionais das categorias</i>	<i>Frequência absoluta</i>
Relação Triádica	Todos	7
Consultoria Colaborativa em equipe.	Todos	7

A primeira descrição realizada por todos os terapeutas ocupacionais foi com relação ao estabelecimento da parceria a partir da formação triádica. É possível observar que nesse tipo de parceria existe o professor no papel de consultado, o profissional “especialista” como consultor e o estudante alvo.

“Formada pelo consultor (especialista), o consultado (professor) e o estudante com Necessidades Especiais. Nessa parceria triádica pode ocorrer do consultor nunca ter uma interação direta com o estudante, mas esse deverá sempre estabelecer a relação com o professor T5.”

Um fato importante que aparece no discurso dos terapeutas ocupacionais foi referente a relação triádica. Segundo os terapeutas ocupacionais ela deve ser estabelecida necessariamente entre consultado e consultor não necessitando obrigatoriamente de contato direto entre consultor e o estudante alvo da intervenção. No caso da consultoria colaborativa busca-se o empoderamento do professor para que ele possa se instrumentalizar para lidar com seu estudante.

A segunda categoria descrita também por todos os terapeutas ocupacionais foi com relação à formação da consultoria colaborativa em equipe, que é compreendida como outra forma de se estabelecer a consultoria colaborativa na qual vários profissionais da escola poderão participar de reuniões com a finalidade de discutir problemas dos estudantes.

“O modelo de consultoria colaborativa em grupo é uma equipe com a responsabilidade de auxiliar professores e/ou pais de estudantes que apresentam problemas em sua escolarização, sejam por questões de aprendizagem e/ou comportamento. O foco será sempre discutir e apresentar soluções para o problema a ser resolvido coletivamente. T1”

“Formar uma equipe com a responsabilidade de auxiliar professores e pais de estudantes que apresentam problemas em sua escolarização. Serão discutidos com a equipe as estratégias

coletivas e as metas a serem implantadas com o estudante em questão. T3”

“Através da consultoria em grupo poderá ser formada uma reestruturação escolar, aumentando o potencial e a utilização do modelo de consultoria colaborativa, promovendo um impacto muito maior. T5”

“Trata-se de trabalhar com a formação de diversos profissionais ao mesmo tempo em que irão discutir em conjunto problemas no processo de inclusão de diversas crianças. A partir de reuniões constantes, o grupo poderá desenvolver um ótimo programa de aperfeiçoamento e desenvolvimento que culminará na formação de profissionais mais experientes e integrados. T6”

“Para o trabalho de consultoria colaborativa temos de ter em mente o processo de um time, onde a participação de cada um é fundamental para a tomada de decisões e resolução dos problemas T7.”

Todos terapeutas ocupacionais caracterizam esse tipo de formação e enfatizam a importância da equipe, da construção de solução conjunta e do empoderamento de todos os profissionais que dela participam. Segundo os terapeutas ocupacionais a vantagem da utilização dessa formação em consultoria colaborativa é que quanto maior o número de pessoas colaborando mais idéias emergirá para resolver os problemas de forma efetiva.

Assim, os terapeutas ocupacionais compreendem que uma consultoria colaborativa pode se estruturar de duas formas específicas. Em uma relação triádica estabelecida entre consultor, consultado e estudante alvo e também por meio de uma equipe de profissionais da área da saúde e educação trabalhando em prol da inclusão dos estudantes.

A Tabela 4 apresenta conceitos essenciais discutidos em consultoria colaborativa que são os níveis de intervenção no qual o consultor poderá atuar e ainda o modelo utilizado com maior frequência pelos terapeutas ocupacionais para embasar as ações interventivas em consultoria colaborativa.

Tabela 4- Níveis de intervenção e modelo frequente em consultoria colaborativo utilizado pelos terapeutas ocupacionais.

<i>Categoria</i>	<i>Terapeutas ocupacionais da categoria</i>	<i>Frequência Absoluta</i>
<i>Níveis de intervenção em consultoria colaborativa.</i>	<i>Todos</i>	<i>7</i>
<i>Modelo biofísico em consultoria colaborativa</i>	<i>T1; T2; T3;T5;T6 e T7</i>	<i>6</i>

Os terapeutas ocupacionais discutiram sobre níveis de intervenção, afirmando que o consultor pode intervir não apenas quando o problema estiver instalado de forma corretiva e remediadora, mas também para prevenir seu aparecimento.

“O consultor colaborativo não atua somente quando o problema já está instalado. As ações podem ser de característica primária (preventiva), secundária (corretiva) ou terciária (remediadora). Mas, de fato, na realidade, são tantas necessidades a nível secundário e terciário, que as ações preventivas ainda ficam distantes. T1”

“A função do consultor colaborativo na escola não passa somente pelas situações de dificuldade. Ele tem um papel importante na área da prevenção de comportamentos e situações para que eles não se tornem uma dificuldade e atrapalhem o andamento do processo de aprendizagem de um estudante ou vários. Trabalhar nesse contexto não é comum hoje, ainda. Esta deve ser uma meta a ser atingida – se possível num futuro próximo - e quando isso for possível mostrará que um paradigma foi quebrado na escola com relação ao processo de inclusão, pois será sinal de que a escola está aberta realmente para incluir, integrar e participar ativamente do processo de aprendizagem deste estudante junto ao círculo de estudantes e à equipe da escola. T6”

Os terapeutas ocupacionais T1 e T6 problematizam a discussão descrevendo que ações preventivas no país ainda são pouco realizadas, pois a demanda predominantemente ainda é de nível secundário e terciário. Outra categoria descrita pelos terapeutas ocupacionais T1, T2, T3, T5, T6 e T7 foi com relação ao modelo biofísico.

“O modelo biofísico é o mais utilizado pelos terapeutas ocupacionais e demais profissionais da área da saúde. O objetivo desse modelo é a detecção de algum problema orgânico ou funcional que estiver dificultando o estudante em seu desempenho escolar. T2”

Esse modelo é descrito pelos terapeutas ocupacionais como aquele ideal para atender as possíveis áreas de intervenção da Terapia Ocupacional na escola. Assim é utilizado para embasamento das ações no desenvolvimento da consultoria colaborativa, principalmente por atender as demandas de origem orgânica ou funcional que ocasionam obstáculos para que o estudante obtenha um bom desempenho escolar.

A próxima Tabela 5 apresenta a descrição dos papéis do consultor a partir dos princípios da consultoria colaborativa pelos terapeutas ocupacionais.

Tabela 5- Descrição dos papéis do consultor colaborativo pelos terapeutas ocupacionais.

<i>Categoria</i>	<i>Terapeutas ocupacionais das categorias</i>	<i>Frequência Absoluta</i>
Buscar a igualdade de papéis.	<i>Todos</i>	<i>7</i>
Estabelecer objetivos comuns e compartilhar responsabilidades	<i>T1;T2;T4;T5;T6 e T7</i>	<i>6</i>
Empoderar o professor.	<i>T1;T2;T3;T4;T5 e T6</i>	<i>6</i>
Agir como mediador	<i>T2;T3;T4;T5 e T6</i>	<i>5</i>
Trocar saberes	<i>T2; T3;T6 e T7</i>	<i>4</i>
Promover a participação de todos	<i>T3;T4;T6 e T7</i>	<i>4</i>

Por meio da Tabela 5 observa-se que os terapeutas ocupacionais do COLABORA TO discutiram conceitos importantes da consultoria colaborativa. O primeiro descrito com maior frequência absoluta foi o estabelecimento de uma parceria que busque a igualdade de papéis.

“Temos igual importância neste processo, cada um com sua contribuição. T1”

“O que precisa estar claro e instituído é que na consultoria colaborativa não existe hierarquia, as responsabilidades e ações são estabelecidas por todos em igualdade. T2”

Todos descrevem que na parceria entre terapeutas ocupacionais e professor não deve existir uma relação hierárquica. O consultor e consultado não precisa mais assumir a postura de dono do saber, pois as ações são estabelecidas em igualdade na qual todos têm contribuições fundamentais no processo.

A próxima categoria descrita por T1, T2, T4, T5, T6 e T7 trata do estabelecimento de metas comuns e o compartilhamento de responsabilidade pelo consultor e consultado para o desenvolvimento da consultoria colaborativa.

“A consultoria colaborativa faz com que o terapeutas ocupacionais e o professor trabalhem junto em conjunto para atingirem as mesmas metas e objetivos, sendo que um profissional apoia o outro. T4”

“Os professores da escola regular que até então realizava um papel totalmente individualizado dentro da sala de aula, tem a necessidade de compartilhar metas, decisões e responsabilidades com outros profissionais na tarefa de possibilitar um

desenvolvimento pleno das capacidades de todos os estudantes, incluindo aqueles que apresentam algum tipo de necessidade especial.T7”

T7 coloca que os professores realizavam até o momento um trabalho individualizado, mas com a implementação do modelo de consultoria colaborativa precisarão iniciar o compartilhamento de responsabilidades, decisões e metas com outros profissionais. Portanto torna-se necessário que ambos profissionais se comprometam nessa relação. Traçar metas comuns é fundamental para o desenvolvimento da parceria, nas quais ambos profissionais se apoiam e dividem responsabilidades. Assim todos são correponsabilizados pelas conquistas de bons resultados.

Em seguida, a próxima categoria descrita segundo os terapeutas ocupacionais T1, T2, T3, T4, T5 e T6 é o empoderamento do professor, considerado como uma das finalidades da consultoria colaborativa, a fim de oferecer maior autonomia a partir da instrumentalização do consultado no contexto escolar.

“Encorajar a escola para encontrar suas próprias soluções a partir dos conceitos de construção em conjunto, empoderando-a deste saber. T1”

“O modelo de consultoria colaborativa contribuirá para que o professor consiga intervir com mais autonomia e segurança frente aos problemas de aprendizado do estudante com NEE. T2”

“Ações e estratégias para que o consultado se empodere destes conhecimentos, podendo assim, promover a inclusão escolar. T3”

“Por meio do trabalho colaborativo tornar os profissionais mais ativos, capacitados e empoderados proporcionando inclusão escolar e social. T4”

“Um grande argumento junto ao professor e o desafio apresentado a ele é apontar que este processo pode favorecer sua independência e autonomia em sala de aula, não só na relação com o estudante que apresenta necessidades especiais, como também com a turma toda. Ou seja, desenvolver, através do desafio, a perspectiva do empoderamento do professor. T6”

O conceito de empoderamento é caracterizado pelos terapeutas ocupacionais como o encorajamento da escola e de seus profissionais para que possam encontrar suas próprias soluções. Ainda palavras como autonomia, segurança e independência do

consultado frente ao estudante também são evidenciados nos discursos. O processo de formação desse professor em serviço torna-se fundamental por meio dos princípios da consultoria colaborativa. O objetivo é que ele se torne independente em sala de aula e responsável por intervir para realizar ações de sucesso junto aos seus estudantes.

A ação do consultor como mediador também é considerada importante pelos terapeutas ocupacionais T2,T3,T4,T5 e T6.

“A terapeutas ocupacionais deve ser mediadora neste processo de ensino e aprendizagem, mediadora na relação com o estudante-professor, estudante-estudante, estudante-escola e estudante-família. T4”

“O consultor é facilitador da intervenção, e se baseia nas expectativas, dúvidas, e rotina escolar determinada pelo consultado, mostrando que a interação entre consultor e consultado favorece junto o ambiente escolar como um todo. T5”

“E essa construção é feita por todas as partes, inclusive o mediador vai construindo sua atuação conforme o processo acontece. Claro que o mediador precisa ter uma visão ampla e um diagnóstico das principais necessidades, mas ele irá construir, ao mediar, junto aos profissionais com quem estiver trabalhando, junto aos estudantes e com ele próprio “a tarefa de mediar implica em trazer o outro para participar da ação”. T6”

Durante a descrição dos papéis dos consultores o conceito de mediação aparece, os terapeutas destacam o papel de mediador como facilitador da intervenção mostrando ao consultado um caminho de construção coletiva para os problemas a serem enfrentados. Ainda é importante discutir que para terapeutas ocupacionais T6 no processo de mediação é fundamental trazer os outros atores para participar da ação dentre estes a família e os profissionais da escola.

Segundo T2, T3, T6 e T7 ainda um aspecto fundamental para que a colaboração ocorra é a troca de saberes. Deve-se compartilhar com o outro o seu conhecimento, boas experiências, assim como ouvi-lo em sua angústia e aprender com ele por meio de sua vivência são considerados princípios fundamentais da colaboração.

“Valorização da experiência do outro a partir da convivência que ele tem com a criança com NEE, através da proposta de unificação dos saberes para obterem um trabalho de sucesso. T2”

“O consultor dá importância para o conhecimento de cada profissional, deixando espaço para reflexões claras que juntos podemos encontrar soluções e idéias para o problema em questão. T3”

“Trocando informações e experiências de ambos os profissionais será possível conduzir reflexões que favoreça a análise da situação. Os saberes são diferentes, mas é por meio desse matriciamento permitimos que sejamos iguais, já que todos nós temos algo em comum e sempre temos algo a aprender com o outro. T6”

T2 destaca um ponto importante que é a valorização do outro a partir do que ele sabe para unificação de saberes. T3 descreve que a escola está construindo novas formas de pensar e colocar em prática as suas ações compartilhando saberes e ações em conjunto. Portanto sem a disponibilidade em estabelecer troca de experiência desconsidera-se o quanto é possível aprender com a experiência e saberes do outro. Tal princípio fere o próprio conceito de colaboração e igualdade de papéis.

A última categoria apresentada foi à participação de todos no processo de consultoria colaborativa. Esse categoria teve a frequência absoluta 4, dentre os terapeutas ocupacionais que a integraram estavam T3, T4, T6 e T7 .

“Cada membro desta equipe consultor, família, professor e escola têm suas responsabilidades, opiniões e papéis sociais, sendo que todos são importantes para a consultoria. T4”

Os terapeutas ocupacionais descrevem que o envolvimento de todos na consultoria colaborativa torna-se fundamental. Considera-se importante a participação da família, escola, professor e terapeutas ocupacionais na tomada de decisões e resoluções dos problemas a serem enfrentados.

Nota-se que todos os princípios fundamentais do modelo de consultoria colaborativa são descritos pelos terapeutas ocupacionais. Observa-se uma relação fundamental entre promover a participação de todos na parceria, a busca pela igualdade de papéis para traçar objetivos comuns e realizar o compartilhamento de responsabilidades por meio da troca de experiência e saberes. Somente a ação do terapeuta ocupacional como mediador dessa parceria é que proporcionará o empoderamento do professor. Tal fato expressa que no discurso dos terapeutas ocupacionais suas ações a partir da consultoria colaborativa parecem claras.

A Tabela 6 apresenta as etapas a serem respeitadas para o desenvolvimento da consultoria colaborativa na escola.

Tabela 6-Etapas da consultoria colaborativa segundo os terapeutas ocupacionais do COLABORA TO.

Categories	Terapeutas ocupacionais das categorias	Frequência Absoluta
Estabelecimento da parceria	Todos	7
Avaliação	Todos	7
Elaboração do plano interventivo	Todos	7
Acompanhamento e supervisão a intervenção	Todos	7
Reavaliação a intervenção	Todos	7

É possível observar por meio da Tabela 6 que todas as categorias necessárias para o desenvolvimento da consultoria colaborativa foram descritas por todos os terapeutas ocupacionais do COLABORA TO. Assim observa-se que todos compreenderam quais as etapas para implementação do modelo de consultoria colaborativa, por meio da discussão teórica.

A primeira categoria descrita das etapas da colaboração é referente à apresentação do modelo de consultoria a escola.

“Esclarecer sobre a consultoria colaborativa, explicando da importância em estabelecer uma parceria onde o professor era o principal agente do processo de busca por soluções. Enfatizar que o terapeutas ocupacionais atuaria como mediador na busca por soluções, contribuindo e intervindo sempre junto ao professor /diretor e estudante com NEE. Explicar que a idéia principal da consultoria colaborativa não é levar as soluções prontas e sim construí-las em equipe, pois assim ele, enquanto professor se apropriará dos recursos e soluções para lidar com caso. E num futuro quando aparecer novos casos ele estará instrumentalizado para lidar com mais tranquilidade e conhecimento. T2”

Durante a apresentação do modelo de consultoria colaborativa os terapeutas ocupacionais discutem que é fundamental abordar os seus princípios como: a voluntariedade dos profissionais para o desenvolvimento da parceria; a importância envolver todos no processo; a busca pela igualdade de papéis; e o estabelecimento de objetivos comuns; a importância dos consultados construir junto com o consultor possíveis estratégias para intervir no problema e destacar as vantagens no processo de empoderamento. Para os terapeutas ocupacionais nota-se que é fundamental explicar

para escola e professor os princípios da consultoria, os papéis de cada integrante nessa relação antes mesmo de se iniciar as ações dos terapeutas ocupacionais na escola.

Esse processo torna-se essencial, pois o modelo de consultoria colaborativa vai contra a lógica da maioria das ações que os profissionais da saúde realizam no contexto escolar, ou seja, a intervenção preferencial. Nesse modelo de atuação os profissionais se colocam na posição de especialistas e os professores como sujeitos passivos a receber soluções prontas para seus problemas.

Em seguida, os terapeutas ocupacionais apresentam que deve ser realizada a avaliação no contexto escolar.

“Avaliar fatores que contribuem para o problema, os quais podem ser de origem principalmente orgânica e levantar problemas e fatos que o compõem. Focar na principal queixa da professora e tentar entender como todos se relacionavam com este tema. Oferecer a escola e seus profissionais dados coletados por diferentes óticas para elaborarmos uma estratégia a ser desenvolvida para a solução do problema. Com todos os dados organizados me reuni com a professora e a partir das idéias apresentadas pelos entrevistados e conversamos Com isso ela pôde expor sua dificuldade. T6”

No momento de avaliação os terapeutas ocupacionais descrevem ser necessário observar a relação entre os profissionais da escola e o estudante no contexto de sala de aula, pois é essencial destacar pontos positivos na atuação do professor, além de identificar junto com ele possíveis intercorrências nesse processo. Outro ponto importante é promover a compreensão da queixa do professor para entender como ela se relaciona com o problema. E ao final devem-se apresentar os aspectos importantes elencados por meio de sua observação a fim de que juntos possam definir as prioridades para intervenção.

Logo após todos os terapeutas ocupacionais destacam a elaboração do plano de intervenção de forma colaborativa. Nele, professores, terapeutas ocupacionais e, possivelmente outros envolvidos como a família, irão propor possíveis estratégias para solucionar os problemas enfrentados de forma a construir juntos as metas interventivas.

“Discussão de idéias e metas entre consultor e consultado para construção de um projeto de intervenção; T7”

Para os terapeutas ocupacionais a próxima etapa é acompanhar e supervisionar o desenvolvimento da intervenção.

“Faz-se todo acompanhamento da consulta, pois é importante lembrar que é o consultado que implementa o plano. T4”

“O consultor passa a observar e avaliar semanalmente os progressos do processo, através de conversas com a professora e observação das atividades orientadas, obtendo sucesso entre essa parceria e objetivo alcançado. T5”

O conceito de consultoria colaborativa discutido durante o programa de aprendizagem foi o indireto. Assim nas falas dos terapeutas ocupacionais aparece que é o consultado que implementa as ações, pois ele é empoderado para desenvolvê-las de forma independente. O consultor supervisiona de perto esse processo e realiza esse acompanhamento para que não aconteça do consultado desistir de implementar as ações interventivas diante do primeiro obstáculo.

Ao final da intervenção para todos os terapeutas ocupacionais torna-se necessário reavaliar as ações realizadas a fim de compreender o progresso ou o retrocesso. Caso houver necessidade pode-se iniciar novas intervenções com definições de outras prioridades.

“Avaliar o sucesso desses planos. Discutir efetividade do tratamento para que se estabeleça um processo reflexivo das ações e necessidade de modificações. Orientar-se através de etapas para o desenvolvimento e implementação de plano e avaliação de progresso.T2”

Observa-se a partir da fala dos terapeutas ocupacionais a importância de atender aos princípios da consultoria colaborativa por meio das etapas para sua implementação. Dessa forma observa-se o aprendizado dos terapeutas ocupacionais a respeito da estrutura que deve ser respeitada para utilização do modelo de consultoria colaborativa.

A Tabela 7 apresenta a discussão realizada pelos terapeutas ocupacionais sobre as habilidades comunicativas interpessoais necessárias para o desenvolvimento da parceria colaborativa. Esse conteúdo foi discutido a partir de uma aula intitulada *“Habilidades comunicativas no processo de consultoria colaborativa: escuta ativa, empatia e assertividade”*, o fórum *“o discurso do consultor”* e a wiki *“O caso da professora Fabíola”*. Portanto, nesse caso haverá a utilização da palavra todos para descrever os itens representados pela wiki.

Tabela 7-A caracterização das habilidades comunicativas interpessoais segundo a opinião dos terapeutas ocupacionais.

Categories	Terapeutas ocupacionais das Categorias	Frequência Absoluta
O sigilo e a ética profissional	Todos	7
A utilização de linguagem clara pelo consultor	T1; T2; T4;T5;T6;T7	6
A escuta ativa aos profissionais da escola	Todos	Todos
A prática da empatia pelo consultor	Todos	Todos
A linguagem corporal no processo de comunicação	Todos	Todos
O cuidado ao fazer perguntas durante o processo de consultoria	Todos	Todos

Observação: A palavra “Todos” utilizadas na frequência absoluta se refere a dados oriundos da atividade realizada por meio da wiki, ou seja, a produção de um texto coletivo, no qual todos os estudantes participaram de sua elaboração.

Observa-se por meio da Tabela 7 que todos os terapeutas ocupacionais destacaram durante a discussão a importância da verbalização ao professor sobre o sigilo e a ética no desenvolvimento da parceria como uma forma de aumentar a credibilidade do consultado para efetivar a troca de informações.

“A ética e sigilo profissional são elementos importantes na relação com o outro e, sabendo demonstrar isso a família e aos professores se permite que os mesmos confiem em nós. Muitos temem apresentar/relatar suas dificuldades devido ao receio de achar que o profissional possa ir "falando ao vento" tudo o que havia sido relatado. E é essa insegurança que, muitas vezes, dificulta a elaboração de uma intervenção mais eficaz. T7”

O sigilo e a ética é uma forma de transmitir segurança e confiança aos consultados, por meio dessa postura profissional favorece-se a troca de informações sobre os principais problemas cotidianos enfrentados por ele na escola. Vale ressaltar que os terapeutas ocupacionais trazem para discussão um aspecto que não foi apresentado nas aulas, portanto fruto da troca de experiências e informações sobre a prática profissional.

A próxima categoria apresentada é a utilização de linguagem clara pelo consultor durante a realização da parceria.

“Linguagem clara e objetiva são importantes para implementar todas as etapas do processo e para estabelecer uma boa comunicação entre os membros.T4”

“Após um diálogo simples, com informações básicas, já conseguimos grandes avanços dentro do ambiente e atividades oferecidas e aspectos sociais fundamentais para a inclusão.T5”

“Ter clareza de qual conteúdo ele precisa receber em termos de formação, para que não aconteça de passarmos muitas informações técnicas, como se ele precisasse saber o que nós sabemos. E temos de lembrar que os diálogos simples são muito importantes, cada vez mais penso em como devemos cuidar da nossa entrada na escola para que possamos ser entendidas em nossas falas e ações. T6”

“Linguagem fácil e direta, sem "rodeios e tecnicismos" como pode ocorrer na fala de muitos profissionais.T7”

Para os terapeutas ocupacionais é necessário ser cauteloso no processo de comunicação, utilizar palavras simples e de fácil entendimento é um fator crucial para que o consultor seja compreendido. Torna-se necessário traduzir conteúdos técnicos oriundos da expertise dos terapeutas ocupacionais para que o consultado possa compreender os conceitos trabalhados, os procedimentos e estratégias as quais devem ser realizadas.

A próxima categoria a ser descrita referente às habilidades interpessoais no processo de consultoria colaborativa é a escuta ativa.

“Ouvir principalmente o professor em suas angústias, suas dúvidas é fundamental, pois isso o acalma e nos aproxima dele. Deve-se valorizar a experiência vivenciada diariamente pelo professor e pelos pais. Acho que realmente é muita cobrança sobre o professor, ele não tem que saber como atuar com o estudante com NEE, como se fosse um especialista, ou seja, um "super-herói". T1”

“Mudanças geram dúvidas e ansiedades, por isso devemos ter o momento de escuta dos profissionais da escola, pois pode ser que a inclusão da criança naquela escola seja um processo ainda "estranho" para todos. T3”

“Dar importância para o que está sendo dito pelo consultado. Ouvir e compreender o que ele tem a dizer e mostrar ao professor que ele tem um papel fundamental nesta parceria. Utilizar seu conhecimento durante a escuta ativa. Demonstrar para a professora que todos os pontos levantados por ela foram ouvidos, sentidos, e serão discutidos entre elas de maneira simples. Desta forma, estará favorecendo o empoderamento do professor, atendendo às suas expectativas e considerando seus pontos de vista. Todos”

Todos os terapeutas ocupacionais discutem o papel da escuta ativa no desenvolvimento do processo de consultoria colaborativa, que vai além de apenas ouvir o consultado, pois praticar essa habilidade interpessoal de comunicação significa sinalizar ao consultado que seus problemas e principais dúvidas são compreendidas.

Por fim, alguns terapeutas ocupacionais descrevem sobre a empatia como uma estratégia para o desenvolvimento das habilidades comunicativas interpessoais na consultoria colaborativa.

“Mostrar aos pais e professores que eles contribuem para a nossa prática é essencial no processo, pois além de confiança, a empatia também é importante para dar resultados satisfatórios. T4”

“O mesmo acontece com os professores, quando a comunicação é clara e simples, com empatia, há uma maior colaboração, aceitação de orientações e de observação em sala de aula. T5”

“A empatia é importante em todo o processo de comunicação entre o consultor e professor. É necessário que a terapeutas ocupacionais estabeleça um vínculo positivo com a professora, pois assim esta depositará confiança no trabalho e os objetivos serão atingidos com sucesso, ou mesmo refletidos em conjunto, estabelecendo a verdadeira parceria. Todos”

A partir dos trechos descritos é possível observar que no seu discurso o consultor deve sinalizar que se sensibiliza com situação enfrentada pelo consultado e ainda fazer o processo de se colocar no lugar do outro para compreender o seu problema sem fazer julgamentos de valor. Ao elaborarem o texto coletivo por meio da wiki os terapeutas ocupacionais voltaram a destacar a importância da empatia de forma de possibilitar um vínculo positivo para estabelecer uma verdadeira relação de parceria colaborativa.

Outra categoria apresentada somente por meio da wiki foi à utilização da linguagem corporal durante a comunicação.

“Manter contato visual, demonstrar através de expressão facial que está atenta, interessada, e que está entendendo o que o consultante está dizendo. Também é importante ter em mente que a expressão corporal é a primeira a ser "captada", e ela está presente desde o momento do primeiro "bom dia!". Iniciar o contato do dia sem uma expressão corporal adequada pode determinar o fracasso das atividades daquele dia. Todos”

Os terapeutas ocupacionais descrevem sobre a importância de manter contato visual durante a conversa e ainda expressar-se facialmente a fim de sinalizar para o consultado que o consultor está interessado no desenvolvimento da parceria.

E por fim os terapeutas ocupacionais apontaram também por meio da wiki o cuidado do consultor ao fazer perguntas, as quais poderão ser realizadas de forma direta, indireta, aberta ou fechada de acordo com o objetivo de investigação do consultor.

“Tomar cuidado com a forma de fazer perguntas ao professor, pois a maneira de dirigir uma pergunta ao consultado pode fazer com que ele se sinta constrangido ou ameaçado com este processo de consultoria. Poderá utilizar perguntas diretas, indiretas, abertas ou fechadas, de acordo com o contexto e os objetivos, cuidando para deixar a professora mais à vontade ao colocar suas questões. Todos”

Observa-se que os terapeutas ocupacionais discutem com uma boa frequência todas as categorias sobre as habilidades comunicativas interpessoais no processo descrevendo os aspectos importantes nesse processo. Dentre eles estão a utilização de linguagem clara, da empatia, da escuta ativa, da linguagem corporal e o cuidado ao fazer perguntas.

A Tabela 8 descreve os possíveis desafios a ser enfrentados durante o desenvolvimento da consultoria colaborativa no contexto escolar.

Tabela 8- Caracterização dos terapeutas ocupacionais sobre os desafios vivenciados na consultoria colaborativa.

<i>Categoria</i>	<i>Terapeutas ocupacionais das categorias</i>	<i>Frequência Absoluta</i>
Esclarecer a diferença entre o papel do consultor de conselheiro.	Todos	7
Dificuldades práticas de alcançar os princípios da consultoria colaborativa.	Todos	7
Contradição entre postura do consultor e discurso de colaboração.	Todos	7
Diferenciação entre AEE e consultoria colaborativa.	T1;T2;T3;T4;T5 e T6	6
O tempo como um desafio para o desenvolvimento da consultoria colaborativa.	T1;T2;T5 e T6	4
A falta de utilização das habilidades comunicativas na consultoria colaborativa	T1;T2;T4 e T7	4
Postura defensiva do professor na consultoria colaborativa.	T2;T4;T6 e T7	4

A primeira categoria descrita por todos foi a importância de esclarecer a diferença entre consultor e conselheiro.

“O estreitamento da relação consultor/consultante certamente acontecerá pelo fato do consultor estar mais próximo do professor no desenvolvimento das ações. Porém isso não significa que a intervenção do consultor deva ser duplicada para assistência a problemas pessoais do consultante. Caso isso ocorra é importante buscar ajuda de outro profissional que possa dar esse suporte emocional.T2”

“Nesse conjunto de ações ficará mais claro a definição de consultor e consultado para cada um dos terapeutas ocupacionais, mostrando para o professor que os encontros serão realizados para discussões sobre o estudante, e que assuntos pessoais não são cabíveis naquele espaço. T5”

“No momento em que o professor precise colocar alguma necessidade particular o consultor também deverá saber se colocar imparcialmente e efetuar qualquer esclarecimento e/ou encaminhamento necessário nesse âmbito.T6”

Segundo os terapeutas ocupacionais devido à proximidade de vínculo necessário para o desenvolvimento da consultoria colaborativa poderá ocorrer um problema na compreensão sobre os papéis de consultor, quando por exemplo, os consultados querem discutir problemas pessoais e não profissionais. Caso isso ocorra, segundo os terapeutas ocupacionais, o consultor deverá direcionar a conversa para o foco principal e esclarecer novamente seu papel no contexto escolar e se for preciso o consultor poderá realizar encaminhamentos.

Para todos os terapeutas ocupacionais existem outros fatores que dificultam o desenvolvimento da consultoria colaborativa. Dentre eles dificuldades centralizadas na postura do consultor frente ao consultado.

“Explicar ao consultado esta nova forma de consultoria é funcionar de fato em colaboração, e não em supervisão. Este é o maior desafio. Porque o consultado muitas vezes não se sente confortável no papel de aprendiz.T1”

“A postura do professor na maioria das vezes é a de resistência ou a de deixar a cargo do profissional, ou seja, é o consultor que corre atrás de produzir materiais para tenta ensinar o estudante.T2”

“Dividir as responsabilidades com o consultado, procurar estabelecer um vínculo de confiança com o consultado, praticar a igualdade de papéis e de promover empoderamento do consultado

são fatos que devem ocorrer para que não se reproduza uma relação de dependência, ou de hierarquia.T3”

“O consultor pode ter atitudes hierárquicas e fazer com que apenas a opinião dele prevaleça, Não buscar a igualdade de papéis então identificar características positivas na sua observação.T4”

“A terapeuta pode em nenhum momento empoderar a professora, deixando esta com receios e sem confiabilidade de seguir as orientações realizadas pela terapeuta.T5”

“A postura de especialista e de supervisora do trabalho do professor dificulta o processo.T6”

“Tira-se o foco do trabalho de "pensar com o outro", para "pensar pelo outro". E esse pensar pelo outro, que pode afastar a terapeutas ocupacionais da escuta e do trabalho coletivo, tornando sua intervenção invasiva, visto que faz pensar que as dificuldades para o desenvolvimento do estudante encontrava-se, apenas, na professora.T7”

Os terapeutas ocupacionais problematizam a postura do consultor, T1 aponta para a falta de competência do consultor ao explicar para o consultado que ele não irá supervisioná-lo e sim colaborar com esse professor que deverá se sentir confortável no papel de aprendiz. T6 considera que a postura de especialista adotada pelo consultor dificulta o trabalho com o professor. T7 contribui com essa discussão apontando que dessa forma o consultor “*pensa pelo outro*” e “*não com o outro*” dificultando o desenvolvimento do trabalho coletivo com o professor. Ainda T3 e T5 citam sobre a dificuldade que os consultores têm ao promover o empoderamento do professor, porque ainda se colocam na posição de detentores do saber.

Os terapeutas ocupacionais também focalizam as dificuldades na postura do consultado dentre elas T2 descrevem questões relacionadas à passividade adota pelo professor que espera soluções prontas do consultor. T3 coloca que existem dificuldades em dividir responsabilidades, de praticar igualdade de papéis e de diminuir, portanto o processo de hierarquia no desenvolvimento da parceria.

Outro ponto interessante discutido entre os terapeutas ocupacionais, por meio de um estudo de caso é a contradição entre o discurso do consultor e prática da consultoria colaborativa.

“Este caso me fez pensar sobre os desafios da consultoria colaborativa, e o quanto o discurso pode ser distante da ação. T1”

“A abordagem utilizada pelo consultor não foi o modelo de consultoria colaborativa e sim a intervenção preferencial. T2”

“A falta de parceria dos profissionais e de interesse e iniciativa por parte do professor em assumir novas mudanças. T3”

“O consultor não trocou idéia ou informações de uma maneira oportuna, completa, e respeitosa com a professora o trabalho não conseguiu seguir o modelo de colaboração. T4”

“Gostaria de ressaltar que através do modelo de intervenção preferencial o consultor pode se colocar na postura de especialista. Principalmente se não conseguir seguir os conceitos básicos discutidos na consultoria colaborativa como formação de parcerias e demonstrações de igualdade de papéis. T5”

“A terapeutas ocupacionais ter apresentado um modelo de consultoria colaborativa e, mesmo se ela tivesse explicado seus princípios ela não apresentou uma prática nesse mesmo sentido. T6”

“Equivocou-se sobre qual modelo ela trabalhou, visto que não era um modelo de consultoria colaborativa, mas sim de intervenção preferencial. T7”

Os terapeutas ocupacionais discutem que muitas vezes o discurso do consultor pode estar longe das práticas desenvolvidas nas parcerias colaborativas. Assim todos os terapeutas ocupacionais verbalizam sobre o quanto um discurso pode ser distante da nossa ação, pois existem incongruências entre a fala do consultor e a postura que é adotada. Muitas vezes, a maioria dos profissionais pratica o modelo de intervenção preferencial por mais que no discurso apresentam os princípios da consultoria colaborativa. Assim refletir sobre as ações adotadas são atitudes essenciais para alcançar a verdadeira colaboração.

A diferenciação do trabalho realizado no atendimento educacional especializado (AEE) e aquele trabalhado na consultoria colaborativa foi outra categoria descrita.

“A consultoria colaborativa é um caminho a ser construído entre o terapeutas ocupacionais (ou outro profissional) juntamente com o professor no sentido de encontrarem juntos algumas possibilidades para favorecer a escolarização do estudante na sala de aula. O cuidado que devemos ter é que o AEE deve ser entendido como

mais um suporte nesta construção, e não como um local externo para onde se deve transferir o papel de escolarização, novamente reproduzindo concepções históricas anteriores que praticam a exclusão do diferente. T1”

“O AEE surge para trabalhar as necessidades educacionais específicas no contra turno do horário escolar fora da sala de aula. Nessa perspectiva a prática da consultoria colaborativa busca romper com a fragmentação dos sistemas (educação especial e ensino regular) de forma a unificar. T2”

“Demonstrar que o AEE e a Consultoria Colaborativa tem objetivos diferentes, no AEE o foco é o estudante com NEE, já na Consultoria Colaborativa o foco não é no estudante com NEE, no professor e na sala de aula. T4”

Para os terapeutas ocupacionais, o AEE deve ser entendido como suporte ao processo de escolarização. A prática da consultoria colaborativa, portanto é mais um serviço de auxílio à inclusão escolar. Com a realização desse serviço, segundo os terapeutas ocupacionais, pode-se diminuir os encaminhamentos para o AEE, pois é fornecida formação profissional e ainda o empoderamento a fim de proporcionar uma maior autonomia para o professor da sala regular. Compreender diferenças entre o serviço do AEE e da consultoria colaborativa é essencial para que os estudantes compreendam em que local esse serviço deve ser realizado a fim de explicar com exatidão o desenvolvimento da parceria para escola.

A próxima categoria descrita foi a falta de tempo dos profissionais da escola para o desenvolvimento da consultoria colaborativa e o custo desse trabalho.

“Um dos desafios é o valor deste trabalho, em termos de custo, caso ele não esteja vinculado aos serviços públicos. Isso importa na estruturação do trabalho em função da quantidade de horas para dedicação do consultor. T1”

“A intervenção no modelo de consultoria colaborativa é um desafio, pois não podemos determinar um tempo específico. Muitas vezes o sistema em que estamos exige o deslocamento para outra escola, casos e professores, assim o profissional precisa ser ágil e assertivo. T2”

“As professoras não tem tempo e não se disponibilizam a ir um sábado a mais na escola para nos conhecermos e discutirmos o que elas gostariam de esclarecer.T5”

“De que adiante ter o trabalho de consultoria se a professora não tem horário para reunir-se? Se a estrutura do dia mudar acho mais viável termos um profissional mais disponível em outros horários. Mas o professor hoje realmente está sobrecarregado.T6”

Para T1 e T2 um dos desafios de implementar esse modelo é a quantidade de horas de dedicação do consultor. Não se pode determinar um tempo específico para o desenvolvimento do trabalho, porque ele tem características únicas em cada contexto e isso dificulta implementação do serviço em termos de custo.

Ainda é necessário discutir que T5 e T6 descrevem a consultoria colaborativa como um serviço que demanda tempo e a participação do professor. Assim torna-se necessário que os consultados o disponibilizem para realização deste trabalho. No entanto como T6 coloca na maioria das vezes o professor encontra-se sobrecarregado de tarefas a serem desempenhadas e a consultoria colaborativa seria mais uma delas.

Para os terapeutas ocupacionais não utilizar habilidades comunicativas é considerado um desafio na consultoria colaborativa e contribui para a falta de sucesso dessa parceria.

“Colocar-se em postura defensiva, por ver seu espaço invadido e suas necessidades desconsideradas. Por isso a postura do professor na maioria das vezes pode ser de resistência. T2”

“Encontramos, muitas vezes, a situação onde o professor não se coloca disponível, apesar de reconhecer que precisa de ajuda, por medo de que ele terá mais trabalho com as orientações que serão passadas. T6”

“Devemos fazer com que nos vejam como parceiros que irão auxiliá-los na intervenção com esses estudantes/clientes, não como "estranhos" que "invadem" seu espaço para "tratar" do "paciente".T7”

Nesse sentido T1, T2 e T4 acreditam que o consultor deve ser cuidadoso com o processo de escuta ativa para buscar junto ao professor o que ele tem a dizer. A forma de se comunicar precisa ser clara e cuidadosa para ocorrer de forma não invasiva facilitando a troca de saberes. No entanto, T2 faz uma consideração fundamental, pois não se deve apenas cuidar do nosso discurso, mas também se as atitudes são condizentes com o que se fala. Ainda T7, destaca que a ausência de empatia dificulta alcançar a

verdadeira colaboração, pois impede-se a compreensão real da situação vivenciada pelo professor.

A defensividade do professor na consultoria colaborativa é a última categoria descrita pelos terapeutas ocupacionais e está ligada ao próprio comportamento do consultor. T2, T4 e T7 descrevem que em alguns casos o professor vai apresentar-se na defensiva. A falta de colaboração do consultor no espaço da sala de aula aumenta a resistência do professor devido a sua postura invasiva. Por isso é fundamental compreender se essa defensividade é desencadeada pela atitude do consultor ou por questões pessoais do consultado.

Outro ponto importante a ser colocado é a voluntariedade do professor para o desenvolvimento de ações em consultoria colaborativa. Se não houver disponibilidade de ambos profissionais a parceria não poderá ser estabelecida. T6 coloca que apesar dos professores reconhecerem que precisam de ajuda tem receio quanto ao desenvolvimento de orientações que serão passadas, pois elas podem acarretar em mais trabalho para ele.

Nota-se que vários são os desafios a serem superados na prática da consultoria colaborativa na escola. Saber que eles existem e como superá-los é essencial para os terapeutas ocupacionais, pois não existirá surpresa quando eles aparecerem durante a prática. Vale ressaltar que os terapeutas ocupacionais colocaram importantes desafios o que demonstra aprendizado teórico reflexivo dos conteúdos discutidos evidenciados por meio de seu discurso.

O Quadro 5 apresenta as reflexões pessoais dos terapeutas ocupacionais a respeito da sua prática profissional e o desenvolvimento da postura de colaboração nesse processo. Esse conteúdo foi trabalhado e discutido partir da tarefa "Refletindo sobre a minha prática profissional."

Quadro 5- Reflexões por meio de vivências pessoais dos terapeutas ocupacionais sobre a prática terapêutica ocupacional na área escolar e a postura colaborativa.

Terapeutas ocupacionais	Reflexões dos terapeutas ocupacionais sobre a prática.
T1	<p><i>Acredito que, pelo fato de a parceria com a escola (diretora e professora, especialmente) ter sido desde o início estabelecido com muita comunicação, com valorização do trabalho que já estava sendo realizado pela escola, e receptividade à participação da terapeuta, houve muita colaboração, houve interesse e disponibilidade de ambos. Em nenhum momento percebi que a escola transferiu para a terapeuta ou para outros espaços o papel da escolarização. Pelo contrário, procurava dividir as responsabilidades com a terapeuta, e com a família, sobre algo que era de interesse mútuo. Penso que, mesmo não tendo como embasamento teórico a Consultoria Colaborativa, conseguimos funcionar dentro destes princípios. Talvez algumas questões de ordem prática pudessem ser resolvidas mais pela própria escola, não esperando o meu direcionamento, mas isso foi acontecendo, foi sendo construído no decorrer do amadurecimento desta relação saúde e educação.</i></p>
T2	<p><i>Percebo que o que tentei implementar, mesmo sem conhecimento prévio, tem haver com o modelo de consultoria colaborativa, pois a idéia era construir junto com o professor ações para favorecer o estudante com NEE's frente ao que o professor percebia como problema e necessidade para o estudante. No entanto eu não soube muito bem como viabilizar a efetividade dessa ação. Através do conhecimento mais aprofundado que tenho hoje sobre a consultoria colaborativa consigo perceber mais claramente os caminhos que devo percorrer e os passos que devo seguir. Acredito no modelo da consultoria colaborativa como a forma mais eficaz de intervir com o professor na sala de aula, uma vez que ambos se colocam como parceiros e responsáveis pelo processo, buscando a solução para o problema e planejando estratégias juntos. Após essa parceria, o professor se sentirá mais preparado para lidar com estudantes com NEE's, uma vez que a consultoria colaborativa contribui num processo de desenvolvimento profissional do professor. Vejo a consultoria colaborativa como um caminho, uma esperança para a autonomia e emancipação do estudante com NEE's através do empoderamento do professor, que como nós também temos esse compromisso de resgate do direito de acesso a educação das pessoas com deficiência.</i></p>
T3	<p><i>Apesar de não ter tido conhecimento do termo consultoria colaborativa antes iniciar este curso, acreditava que para obter bons resultados dentro do contexto escolar achava importante que o professor participasse de todo o processo de novas propostas na sala de aula ou especificamente a uma criança. Concordo e venho atuando igual os dizeres de Kampwirth (2003), que o consultado pode e deve ser encorajado a ter soluções surpreendentes para os problemas que encaminha. Sempre faço questionamentos aos meus colegas de trabalho, de pensar nas possíveis mudanças para o problema na qual me apresentam, quando direciono o problema a eles permito com que eles mesmos se sintam encorajados a solucionar novas dificuldades futuras. Ressalto que somente com esta professora que o trabalho tem tido bons resultados, as demais professoras não aceitam a troca de conhecimentos, mantendo a postura de dono de saberes.</i></p>
T4	<p><i>Na minha prática na área escolar não consegui ajudar a professora a adaptar as atividades na escola. Acredito que, isto deu-se por dois fatores: eu conseguia ir à escola apenas uma vez na semana e a professora não demonstrava interesse em aprender, relatando que não tinha tempo e ainda tinha 30 estudantes para ensinar. A consultoria colaborativa neste momento seria importante para eu mostrar, ensinar e ajudar a professora a observar as possibilidades, potencialidades e necessidades física, cognitiva, comunicativa do estudante. Seria importante que eu e professora trabalhássemos juntas montando as atividades pedagógicas e adaptando-as caso necessário. Ao refletir sobre minha experiência profissional no contexto escolar, percebi que nunca utilizei a consultoria colaborativa, pois não tinha conhecimento teórico e prático deste processo. Nas disciplinas da graduação, não tive nenhuma disciplina que falasse sobre este conteúdo. Com a experiência teórica que tenho hoje, tenho certeza que o trabalho na escola utilizando a consultoria colaborativa seria mais eficiente e com resultados mais positivos.</i></p>
T5	<p><i>Entre em contato com a escola do estudante transferido da APAE para o ensino regular através do telefone, e criei um caderno de contato e dúvida entre equipe clínica e escola. Após essas trocas, houve a necessidade de um encontro; e assim foi realizada uma visita da professora e diretora a nossa equipe na APAE; podendo realizar assim maiores trocas de informações, resolvemos dúvidas e realizamos algumas orientações. Acredito que se o modelo de consultoria colaborativa fosse melhor esclarecido a todos naquele momento, e um trabalho colaborativo desenvolvido em seu total, muitas outras ações poderiam ser desenvolvidas e assim todas as potencialidades do estudante em questão poderiam ser melhor estimuladas.</i></p>
T6	<p><i>Como papel de supervisor tinha de ter características hierárquicas como determinação da secretaria de saúde. Neste momento que fui supervisor até tive de ter atitudes impositivas foi uma situação muito complicada, de conflito profissional, pessoal e de conflito com a equipe da creche. Claro que o trabalho não caminhou bem nesse sentido.</i> <i>Já em outras unidades posso dizer que eu fui uma consultora colaborativa, mesmo sem conhecer seus fundamentos. Posso afirmar isso baseada em: desenvolvemos parcerias voluntárias; tivemos apoio maciço da direção e professores das unidades; efetuamos trocas de experiências e saberes; experimentarmos, avaliarmos e modificarmos situações e ao final pudemos perceber as transformações profundas ocorridas e que surtiram efeito em toda a instituição e não somente na situação inicial apontada como problema.</i></p>

Terapeutas ocupacionais	Reflexões dos terapeutas ocupacionais sobre a prática.
T7	<p>Via a terapeutas ocupacionais entrar na sala, ver como o estudante estava indo, suas dificuldades, e, posteriormente, apresentar ao professor uma "solução". Mas, pensando, agora vejo como esses professores poderiam se sentir "soltos" novamente, visto que receberam um "produto" pronto, mas, talvez, não saberiam como usar. Refletindo agora, nesse espaço, não via, de fato, a consultoria colaborativa.</p> <p>O conversar, o saber ouvir e o compartilhamento de saberes, ao meu ver, é algo positivo e "lucrativo" para todos os personagens envolvidos, visto que o compartilhamento do saber, gerar ações compartilhadas mais consistentes, permitindo o espaço de protagonista a todos que estão na tríade terapeuta-professor-estudante. Dificuldades e dúvidas sempre existiram, pois fazem parte do processo da busca constante de aprimoramento e excelência, e é essa parceria e apoio de ambas as partes que permitirão traçar e alcançar metas mais próximas das perspectivas de inclusão.</p>

Observa-se que todos reconhecem a consultoria colaborativa como um modelo importante para auxiliar o movimento de inclusão escolar e consideram que o sucesso de suas ações na escola depende de parcerias que atendam aos princípios da colaboração. Vale ressaltar que dentre os terapeutas ocupacionais a maioria referiu já aplicar os pressupostos desse modelo mesmo sem ter o conhecimento específico sobre os mesmo.

T1 já tinha conhecimentos sobre a consultoria colaborativa anteriormente ao COLABORA TO e procurava atender a seus princípios nas ações realizadas no contexto escolar. No entanto, mesmo diante a essa situação as formas de implementação ainda não eram evidentes para ela e o conhecimento mais aprofundado permitiu trabalhar o conceito de empoderamento da escola e de seus profissionais.

T2 reconheceu que já envolvia o professor nas ações realizadas no contexto escolar, mas não tinha conhecimentos de como efetivar esse processo. Nesse sentido, a compreensão do modelo de consultoria colaborativa forneceu embasamento científico para realizar as ações na escola e também para promover o empoderamento do professor a partir de desenvolvimento profissional.

T3 sempre trabalhou por meio dos princípios da consultoria colaborativa de forma a buscar a participação do professor em parcerias estabelecidas e encorajá-lo no desenvolvimento de estratégias de intervenção. No entanto, ela afirma que nem sempre conseguiu estabelecer essa troca de informações com outros professores pela falta de disponibilidade e voluntariedade dos profissionais da escola.

T4 por meio de suas vivências revela que nunca aplicou os princípios da consultoria colaborativa, pois não conhecia esse modelo de atuação no contexto escolar. Apesar de investir em ações desenvolvidas na escola, sentia falta de voluntariedade do professor para o estabelecimento de parcerias o que contribuiu para não alcançar bons resultados na escola.

T5 descreveu uma experiência entre a educação especial e ensino regular de forma a preparar os profissionais da escola para o atendimento de alunos com deficiências. Essa parceria ocorreu, pois houve procura da escola regular pela Associação de Pais e Amigos da criança Excepcional, a qual se efetivou por meio de encontros presenciais. No entanto, ela coloca que a consultoria colaborativa poderia ser uma ótima iniciativa para efetivar o desenvolvimento dessa parceria de forma a aprimorar e aperfeiçoar o desempenho escolar da aluna com NEE's.

T6 faz descrições pessoais nas quais teve atuações hierárquicas, postura de profissional de especialista agindo de forma impositiva junto à escola, realizada por ordenação do município. No entanto, reconhece e destaca que com o desenvolvimento dessas intervenções não obteve sucesso. Mas também diz que mesmo sem conhecer a consultoria colaborativa já desenvolveu boas ações na escola, cujo foco foi à parceria e colaboração e dessa forma obteve bons resultados.

T7 nunca atuou de fato com a consultoria colaborativa e observava a atuação de terapeutas ocupacionais com posturas impositivas que não preparavam o professor para um processo de formação e atuação com independência na escola. Assim considera que a consultoria colaborativa favorece o trabalho de todos envolvidos efetivando as ações de inclusão escolar.

Foi possível notar que todos os terapeutas ocupacionais por meio do contato com a teoria sobre a consultoria colaborativa saíram sensibilizados e dispostos a utilizar o modelo em sua prática cotidiana, e a maioria afirmou que ele poderia potencializar suas ações no contexto escolar. A partir da apresentação dos resultados da parte teórica do COLABORA TO observa-se que os principais conceitos foram discutidos e descritos pelos terapeutas ocupacionais de forma clara e objetiva.

3.3- DISCUSSÕES DOS RESULTADOS RELATIVOS AO DESEMPENHO DOS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS DURANTE A PARTE TEÓRICA DO PROGRAMA

Foi possível observar a partir das categorias presentes na parte teórica pontos importantes de discussão em consultoria colaborativa dentre eles:

- ❖ Os novos papéis dos terapeutas ocupacionais diante da inclusão escolar;
- ❖ A caracterização da formação da parceria no modelo de consultoria colaborativa;
- ❖ Os níveis de intervenção e modelo frequente em consultoria colaborativa utilizado pelos terapeutas ocupacionais;
- ❖ A descrição dos princípios da consultoria colaborativa;
- ❖ As etapas de implementação consultoria colaborativa;
- ❖ Habilidades comunicativas na consultoria colaborativa;
- ❖ Os desafios vivenciados na consultoria colaborativa.

Cada temática apresentava categorias específicas de discussão, no caso dos novos papéis dos terapeutas ocupacionais, todos compreenderam que a escola é considerada o melhor espaço de atuação. Cardoso (2009) coloca que as ações em Terapia Ocupacional que demonstram maior efetividade na área da educação são aquelas realizadas diretamente no contexto escolar. A CAOT (2002) aponta evidências de que a atuação dos terapeutas ocupacionais no ambiente escolar alcança melhores metas destinadas ao desenvolvimento de habilidades para apoiar o desempenho escolar dos estudantes.

Os terapeutas ocupacionais descrevem sobre a importância da consultoria colaborativa nas ações dos terapeutas ocupacionais na escola defendendo que esse modelo contribuirá para formação dos professores em serviço. Nesse sentido para Rocha (2007), Cardoso (2009) Lourenço e Cid (2010) existe a necessidade de se inserir no processo de formação dos terapeutas ocupacionais temáticas voltadas a escolarização de estudantes que são público alvo da Educação Especial de forma mais diretiva no contexto escolar, a fim de prepará-los para que tenham ações bem sucedidas no processo de formação de professores.

Os terapeutas ocupacionais discutem sobre a necessidade de mudança de postura profissional na qual o terapeutas ocupacionais saia do papel de detentor do saber à colaborador. Para Mendes (2008) um dos principais desafios no desenvolvimento da consultoria colaborativa na escola é equacionar os papéis e saberes de cada profissional

no atendimento do estudante, uma vez que se busca a igualdade de papéis, o trabalho coletivo e interações por meio de uma relação não hierárquica com ações verdadeiramente colaborativas.

Outros questionamentos foram levantados como a dificuldade dos profissionais da Terapia Ocupacional buscar desenvolvimento profissional e a necessidade de transformações no desenvolvimento de seu trabalho diante de mudanças de paradigmas como a inclusão escolar. Cardoso (2009) e Britoa (2008) descrevem que mudanças históricas interferiram diretamente na atuação dos terapeutas ocupacionais na escola. Com a inclusão escolar foi necessário rever conceitos e ações para agir diante dos novos desafios. Portanto buscar desenvolvimento profissional tornou-se um investimento essencial a ser realizado para os profissionais que atuam na escola.

Em seguida, conceitos importantes foram descritos pelos terapeutas ocupacionais como: a caracterização das parcerias colaborativas por meio da relação triádica ou consultoria colaborativa em equipe e os níveis de intervenção. Promoveu-se a discussão desses conceitos para que os terapeutas ocupacionais compreendessem que as ações por meio do modelo de consultoria colaborativa podem ocorrer também quando não existe nenhum problema no ambiente escolar. E por fim o modelo biofísico foi considerado o mais adequado para atender aos objetivos dos terapeutas ocupacionais na escola, porque prevê o atendimento de problemas de origem orgânica ou funcional que ocasionam obstáculos para que o estudante obtenha um bom desempenho escolar. (KAMPWIRTH, 2003)

A próxima temática discutida foi quanto à descrição dos papéis do consultor colaborativo. A busca por igualdade de papéis foi citada como fundamental, para alcançá-la professor e terapeutas ocupacionais são responsáveis por promover um bom desempenho do estudante em sala de aula. Para atingi-la torna-se necessário estabelecer objetivos comuns e compartilhar responsabilidades. O consultor durante a consultoria age como mediador, pois ele empodera o professor para que implemente as ações a serem realizadas na escola por meio de troca de saberes promovendo a participação de todos envolvidos no processo. (IDOL, NEVIN E PAOLUCCI-WHITCOMB, 2000)

Para desenvolver a consultoria colaborativa existem etapas a serem seguidas e todos os terapeutas ocupacionais as descreveram pormenorizadamente. Primeiramente torna-se necessário estabelecer a parceria com os profissionais da escola de forma a esclarecer o que é o modelo de consultoria colaborativa a fim de definir o papel da

escola, dos profissionais e delimitar as ações dos terapeutas ocupacionais no contexto escolar.

Cassilas (2010) descreve que os professores ainda não conhecem qual é o verdadeiro papel dos terapeutas ocupacionais na escola e tal fato interfere no encaminhamento ou na procura desse profissional no contexto escolar. Dessa forma torna-se fundamental que o profissional nesse momento esteja preocupado não somente em apresentar o modelo de consultoria colaborativa, mas também quais são as principais ações que o terapeutas ocupacionais poderá desenvolver na escola.

Após a apresentação da consultoria colaborativa, segundo Dettmer, Dycke Thurston (2005), o consultor deverá avaliar a situação do estudante na sua rotina escolar para identificar possíveis causas e consequências para os problemas identificados. Durante a elaboração do plano de intervenção os terapeutas ocupacionais e professor conversam sobre a situação problema e propõem estratégias interventivas a serem realizadas com o objetivo de estabelecerem um plano interventivo com metas comuns e responsabilidades compartilhadas. A importância de discutir essas etapas interventivas pormenorizadamente é essencial, Cassilas (2010) constatou em sua pesquisa por meio da percepção dos professores que as estratégias discutidas pelos terapeutas ocupacionais na consultoria colaborativa foram extremamente úteis trazendo importantes contribuições para a prática, no entanto destacou que ainda é necessário investir em aprimorar a ilustração dessas estratégias ao professor.

Durante a intervenção o terapeuta ocupacional acompanha, supervisiona e orienta a intervenção a ser realizada pelo professor, portanto ele precisa estar presente para dar atenção e promover o empoderamento do professor. Ao final os terapeutas ocupacionais e professor reavaliam a intervenção realizada. (DETTMER, DYCK E THURSTON, 2005).

Cassilas (2010) aponta sobre a necessidade dos terapeutas ocupacionais aprimorarem a colaboração e a comunicação com os educadores. Ao implementar a consultoria colaborativa na escola as habilidades comunicativas interpessoais devem ser praticadas em todo processo. O primeiro ponto que os terapeutas ocupacionais descrevem como importante é a questão de garantir ao professor o sigilo e a ética, a fim de que os professores possam se sentir a vontade para exporem as problemáticas vivenciadas na escola. Em seguida descrevem a importância do consultor ao utilizar linguagem clara e sem tecnicismos. A escuta ativa também é considerada fundamental para compreender o professor. A empatia deve permear todo o processo a fim de que o

consultor se sensibilize realmente com a problemática levantada. Deve ser estar atenta a expressão corporal adotada durante momentos de discussões para que o professor observe seu interesse no desenvolvimento da consultoria colaborativa. E por fim o cuidado ao fazer perguntas torna-se fundamental a fim de que a professora seja questionada de forma não invasiva. (KAMPWIRTH, 2003).

Ao final os terapeutas ocupacionais do COLABORA TO discutem sobre os principais desafios vivenciados ao implementar o modelo de consultoria colaborativa na escola. Esclarecer a diferença entre o papel do consultor e conselheiro é um deles, pois segundo Kampwirth (2003) devido à proximidade dessa relação alguns professores podem confundir esse papel no processo de colaboração. Outros desafios encontrados foram às dificuldades frequente dos profissionais ao colocar em prática os princípios fundamentais da consultoria colaborativa como alcançar igualdade de papéis, estabelecer objetivos comuns, promover empoderamento do professor entre outros. Os terapeutas ocupacionais problematizam também a postura contraditória na qual o consultor apresenta o modelo de consultoria colaborativa no discurso, mas ainda pratica a intervenção preferencial. Bose e Hinojosa (2008) ao investigar consultorias colaborativas realizadas por terapeutas ocupacionais afirmam que a prática da colaboração nas escolas não estava plenamente realizada em todos os cenários. Um dos principais problemas identificados era que os consultores agiam como especialistas ao interagir com os professores, o que impedia sua capacidade de colaborar de forma eficaz.

Delimitar a diferença entre o atendimento educacional especializado e consultoria colaborativa foi outra temática discutida. Os terapeutas ocupacionais conseguem compreender e verbalizar que AEE e consultoria colaborativa são dois serviços diferentes de suporte a inclusão escolar. Mas o principal objetivo da colaboração é de diminuir o encaminhamento dos estudantes para o AEE por meio do empoderamento do professor em sala de aula. O processo de consultoria colaborativa evita o encaminhamento do estudante para serviços fora da classe comum tanto quanto possível (KAMPWIRTH, 2003).

Os terapeutas ocupacionais colocam o tempo como um fator limitante para o desenvolvimento de ações colaborativas na escola e ainda problematizam a disponibilização do professor para realização do processo colaborativo. Bose e Hinojosa (2008) descrevem que a falta de tempo pode interferir no processo de orientação dos terapeutas ocupacionais aos profissionais da escola, dificultando a

prática dos princípios da consultoria e também da realização de formação dos professores.

Dificuldades ao implementar as habilidades comunicativas e a postura defensiva do professor para o desenvolvimento do processo são os últimos desafios descritos. Bose Hinojosa (2008) e Cassillas (2010) descrevem que uma comunicação efetiva garantirá o sucesso da parceria colaborativa, no entanto a falta dela dificulta o alcance à verdadeira colaboração.

Os terapeutas ocupacionais do programa ao final foram convidados a fazer uma reflexão sobre suas próprias práticas realizadas no contexto escolar. Nesse momento alguns descrevem que já utilizavam o modelo de colaboração, mas não sabiam explicá-lo conceitualmente. Outros já apontam para dificuldade de realizar práticas mais colaborativas em função do tipo de serviço que ofereciam.

Garcia (1999) e Cardoso (2009) já problematizam em seus estudos a escassez de ações realizadas para formação dos terapeutas ocupacionais na área escolar. Os autores discutem que esse déficit ocorre principalmente na graduação, já no que se refere a pós-graduação os profissionais precisam muitas vezes se inserir em áreas afins para realizar essa formação. Os dados referentes ao desempenho dos terapeutas ocupacionais durante a parte teórica do COLABORA TO também refletem essa mesma necessidade. Assim para Toyoda et al (2007), Rocha (2007), Lourenço e Cid (2010) a necessidade de desenvolvimento profissional dos terapeutas ocupacionais na área educacional ainda é evidente.

3.4-DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS DE CONSULTORIAS COLABORATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR.

A Tabela 9 apresenta as parcerias estabelecidas nas práticas realizadas em consultoria colaborativa no contexto escolar, com as características do estudante alvo selecionado pelos terapeutas ocupacionais, os problemas levantados pelos terapeutas ocupacionais e professor, as mudanças na medida canadense de desempenho ocupacional do estudante antes e após a intervenção indireta com o professor. Descreveram-se ainda as ações realizadas pelos terapeutas ocupacionais no contexto escolar.

É possível observar que apenas seis terapeutas ocupacionais realizaram as práticas em consultoria colaborativa no contexto escolar. As terapeutas ocupacionais T1 não conseguiu estabelecer uma comunicação com a escola impossibilitando sua ação prática. No entanto, vale ressaltar que esta foi a única terapeutas ocupacionais que já tinha conhecimento prévio da temática e segundo relatos durante o programa já aplicava vários pressupostos desse modelo em seu cotidiano.

Segundo Law et al (2009) para que uma mudança seja considerada significativa na Medida de Canadense de Desempenho Ocupacional é necessário haver a diferença de dois ou mais pontos entre a nota inicial e final de desempenho e satisfação. Portanto pode-se observar que em três parcerias foi possível identificar mudanças no desempenho do estudante alvo por meio da instrumentalização do professor a partir da consultoria colaborativa.

No caso da tríade 2, T2 preocupou-se em promover o conhecimento e a formação da professora sobre recursos de comunicação alternativa e a importância de sua utilização no contexto escolar. E2 estava presente em sala de aula, mas não se comunicava efetivamente com professor e seus colegas, pois tinha ausência da fala. Mediante a necessidade de proporcionar uma maior participação e autonomia T2 introduziu dois conceitos o do “sim e não” e por meio dos recursos de comunicação alternativa. Assim a partir deles foi possível E2 iniciar a sua comunicação na escola. Torna-se fundamental discutir que T2 orientou P2 a informar a família sobre o trabalho realizado na escola iniciando um espaço de interlocução.

Tabela 9- Práticas realizadas pelos terapeutas ocupacionais em consultoria colaborativa.

Estudante Professor T.O	Patologia	Problemas a serem Solucionados	Mudanças de pontuação oriundas da aplicação inicial e final referente à Medida Canadense de Desempenho Ocupacional		Orientações e Encaminhamentos
			Desempenho	Satisfação	
E2 P2 T2	Paralisia Cerebral	Comunicação	Desempenho 2	Satisfação 3	Plano Inclinado Recursos de comunicação alternativa Interlocução família, escola e terapias
E3 P3 T3	Paralisia Cerebral	Atenção e concentração Dificuldades na coordenação motora Aprendizagem	D 0	S 0	Inserção de atividades lúdicas específicas no desempenho escolar Estruturação atividades escolares. Encaminhamento para ortetização
E4 P4 T4	Retinopatia da prematuridade	Problemas comportamentais	D 0	S 0	Jogo do bom comportamento.
E5 P5 T5	Síndrome de Down	Alimentação Dependente Marcha Imitação do comportamento dos colegas.	D 2,4	S 3	Formação Síndrome de Down e suas intercorrências no desempenho escolar Mudança de turma. Inserção de atividades lúdicas específicas na rotina escolar.
E6 P6 T6	Síndrome de Down.	Aprendizagem Preconceito	D 0	S 0	Inserção de atividades lúdicas específicas no desempenho escolar Estruturação atividades escolares. Preconceito. Interlocução família, escola e terapias
E7 P7 T7	Síndrome de Down.	Comunicação	D 2	S 4	Formação Síndrome de Down e suas intercorrências no desempenho escolar Recursos de comunicação alternativa Interlocução família, escola e terapias

Observa-se que os benefícios da consultoria colaborativa não se restringiram apenas ao empoderamento do professor, mas tiveram impacto também no desempenho do estudante em sala de aula. E2 passou de espectador em sala de aula para um estudante participativo, o qual já conseguia comunicar-se com professor e seus colegas de forma a expressar suas vontades e desejos, com grande potencial para aprender conteúdos escolares.

Na tríade 5 também foi possível observar modificações significativas relativas ao desempenho inicial e final de E5. Dentre os problemas que demonstraram melhoras ao longo do processo tem-se a comunicação, independência na alimentação e na marcha, além de uma diminuição na imitação do comportamento assim como a agressividade nas brincadeiras.

As principais ações realizadas nesse caso foram inicialmente a instrumentalização da professora sobre a Síndrome de Down. Posteriormente houve a necessidade de mudar E5 de sala, pois a criança desde que foi inserida na escola permanecia na mesma série. Tal ação promovia sua infantilização assim como a dependência para alimentação e dificuldades de socialização. Ainda discutiu-se com as professoras formas de estimular o desenvolvimento da marcha e socialização por meio de atividades lúdicas específicas. Assim T5 e P5 realizaram um trabalho de inserção gradual na série posterior, realizando procedimentos específicos para estimulação da alimentação independente, marcha e socialização. Observa-se que a consultora realizou um bom trabalho de empoderamento das professoras durante o processo, o qual se refletiu no desempenho de E5 no contexto escolar.

E por fim a última parceria em que foi possível notar modificações no desempenho do estudante em sala de aula foi na tríade 7. A primeira solicitação da professora foi conhecer melhor a síndrome de Down e suas intercorrências no desempenho escolar. Nesse caso a comunicação foi novamente o principal problema identificado. E7 apresentava ausência de fala dificultando seu processo de participação, independência e autonomia no contexto escolar.

Um fato interessante foi que a própria professora sugeriu a utilização dos recursos de comunicação. P7 verbalizou que anteriormente já tinha pensando nessa estratégia de intervenção, portanto precisava de um direcionamento profissional de como realizar essa ação.

Dessa forma T7 instrumentalizou a professora sobre as estratégias de implementação da comunicação alternativa e juntas elaboraram e implementaram a prancha de comunicação. Nota-se que houve uma mudança significativa, segundo a professora, no que se refere ao problema trabalhado por meio da consultoria colaborativa. Portanto, observa-se que a partir do empoderamento do professor E7 passou a aprimorar sua habilidade comunicativa durante a sua rotina escolar.

Outra importante contribuição de T7 nessa escola foi a promoção de um espaço de interlocução entre a escola, família e as terapeutas. Durante todo tempo que permaneceu na consultoria colaborativa promoveu-se essa comunicação. T7 preocupou-se em sensibilizar a escola sobre a importância dessas ações no desempenho escolar de E7.

Nos três casos, nos quais houve modificações no desempenho dos estudantes após a realização da consultoria colaborativa pode-se verificar algumas semelhanças. Entre elas estão a condição do aluno, no caso de E5 e E7 tinham Síndrome de Down, e os problemas levantados pelos professores referentes à comunicação no caso de E2 e E7.

Observa-se que nas três tríades as terapeutas ocupacionais se preocuparam em instrumentalizar o professor tanto sobre as necessidades dos alunos quanto sobre as estratégias de intervenção a serem implementadas. Considera-se que os momentos de apresentação, avaliação, elaboração do plano interventivo, acompanhamento, supervisão e reavaliação foram devidamente divididos nas oito sessões semanais e conseguiram produzir mudanças significativas na ação do professor em sala de aula e consequentemente no desempenho do estudante.

Nas outras tríades que não houve modificações significativas no desempenho dos estudantes e foi possível observar que nos casos 3 e 6 a principal dificuldade foi referente a problemas de aprendizagem. Nessas situações específicas o tempo de avaliação consequentemente deveria ser maior. Questões delicadas teriam que ser discutidas nesses casos específicos como, por exemplo, estratégias de ensino e estruturação das atividades a fim de aprimorar atenção e concentração dos estudantes.

Nos dois casos da tríade 3 e 6, os terapeutas ocupacionais fizeram uma retrospectiva junto aos professores sobre as atividades realizadas por eles em sala de aula. Eles descreveram estratégias que poderiam aprimorar o ensino das tarefas para promover a escolarização desses estudantes.

Foram sugeridos pelos terapeutas ocupacionais durante o processo de formação dois aspectos específicos. O primeiro referente à estruturação das atividades, indicou-se que as tarefas deveriam ser rápidas trabalhando conceitos simples a partir de objetos concretos. Essa ação facilitaria o processo de hipotetização e assimilação dos conceitos. O outro aspecto discutido foi à inserção de atividades lúdicas durante as aulas para promover maior interesse dos estudantes, o que conseqüentemente despertaria melhor atenção e concentração durante as tarefas.

No entanto como o período de avaliação e formação foi realizado em um longo tempo as oito sessões não foram suficientes para promover a modificação no desempenho do estudante. Os professores não tiveram tempo hábil para aplicar as estratégias discutidas. Outro agravante relativo ao tempo foi que se realizaram as parcerias no final do semestre impossibilitando a continuidade da intervenção.

Entretanto vale ressaltar que quando se utiliza o modelo de consultoria colaborativa indireta promove-se a formação do professor e conseqüentemente o seu empoderamento, portanto por mais que não houvesse a utilização imediata do conteúdo aprendido ele poderá apropriar-se dele em outras situações e casos específicos.

Ao observar a tríade 4 nota-se que apesar de apresentar retinopatia da prematuridade o principal problema levantado pela professora foram os problemas comportamentais. Nesse caso T4 tentou instrumentalizar a professora quanto à utilização de uma estratégia de manejo comportamental orientada pela professora do COLABORA TO, pois demonstrou falta de experiência sobre o assunto.

No entanto, quando a consultora trouxe a possibilidade de trabalhar em sala regras e limites com todos os estudantes, não conversou com a professora sobre a importância de se utilizar manejos comportamentais em sala de aula. Ela trouxe a estratégia e apenas conversou sobre como que deveria ser implementada.

Assim após essa explicação sobre o que deveria ser feito a professora concordou em utilizá-la. P4 tentou implementar a estratégia, mas não obteve sucesso ao desenvolver a atividade, pois os estudantes estavam dispersos. Tal fato comprovou a necessidade de uma capacitação anterior sobre manejo comportamental em sala de aula, por mais que a consultora estimulasse a autonomia e independência do professor em sala de aula.

Pode-se perceber, a partir desse episódio, que a consultora tentou seguir os princípios da consultoria fornecendo orientações de como aplicar a estratégia para P4. Contudo não se ateu a todo processo de reflexão anterior que essa professora deveria

passar para compreender que sua própria ação desencadeava nos estudantes as dificuldades comportamentais. Portanto é importante discutir nesse momento que a expertise torna-se fundamental para realizar o processo de consultoria colaborativa, uma vez que o principal objetivo é promover a formação do professor e seu empoderamento.

É fundamental esclarecer que mesmo não ocasionando modificações no desempenho dos estudantes tanto T3, T4 e T6 colocaram em prática todos os pressupostos da consultoria colaborativa. Um fato importante de discutir no caso de T3 é mudança na forma de se apresentar a esse professor, pois a terapeuta já havia tentado realizar um trabalho com esta profissional, mas foi negado. No entanto quando T3 chega com a proposta da consultoria colaborativa a professora aceita a parceria e recebe a terapeutas ocupacionais de outra forma, aberta para o desenvolvimento do trabalho. Já T4 tinha uma parceria tão fortalecida com a professora que muitas vezes chegou a ministrar as atividades junto com ela, demonstrando confiança da consultada no desenvolvimento de seu trabalho.

T6 foi um dos terapeutas ocupacionais que encontrou maior resistência da professora no desenvolvimento do trabalho. Ele precisou discutir questões delicadas além das dificuldades de ensino, as atitudes preconceituosas dos colegas com relação a E6, fato que P6 não tinha percebido até o momento. Cabe ressaltar ainda que a tríade 6 contava com outro fato que influenciava diretamente o desempenho escolar de E6 a falta de comunicação entre escola, família e profissionais e a diversidade e métodos de ensino utilizados ao mesmo tempo. Deste modo foi necessário promover esse espaço de interlocução para que todos compartilhassem os mesmos objetivos, metas e estratégias de trabalho em prol da escolarização de E6. Portanto no início da parceria enfrentaram-se alguns desafios, no entanto com o investimento contínuo em retomar os pressupostos da consultoria colaborativa conseguiu-se alcançar a verdadeira prática da colaboração.

3.5-DISCUSSÃO SOBRE AS PRÁTICAS DE CONSULTORIAS COLABORATIVAS REALIZADAS.

Essa sessão dos resultados promoveu uma apresentação sucinta sobre o desenvolvimento de todas as parcerias colaborativas realizadas nas escolas.

A Figura 2 apresenta um checklist de ações fundamentais para o desenvolvimento da consultoria colaborativa. Todas essas ações deveriam ser realizadas no desenvolvimento das práticas realizadas pelos terapeutas ocupacionais no contexto escolar. Nos seis casos descritos foi possível observar que todos os terapeutas ocupacionais apresentaram a preocupação de implementar o modelo de consultoria colaborativa por meio do cumprimento de todas suas etapas.

Para Idol, Nevin e Paolucci-Whitcomb (2000) existem várias fases que devem ser implementadas durante o desenvolvimento da consultoria colaborativa entre elas: a entrada destinada a apresentar os princípios da colaboração e investigar a voluntariedade dos profissionais para o seu desenvolvimento da parceria; a identificação do problema alvo por meio do processo avaliativo realizado pelo consultor junto ao professor; o estabelecimento de objetivos comuns a ser realizado na consultoria colaborativa; a discussão sobre as estratégias interventivas a partir das recomendações de intervenções; a implementação dessas intervenções; e por fim a reavaliação do trabalho colaborativo.

Um fato importante foi que em todos os casos os terapeutas procuraram empoderar o professor para que pudesse solucionar os problemas levantados por eles no contexto escolar. Nota-se que os consultados foram terapeutas ocupacionais ativos nesse processo, dessa forma ambos profissionais puderam alcançar a verdadeira colaboração.

Nesse momento é importante discutir que T2, T3, T4, T5, T6 e T7 atuaram por meio da consultoria colaborativa indireta. Vários autores têm defendido essa perspectiva indireta de atuação. Dun (1990) descreveu que a intervenção indireta em consultoria colaborativa demonstrou melhores resultados, pois dessa forma os terapeutas ocupacionais investiram na formação dos professores instrumentalizando para ações na escola.

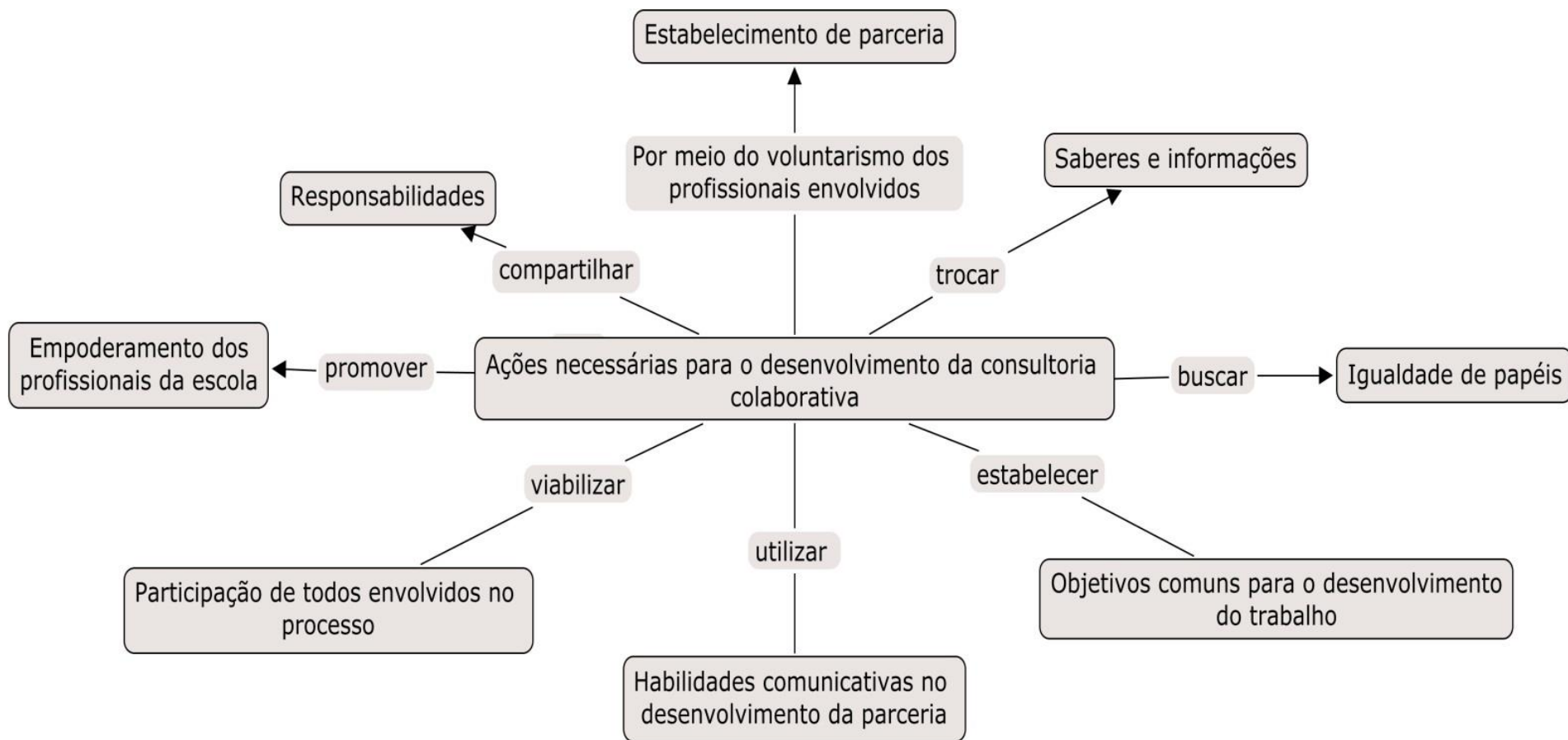


Figura 2 Mapa conceitual baseados nos conceitos de Kampwirth (2003) sobre as ações necessárias para o desenvolvimento da consultoria colaborativa no contexto escolar.

Kemins e Dun (1996) também avaliaram intervenções indiretas do terapeutas ocupacionais na escola e constaram resultados efetivos na formação de parceria com os professores. Dreiling e Bund (2003) afirmam que os serviços indiretos beneficiam o trabalho em sala de aula por não precisar contar com a disponibilidade dos terapeutas ocupacionais para implementar a intervenção. Portanto nota-se que as consultorias colaborativas indiretas favorecem o processo de empoderamento do professor para que eles possam atuar com maior autonomia e independência no contexto escolar.

Por mais que os ambientes em que os terapeutas atuassem fossem diversificados, escola especial, escola municipal, escola particular todos os professores apresentavam necessidade de formação para atuar no processo de escolarização dos estudantes que fazem parte do público alvo da Educação Especial. Vale ressaltar que alguns desses professores já haviam realizado formações específicas para atuarem junto à essa população. No entanto esses cursos não forneciam discussões teórico-práticas que favorecessem mudanças de atitude dos professores para adaptar as suas atividades escolares. Ainda vários estudantes permaneciam apenas inseridos em sala de aula sem que a escola fizesse adaptações curriculares que permitissem a eles o desenvolvimento das atividades escolares. Muitos professores colocaram que a escola tinha uma visão integrativa destinada a socialização e não inclusiva, justificando a falta de preparação das atividades para o estudante, portanto alguns estudantes eram espectadores do processo de escolarização.

Nesse sentido o trabalho realizado pelos consultores colaborativos promoveu a reflexão do professor sobre a necessidade de proporcionar a participação desses estudantes com a realização de adaptações específicas para as atividades escolares. Assim foi possível por meio de parcerias colaborativas desenvolver o processo de formação do professor em serviço atendendo a demandas individuais e específicas de cada contexto.

Lourenço (2012) afirma que a consultoria colaborativa tem sido bastante utilizada em proposta de formação de professores e incentivada pela literatura nacional e internacional como meio de proporciar formas do docente atuar sobre sua realidade prática e ainda refletir sobre esse processo. Portanto a prática da consultoria colaborativa já é reconhecida como efetiva para promover a formação de professores destinada a aprimorar sua atuação junto aos estudantes com deficiências. Várias pesquisas descritas pormenorizadamente na revisão de literatura como a de Dunn (1990) Kemmins e Dunn (1996), Sahagian (2003), Dreiling e Bundy (2003), Spencer et al

(2006), Golos et al (2011), Bazyk et al (2009) e Gebrael (2009) revelam bons resultados na consultoria colaborativa como meio de favorecer a formação de professores em serviços, e esses benefícios se refletem diretamente no desempenho escolar dos estudantes.

Por mais que as consultorias colaborativas fossem efetivas não houve tempo suficiente para que se observassem modificações no desempenho de todos os estudantes. Assim em três resultados referentes aos estudantes E2, E5 e E7 foram percebidas modificações no desempenho das habilidades trabalhadas por meio da consultoria colaborativa. Considera-se que o tempo de intervenção foi fator limitante para que os professores identificassem modificações no desempenho dos estudantes. Nota-se que os terapeutas ocupacionais os quais trabalharam com aspectos relacionados a estratégias para escolarização de estudantes com NEE's como E3, E6, não obtiveram mudanças no desenvolvimento do estudante, por mais que os professores reconhecessem estratégias fossem efetivas para o aprendizado.

A Figura 3 apresenta o mapa conceitual sobre as ações realizadas pelos terapeutas ocupacionais durante a consultoria colaborativa realizada no contexto escolar. Para descrevê-las foi utilizada a palavra orientação, promover e encaminhamento visto que o objetivo das ações era empoderar os professores e não realizá-las por eles.

Observa-se que as orientações para o desenvolvimento de atividades lúdicas sejam eles para trabalhar aspectos da escolarização ou do desenvolvimento neuropsicomotor foram ações realizadas por T3, T5 e T6. Outra orientação frequente foi quanto à estruturação das atividades escolares de forma a favorecer a utilização de objetos concretos, estabelecer uma pequena duração e objetivos pontuais.

A área do brincar é pesquisada por vários terapeutas ocupacionais, sendo um conteúdo previsto na estrutura curricular e presente desde a formação inicial deste profissional. Observa-se que as atividades lúdicas no contexto escolar ainda acontecem em sua maioria em momentos de recreação e não durante o processo de aprendizagem. Para Ferland (2006) o brincar é considerado uma das principais atividades da infância que envolve uma atitude subjetiva em que o prazer, a curiosidade, o senso de humor e a espontaneidade se tocam e se traduzem por meio de uma conduta escolhida livremente. Jurdi e Amiralian (2006) também afirmam que a atividade lúdica traz consigo o caráter livre e criativo, assim como a possibilidade de estimular a autonomia, de alterar papéis,

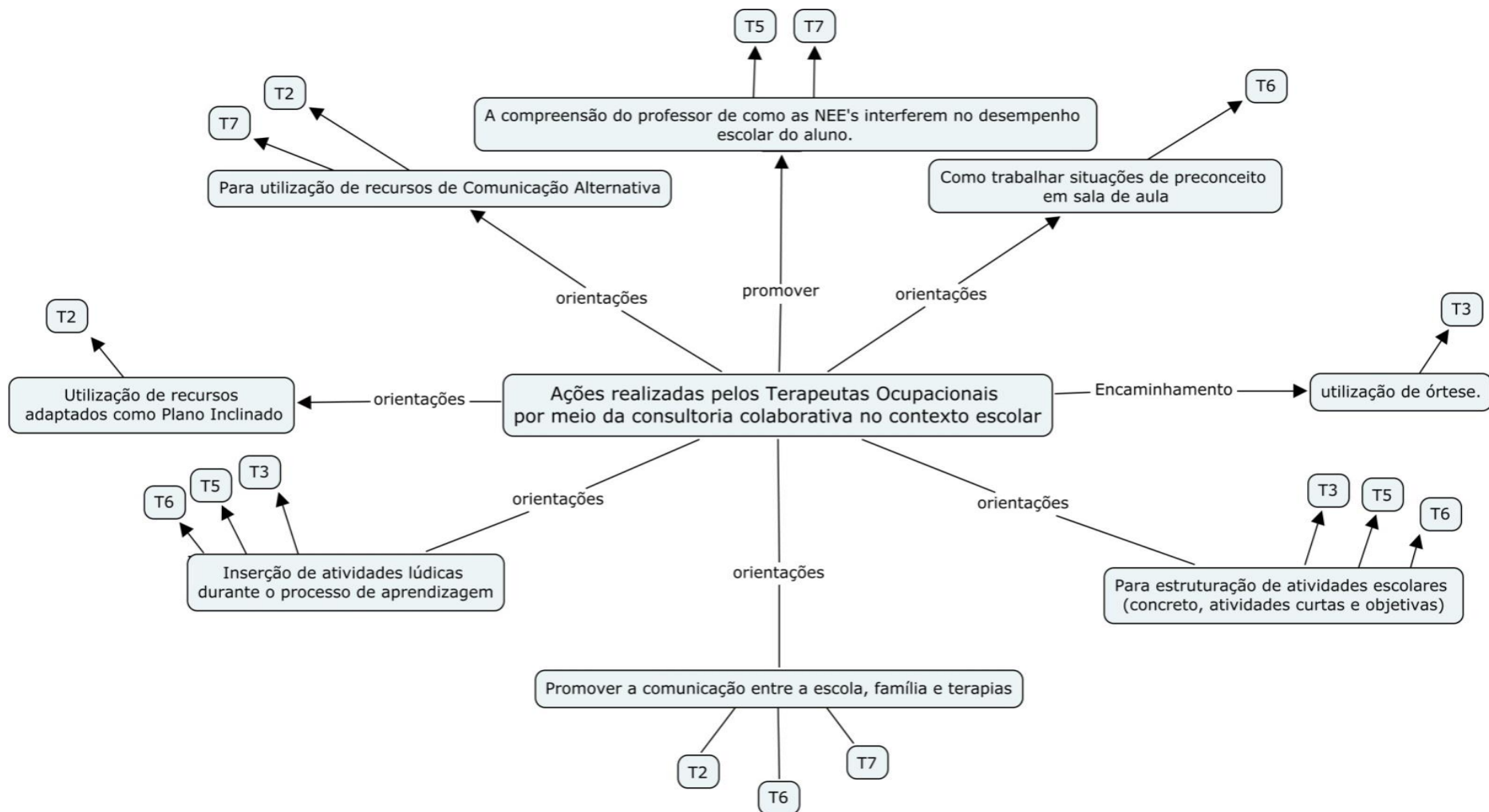


Figura 3 Mapa conceitual das ações realizadas pelos Terapeutas Ocupacionais na consultoria colaborativa realizada no contexto escolar.

fazendo com que seja possível estabelecer relações sociais e favorecer o desenvolvimento neuropsicomotor.

Nesse sentido os terapeutas ocupacionais podem contribuir com a formação de professores de forma a promover orientações destinadas a inserir o lúdico durante o desenvolvimento das atividades escolares, e dessa forma favorecer o interesse a atenção e concentração do estudante em sala de aula. Segundo Vedeler (1986) tanto os professores quanto os terapeutas devem conhecer os comportamentos lúdicos durante o brincar, sua evolução e as habilidades correspondentes aos diversos estágios do desenvolvimento infantil para melhor trabalhar com a criança nessas situações, pois o brincar é considerado uma forma de atividade lúdica, indispensável ao desenvolvimento infantil.

O tema da estruturação da atividade permeia o processo de desenvolvimento cognitivo, segundo Bee (2003) para o desenvolvimento da aprendizagem de crianças na educação infantil e ensino fundamental é necessária à vivência da experiência. A criança aprende por meio da sua interação com o meio, no entanto observa-se que no contexto escolar ainda se nota que os professores trabalham atividades que trazem conceitos abstratos distantes da realidade dos estudantes dificultando o aprendizado.

Os terapeutas ocupacionais durante a sua formação inicial aprende pormenorizadamente conceitos sobre desenvolvimento infantil e ainda a análise de atividades. Para Williard e Spackman (2002) esse é um procedimento fundamental para permitir o conhecimento detalhado e de suas propriedades específicas como conhecer as etapas das atividades, observar seus componentes, as técnicas, os movimentos, as habilidades e as capacidades envolvidas nesse processo. Assim os terapeutas ocupacionais também pode ajudar o professor a aprimorar a forma de se estruturar as atividades a serem utilizadas em sala de aula, sem entrar no mérito de trabalhar questões pedagógicas, área de especialidade do professor.

Promover a compreensão de como os impedimentos interfere no desempenho escolar foi uma ação realizada pelos terapeutas ocupacionais. Ela é fundamental para que o professor reflita sobre as necessidades do estudante em sala de aula a fim de que sejam atendidas. Assis (2010) descreve que as dificuldades nessa identificação é um fator precursor de problemas no desenvolvimento escolar do estudante com deficiência. Uma vez não identificado as reais necessidades os professores não realizaram as adaptações necessárias como recursos; currículo e ambiente, a fim de proporcionar uma

maior independência e autonomia do estudante no contexto escolar. Nesse sentido, os consultores colaborativos promovem o acesso do professor às informações essenciais para o aprimoramento das ações do consultado junto ao estudante com deficiência. No caso das práticas realizadas os próprios professores solicitaram que os consultores trouxessem esses conhecimentos durante o desenvolvimento da parceria.

A próxima categoria frequente foi com relação à comunicação entre a escola, família e ambiente de terapias. Essa articulação intersetorial é fundamental para realizar ações em prol da escolarização do estudante. É fundamental que a escola, a família e a terapias trabalhem com esse estudante por meio de objetivos comuns. No entanto nota-se que muitas vezes o trabalho do professor, das terapias e da família tem abordagens divergentes que dificultam o aprendizado e desenvolvimento desse estudante. A necessidade de comunicação entre a escola, família e terapia é evidente, assim os terapeutas ocupacionais pode empoderar os profissionais da escola para sensibilizá-los sobre a importância dessa ação e como realizar essa comunicação.

A orientação para utilização de recursos de comunicação alternativa também foi uma necessidade presente em dois casos, de E2 e E7. Sem a comunicação do estudante na escola não existe possibilidades efetivas para sua participação e autonomia, as quais dificultarão demasiadamente seu processo de aprendizagem. Nesse sentido é necessário instruir o professor para que ele possa favorecer a comunicação por meio de recursos alternativos como pranchas de comunicação, plano inclinado que auxiliem a visualização dessa prancha, vocalizadores, *softwares* entre outros. No contexto educacional, as ações dos terapeutas ocupacionais na escola a partir da Comunicação Alternativa aumentam as possibilidades comunicativas entre as crianças com severos distúrbios na comunicação oral e escrita, facilita a interação dentro da aula e no processo de ensino e aprendizagem. Os recursos alternativos de comunicação também são favorecedores da participação ativa dos usuários no contexto social e escolar. (ROCHA, 2007; PELOSI; NUNES, 2011).

No que se refere à orientação para implementação de órteses ela se faz necessária para que o estudante possa aprimorar seu desempenho da coordenação motora e nesse caso especificamente de E3 ao desenvolvimento da escrita. No entanto, o trabalho de implementação da órtese deve ser realizado no contexto clínico sendo necessário o encaminhamento. No contexto escolar as orientações serão apenas para o processo de utilização desse recurso e também de detecção de sua necessidade, pois muitas vezes os professores desconhecem sobre a possibilidade de recursos que

auxiliariam esse estudante. Informá-los é de grande utilidade para que o professor possa orientar os pais.

Uma das competências dos terapeutas ocupacionais no contexto escolar descritas pela literatura e pelo órgão que regulamenta a profissão é a utilização dos recursos de Tecnologia Assistiva. Portanto é fundamental promover a formação de professores para que possam utilizar tais recursos em sala de aula a fim de viabilizar o acesso do estudante as atividades escolares. Marins e Emmel (2011) descrevem que os terapeutas ocupacionais é um dos profissionais da área da saúde o qual tem legitimado profissionalmente a utilização da tecnologia assistiva (TA) para o desenvolvimento de seu trabalho. Segundo Pelosi (2008) a TA proporciona ao profissional, maneiras de modificar o cenário de vida de pessoas com deficiência transformando sua realidade por meio de atividades funcionais que busquem a independência.

Por fim a última ação realizada que foi a implementação do “*jogo do bom comportamento*” como uma forma de promover o manejo comportamental em sala de aula. Para Stainback e Stainback (1999) a maioria dos professores precisam de uma boa capacitação para lidar com problemas de comportamento, assim estratégias de manejo comportamental devem ser utilizadas, pois contribuem para aprendizagem de todos estudantes, portanto não devem ser negligenciadas. Uma das estratégias comumente utilizadas é elaborar a construir junto aos estudantes regras a serem seguidas no contexto escolar e envolver a ludicidade para o cumprimento dessas regras. Vale ressaltar que foi a única estratégia utilizada que não foi bem sucedida pela falta de experiência e informação da consultora sobre a temática.

Assim é possível observar que várias ações de orientações ao processo de formação do professor foram realizadas pelos terapeutas ocupacionais, os quais se mostraram dispostos a compartilhar seu conhecimento específico de forma colaborativa. É importante destacar que durante o desenvolvimento das parcerias foi necessário discutir com esse professor vários aspectos que precisavam ser aprimorados na sua prática. No entanto, mesmo diante de situações que poderia ser conflituosas o desenvolvimento da consultoria colaborativa ocorreu com sucesso.

Para CAOT (2002) o objetivo da terapia ocupacional na escola é maximizar o desempenho dos estudantes em atividades fundamentais para o desenvolvimento de sua aprendizagem. Assim a Terapia Ocupacional em ações interventivas na escola auxilia na redução de custos para o sistema de saúde e os serviços sociais. Dessa forma o profissional trabalhará com a escola na interlocução direta com os professores, na

identificação das reais competências e habilidades do estudante e no aprimoramento das expectativas da escola sobre ele. Consequentemente reformular as percepções dos profissionais do contexto escolar é um resultado positivo. Nesse sentido a consultoria colaborativa com pais e professores tem maximizado a eficácia da prestação de serviço do terapeutas ocupacionais da escola.

Considera-se que esse modelo auxilia o profissional especialista criar uma boa vinculação com o professor a fim de que possam discutir abertamente várias questões delicadas que muitas vezes poderiam ser vistos pelos professores como invasivas. E nesse caso como o profissional se mostra de forma colaborativa a sua postura facilita e promove discussões críticas e construtivas em prol de um objetivo comum.

3.6-EVOLUÇÃO DO CONCEITO TEÓRICO CONSULTORIA COLABORATIVA DEPOIS DO COLABORA TO.

A Tabela 10 apresenta as definições de consultoria colaborativa após a finalização do COLABORA TO. Nota-se por meio das categorias uma mudança ao explicar o conceito de forma a expressar a importância da participação do consultado e de seu empoderamento na consultoria colaborativa, na qual os terapeutas ocupacionais passam a ser um importante mediador.

Tabela 10-Significado de consultoria colaborativa para os terapeutas ocupacionais após o término do COLABORA TO.

Categorias	Opinião dos terapeutas ocupacionais	Frequência Absoluta
Trabalho conjunto entre a escola e profissionais especializados	<i>O consultor trabalha em conjunto com o consultado em todos os processos da consultoria colaborativa, neste caso o professor participa ativamente de toda a etapa (prioridades, avaliação e implementação das ações).T3 O termo consultoria colaborativa significa trabalho mútuo entre profissional, professores e equipe de apoio escolar.T5 O termo consultoria colaborativa define um trabalho de enriquecimento de todos os profissionais que nele participam.T6 É o trabalho conjunto entre educadores, profissionais especializados, pais e demais envolvidos junto ao contexto escolar.T7</i>	4
Igualdade de papéis dos profissionais na consultoria colaborativa.	<i>Planejam e desenvolvem em conjunto estratégias de ensino para estudantes com necessidades especiais no contexto da sala de aula regular.T1 Percebo hoje que é uma ação muito mais ampla e efetiva, uma vez o que o consultante esteve envolvido em todo processo de intervenção.T2 A consultoria colaborativa se dá por meio da perspectiva bidirecional, ou seja, todos os profissionais envolvidos devem ser responsáveis pelas mudanças que devem surgir no processo da inclusão. T3 O termo consultoria colaborativa significa divisão de responsabilidades, equidade de papéis.T5</i>	4
Promoção da inclusão escolar de estudantes com NEE's.	<i>A consultoria colaborativa é uma das estratégias mais importantes para o alcance dos objetivos da Educação Inclusiva.T1 Para promover ao máximo a inclusão do estudante com necessidades especiais na escola regular.T5 Favorecer a inclusão das crianças com necessidades educacionais especiais. T4 "A consultoria colaborativa tem a finalidade de atender demandas e obter melhoras de desempenhos e expectativas dos seus clientes/estudantes dentro do espaço escolar." T7</i>	4
A colaboração no processo da consultoria.	<i>Termo atual utilizado para descrever o suporte à educação inclusiva que é realizado através do trabalho colaborativo envolvendo educadores da escola regular e profissionais especializados.T1 É a parceria entre família e profissionais da área da educação e da área da saúde colaborando com a educação.T4 O fato de ser colaborativo leva a várias possibilidades e a riqueza é essa. Ajuda a deixar o processo mais dinâmico e mais próximo de uma prática, o que faz muita falta para o setor escolar. T6</i>	3
A participação de todos na consultoria colaborativa	<i>O professor participa ativamente de toda a etapa (prioridades, avaliação e implementação das ações).T3 Uma vez o que o consultado esteve envolvido em todo processo de intervenção e partiu-se de sua necessidade e não do olhar isolado do profissional.T2 Trabalho de transformação e de crescimento de todos que dele participam. T6</i>	3
Empoderamento do consultado.	<i>Hoje entendo que consultoria colaborativa vai para além de uma simples consultoria, pois trabalha de forma a construir junto ao consultante e empoderá-lo, e não simplesmente dizer o que deve ser feito.T2 Além disso, a consultoria colaborativa tem como pressuposto a capacitação do profissional em implantar outras ações complementares sem a participação constante do consultor na escola. T3 É um trabalho de diagnóstico, de orientação, de supervisão, de participação, de empoderamento, de compartilhamento, de intervenção, de transformação e de crescimento de todos que dele participam. T6</i>	3

Observa-se assim o surgimento de novas categorias ao descrever a consultoria colaborativa. Durante o pré e pós-teste o termo trabalho conjunto é utilizado para definir consultoria colaborativa. No entanto, nota-se uma evolução no uso do termo que primeiramente era descrito de forma ampla e pouco detalhada. No pós-teste o trabalho conjunto é utilizado como aquele que envolve o consultado em todas as etapas do processo de construção, apoio mútuo propiciando o enriquecimento aos profissionais que participam dessa relação de forma a favorecer a bidirecionalidade intrínseca na parceria. Assim por meio do discurso dos terapeutas ocupacionais fica evidente a importância da participação do professor nesse processo.

Surge na definição dos terapeutas ocupacionais após o curso uma nova categoria a igualdade de papéis na consultoria colaborativa que é descrita por meio da opinião dos terapeutas ocupacionais sobre a importância de ambos profissionais no desenvolvimento do trabalho a partir do compartilhamento de responsabilidades no processo revelando o verdadeiro significado de parceria. Nota-se que existe a visão do deslocamento do papel do consultado como passivo de mero receptor de orientações impostas pelo consultor à terapeutas ocupacionais ativo e responsável pelas modificações no contexto escolar a partir de ações de colaboração com o consultor.

Mais uma vez a categoria promoção da inclusão escolar da população alvo da Educação Especial reaparece como a principal finalidade da implementação do modelo de consultoria colaborativa. Nota-se que não existe mais a necessidade de definir as ações e especialidades da Terapia Ocupacional na escola durante a explicação do termo, o que revela uma mudança de postura dos profissionais, os quais se colocam como profissionais dispostos a somar conhecimentos para transformar a realidade escolar.

A importância da colaboração na consultoria também é um aspecto descrito pelos terapeutas ocupacionais. T6 coloca que a colaboração ainda é um fato pouco trabalhado nas escolas, porém considerado fundamental por aproximar as intervenções do processo prático e dinamizar as ações na escola. T1 e T3 apontam que a presença da colaboração na consultoria é viabilizada por meio de um trabalho entre os profissionais especializados e a escola promovendo a articulação entre as áreas da saúde e educação.

A próxima categoria descrita refere-se à participação de todos no processo de consultoria, ou seja, a importância de transformar o papel do consultado como mero receptor de informações para terapeutas ocupacionais ativo em todo o processo,

portanto a opinião do professor torna-se fundamental e não somente o olhar do especialista.

O empoderamento é a última categoria apresentada, e aparece na definição dos terapeutas ocupacionais somente após o término do programa. É fundamental observar na fala de T2 a importância dada ao processo de empoderamento na qual ela descreve a importância de formar esse professor e não somente de dizer a ele o que deve ser feito. T3 aponta que por meio da capacitação do professor aumenta-se sua autonomia e cria-se uma relação independente entre consultor e consultado. E, por fim T6 descreve que esse trabalho promove transformação a todos que participam e não somente ao professor.

Assim inicialmente por mais que os terapeutas ocupacionais já descrevessem que a consultoria colaborativa era um trabalho entre os profissionais especializados e a escola para promover a inclusão escolar não havia descrições sobre a colaboração nesse processo. Durante o pós-teste esse aspecto é evidenciado por meio das categorias igualdade de papéis dos profissionais, a participação de todos e o empoderamento do consultado. Foi possível observar uma modificação na conceituação da consultoria colaborativa pelos terapeutas ocupacionais. As novas categorias descritas apresentam importantes princípios desse modelo que só surgem após os terapeutas ocupacionais terem participado do COLABORA TO.

3.7- COMPARAÇÃO DAS ATITUDES DOS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS EM CONSULTORIA COLABORATIVA ANTES E APÓS O COLABORA TO

Nesta sessão dos resultados foram apresentados vários pontos discutidos durante um estudo de caso aplicado no pré e pós-teste realizada nessa pesquisa. O principal objetivo foi avaliar possíveis mudanças no discurso dos terapeutas ocupacionais após cursarem o programa. Para demonstrar esses dados utilizaram-se tabelas comparativas dos dados iniciais e finais resultantes do estudo de caso. Foram discutidos vários assuntos como melhor local para realizar intervenção, ações iniciais dos terapeutas ocupacionais da escola, processo avaliativo e etapas interventivas. A Tabela 11 descreve a opinião dos terapeutas ocupacionais sem momentos de pré e pós-teste sobre o lugar ideal para desenvolver ações terapêutico-ocupacionais na área escolar.

Tabela 11-Respostas de pré e pós-teste dos terapeutas ocupacionais da primeira edição do programa relativas ao melhor local para realizar as intervenções no estudo de caso.

Locais	pré-teste	Frequência Absoluta	pós-teste	Frequência Absoluta
Sala de Aula	T2;T3;T4;T5;T6 e T7	6	T2;T3;T4;T5	4
Atendimento Educacional Especializado	T2;T4 e T6	3	T2 e T6	2
Escola como um todo	T1	1	T1; T6 e T7	3
Contexto Clínico	T3	1	T3	1

Todos os terapeutas ocupacionais tanto antes quanto depois do programa consideram que as ações devem ser realizadas no próprio contexto escolar. Tal fato é considerado positivo, pois revela a importância do profissional se deslocar até a escola para realizar as intervenções.

“A intervenção deva ocorrer na sala de aula, pois é neste ambiente que poderá analisar as reais dificuldades da criança e da professora, intervindo e orientando no contexto real, que é a sala de aula. T2”

“Dentro da sala de aula junto com a professora e o estudante. T3”

“Na sala de aula da criança com os demais estudantes, pois neste local a professora reconhecerá as potencialidades da criança. T4”

“Observação do estudante dentro da sua própria sala de aula. T5”

“Com certeza o que ela não poderá deixar de executar são as ações na sala de aula que o estudante frequenta. T6”

“Dentro do espaço da sala de aula comum, junto dos demais estudantes. T7”

A única terapeutas ocupacionais que no momento do pré-teste não apresentou essa categoria, foi T1 que enfatizou a importância da realização das ações terapêuticas ocupacionais na escola como um todo.

“Serão necessárias intervenções em vários espaços da escola, ou seja, na sala de aula, no banheiro, nos corredores, no pátio, refeitório, quadra, parque, enfim, em todos os locais que fazem parte do ambiente escolar. O objetivo é avaliar como acontece a interação dos estudantes com NEE’s. com os mesmos. T1”

Durante o pós teste a categoria sala de aula diminuiu a sua frequência, pois T6 e T7 também passaram a considerar importante a realização de ações na escola como um todo.

“Realizar as intervenções nos vários espaços da escola sala de aula. O cuidado para pensar junto à professora qual seria a sequência adequada de intervenções e em qual ambiente seria melhor executar cada uma delas. T6”

“Há necessidade de observarmos, se possível, além do espaço escolar, vendo o desempenho desse estudante na escola, foco principal da intervenção, em sua casa e no espaço para terapias caso haja. T7”

Outra questão importante de pontuar no pós-teste é a participação do professor na definição do melhor local para realizar as intervenções. T5 na categoria sala de aula descreve ser necessário realizar observações em sala de aula e após esse momento decidir junto com a professora o local para intervir por meio das necessidades específicas e das estratégias a serem utilizadas. T6 na categoria escola como um todo cita a importância de definir com o professor o sequenciamento das estratégias a serem realizadas e o melhor local para implementá-las. Portanto já se observa a postura colaborativa dos terapeutas ocupacionais na escola.

A segunda categoria descrita é o Atendimento Educacional Especializado, os terapeutas ocupacionais consideram esse espaço efetivo para suas ações, pois:

“Pode haver necessidade de algum momento utilizar a sala do AEE devido aos recursos para construção de material adaptado e uma avaliação mais específica. T2”

“Se a criança tivesse disponibilidade, a terapeuta poderia trabalhar na sala destinada ao atendimento educacional especializado, pois lá possui recursos especiais que dão suporte para o aprendizado da criança. T4”

“Se for necessário e adequado uma intervenção individual e privativa com a professora ou o estudante ela poderá utilizar a sala destinada ao atendimento educacional especializado. T6”

Assim durante o pré-teste os terapeutas ocupacionais T2 e T4 colocam que esse espaço é importante, pois disponibiliza materiais específicos destinados aos estudantes com deficiência e que em alguns momentos podem ser necessários a sua utilização. T6 coloca que se for necessário realizar uma intervenção individual com o estudante ou a professora poderia ser realizado nesse espaço. Durante o pós-teste a terapeutas ocupacionais T4 não descreve mais a importância dessa categoria e considera apenas a sala de aula como espaço das intervenções a serem realizadas.

A última categoria descrita é o contexto clínico, T3 descreve a importância de se necessário associar um tratamento em contexto clínico, pois algumas necessidades específicas não terão como ser trabalhadas apenas na escola.

“É importante ressaltar que outras dificuldades devem ser trabalhadas pela terapeutas ocupacionais em o atendimento clínico. T3”

Portanto, percebe-se que inicialmente grande parte dos estudantes já considerava importante a intervenção dos terapeutas ocupacionais em sala de aula o que é considerado significativo. Apenas T1 que já apresentava um conhecimento inicial sobre consultoria colaborativa cita como importante a intervenção na escola como um todo. Durante o pós teste a categoria escola como um todo também aumenta revelando uma visão mais ampliada dos terapeutas ocupacionais sobre sua atuação na escola. Ainda é importante colocar que os terapeutas ocupacionais também citam inicialmente com uma maior frequência o atendimento educacional especializado como um possível espaço de intervenção e no pós-teste essa categoria diminui de frequência. No entanto, vale ressaltar que os terapeutas ocupacionais descrevem esse espaço como importante devido à disponibilidade de materiais a serem utilizados. E por fim T3 é uma terapeuta ocupacional que apesar de considerar fundamental a intervenção em sala de aula descreve sobre a importância de associar ações na escola e no ambiente clínico a fim de que o estudante possa ser atendido em todas as suas necessidades específicas.

Observam-se mudanças no discurso dos terapeutas ocupacionais no pós-teste, pois quando citam a sala de aula novamente como local importante para intervenção traz a participação do professor para definir tal fato junto com o terapeuta. Ainda

alguns terapeutas ocupacionais passam a considerar a escola como um todo como um possível espaço para intervenção.

Com o movimento da inclusão escolar a escola passa a ser considerado um possível local de atuação dos terapeutas ocupacionais. Ações in loco são defendida por vários autores como Barlatotti e De Carlo (2001), Jurdi e Amiralian (2006), Rocha (2007), Toyoda *et al* (2007) e Cardoso (2009), Paula e Baleotti (2011) pois nada melhor do que conhecer a realidade do local para compreender fielmente todos os determinantes que influenciam os problemas de acesso e escolarização de estudantes com NEE's. Portanto, desloca-se dessa perspectiva clínica exigindo um novo papel deste profissional que é visar ações de auxílio aos professores e estudantes com NEE's, as quais contribuam com o processo de aprendizagem

Ainda é fundamental descrever que a presença do atendimento educacional especializado e o ambiente clínico refletem na necessidade dos terapeutas ainda considerar fundamental trabalhar de forma individual demandas em locais específicos. Várias pesquisas como Bazyk et al (2009) e Golos et al (2011) apontam para a importância da complementariedade dos serviços como uma forma de obter ações de verdadeira efetividade junto aos estudantes com NEE's.

A Tabela 12 apresenta a opinião dos terapeutas ocupacionais a respeito de como iniciariam suas ações na escola a partir das informações que já apresentadas no estudo de caso. Vale ressaltar que existiam orientações claras expressando a necessidade de indicar os caminhos a serem seguidas e não a proposições de estratégias prontas.

Tabela 12- Ações iniciais para o desenvolvimento da intervenção terapêutico ocupacional na escola.

<i>Categoria</i>	<i>pré-teste</i>	<i>Frequência Absoluta</i>	<i>pós-teste</i>	<i>Frequência Absoluta</i>
<i>Conhecer escola</i>	<i>T1;T2; T4;T6</i>	<i>4</i>	<i>T1;T4;T6</i>	<i>3</i>
<i>Iniciar intervenção</i>	<i>T5;T3 eT7</i>	<i>3</i>	<i>-</i>	<i>0</i>
<i>Iniciar avaliação</i>	<i>T3;T7</i>	<i>2</i>	<i>T3;T7</i>	<i>3</i>
<i>Conversar com o professor</i>	<i>-</i>	<i>0</i>	<i>T2 e T5</i>	<i>2</i>

Os dados referente a Tabela 12 apresentam inicialmente a categoria conhecer a escola.

“Realizando uma visita à escola, para o contato com professora e demais funcionários, estudante, classe, participando em conjunto com eles de

momentos de aula, de lanche, parque, uso do toalete, complementando as informações já recebidas com as observações e a avaliação propriamente dita. T1”

“Conhecer a criança e professora no contexto da sala de aula para que possa observar o desempenho da criança e a relação professor/estudante no processo de ensino/aprendizado. T2”

“Conhecer o ambiente escolar como um todo, a rotina da sala de aula, as estratégias e a dinâmica da professora, a dinâmica escolar da escola. Dessa forma, também ela criará vínculo terapêutico com André, com seus coleguinhas de sala e com a professora. T4”

“Frequentar a sala de aula para obter mais informações sobre o estudante e a professora em questão, quanto obter dos outros estudantes informações sobre a situação que eles vivenciam em sala de aula. T6”

E a partir dela os terapeutas ocupacionais descrevem a importância de levantar inicialmente informações sobre a escola, o professor e o estudante, a fim de conhecer sua rotina e desempenho na escola. T4 aponta para um aspecto importante que é a formação de vínculo com a escola a fim de desenvolver o trabalho de parceria. Durante o pós-teste essa categoria cai de frequência, pois T2 passa a participar de uma nova categoria que aparece apenas no pós-teste que é conversar com o professor a fim de conhecer a realidade vivenciada por ele.

A segunda categoria descrita apresenta que os estudantes dariam início as ações interventivas a partir das informações que já tem sobre o caso.

“Começaria a intervenção adaptando as atividades já utilizadas pelo professor em sala de aula e auxiliando ele a perceber as potencialidades da criança. Pensaria junto à escola na acessibilidade do estudante e nas questões de socialização. T5”

“Eu acho que o primeiro trabalho a ser realizado é a quebra dos preconceitos, trabalhar com os estudantes da escola sobre “O que é ser diferente”, isso deverá ser um trabalho contínuo e extenso, pois não se quebra preconceitos em um determinado momento.T3”

“Primeiramente focar na organização espacial tanto da sala de aula quanto da escola em si, permitindo e facilitando o acesso do cliente aos diferentes espaços dentro do ambiente escolar. A questão da incontinência urinária é outro aspecto a ser focado, trabalhando com o cliente horários para ir ao banheiro para que, com o treino, se possível, ser capaz de abandonar o uso das fraldas; adaptações do material do cliente para facilitar as preensões.T7”

As colocações descritas pelas terapeutas ocupacionais demonstram um posicionamento não colaborativo com relação às ações a serem realizadas junto ao contexto escolar, pois nenhuma delas expressa a importância da participação do professor no processo de elaboração da intervenção e a necessidade de conhecimento prévio do ambiente escolar. Tal fato revela uma postura de especialistas na qual já se existe um protocolo de ações a serem tomadas diante das situações descritas no estudo de caso. É importante destacar que essa categoria não aparece no pós-teste revelando uma mudança na postura dos terapeutas ocupacionais após cursarem o COLABORATO.

A próxima categoria descrita pelos terapeutas ocupacionais é o início das avaliações.

“A terapeutas ocupacionais deverá avaliar qual é a real limitação de locomoção do estudante em questão, talvez uma cadeira de rodas ou um andador resolveria uma boa parte da limitação de locomoção. Depois de uma avaliação, realizar as adaptações necessárias para melhorar o desempenho escolar do estudante. T3”

“Além de avaliar se o estudante possui alguma outra alteração no seu quadro, como auditivas ou dificuldades na comunicação/compreensão, que estejam interferindo em seu desempenho durante as aulas. Avaliar estímulos ambientais dentro da sala de aula que podem estar. T7”

Apesar de já darem início às ações interventivas T3 utilizaria a avaliação apenas para realizar adaptações necessárias para melhorar o desempenho escolar do estudante e T7 faria a avaliação para investigar outras áreas do desenvolvimento como audição, comunicação que podem interferir no desempenho do estudante, informações não são descritas no caso. Durante o pós-teste os terapeutas ocupacionais consideram a avaliação importante, mas nenhum deles afirma que faria intervenções apenas com as informações descritas no estudo de caso.

A última categoria descrita que aparece apenas no momento do pós-teste é a importância de inicialmente conversar com o professor.

“Deve começar conversando com a professora de forma a esclarecer quais os objetivos da consultoria colaborativa e reforçando a importância da participação dela no enfrentamento do problema, ou seja, esclarecer que se trata de uma relação de apoio mútuo e trocas de saberes para solucionar o caso. Posteriormente deve-se observar o contexto da sala de aula. T2”

“Só determinaria um plano de tratamento ou pensaria em intervenções, adaptações e outras orientações após ouvir e discutir o caso do estudante com a sua professora e equipe que o acompanha, e se possível ter a oportunidade de escutar os pais e o próprio estudante para entender melhor o contexto escolar e suas necessidades. T5”

É importante discutir que T2 aponta como fundamental a necessidade de esclarecer os objetivos da consultoria colaborativa, para posteriormente iniciar o processo de observação do estudante no contexto escolar. T5 considera que antes de pensar em planos de tratamento é necessário ouvir e discutir o caso do estudante com o professor e os pais para entender melhor a situação. Nesse momento é importante destacar a mudança de atitude de T5 que parte da categoria dar início à intervenção para conversar com o professor.

Assim percebe-se que inicialmente a maioria dos terapeutas ocupacionais descrevia que era importante primeiramente conhecer a escola, fato que é considerado positivo. No entanto, houve mudanças significativas no discurso dos terapeutas ocupacionais do pré-teste para o pós-teste. A princípio alguns terapeutas ocupacionais deram início a intervenção apenas com as informações descritas no caso durante o pré-teste, já no pós-teste essa categoria não aparece mais. Ainda é importante descrever que surge uma nova categoria no pré-teste que é conversar com o professor como a primeira ação a ser realizada.

Durante o pré-teste ainda observa-se resquícios culturais da intervenção preferencial, na qual o terapeuta ocupacional atua como detentor do saber e no momento inicial já se prepara para iniciar a intervenção. Já durante o pós-teste o discurso dos terapeutas ocupacionais vai ao encontro dos princípios da consultoria colaborativa que segundo Kampwirth (2003) é verificar a voluntariedade do profissional antes de iniciar as ações, após esse consentimento conhecer a escola e o professor apresenta-los os princípios da consultoria colaborativa.

A Tabela 13 apresenta como os terapeutas ocupacionais do programa fariam a avaliação se fossem os terapeutas ocupacionais responsáveis pelo caso descrito. Elas são apresentadas em dois momentos diferentes antes e após participarem do COLABORATO.

Tabela 13-O processo avaliativo na opinião dos terapeutas ocupacionais.

<i>Categorias</i>	<i>pré-teste</i>	<i>Frequência Absoluta</i>	<i>pós-teste</i>	<i>Frequência Absoluta</i>
<i>Focada no estudante</i>	T2; T3 e T6	3	T6	1
<i>Focada na escola</i>	T4 e T7	2	-	0
<i>Avaliação global (família, escola, estudante)</i>	T1;T5;T7	3	T1;T5; T4 e T7	4
<i>Participação do professor no processo avaliativo</i>	-	0	T2;T3 e T5	3

Durante o pré-teste os profissionais por mais que defendessem uma atuação no contexto escolar, ainda focavam as ações de caráter avaliativo no estudante.

“Verificar a organização postural, o local onde a criança fica, se longe ou perto do professor; Buscaria organizar juntamente com a professora os horários para a troca de fralda; Se existe impossibilidade de locomoção deve-se avaliar a necessidade de um dispositivo de auxílio, como a cadeira de rodas; Se existe dificuldade de coordenação motora fina necessita avaliação motora do movimento de preensão e se for o caso deve-se confeccionar as devidas adaptações; A falta de atenção e dificuldade em compreender as orientações deve ser melhor avaliado, pois pode estar associado a diversas outras questões como adequação postural, acuidade. T2”

“O terapeutas ocupacionais deve realizar uma avaliação das habilidades motoras globais e fina, das habilidades percepto-cognitivas. T3”

‘A partir da avaliação para conseguir chegar a um bom padrão de comunicação com o estudante. Também é necessário que seja estabelecido, anteriormente à avaliação, quais são as metas esperadas para ele dentro do currículo oferecido. T6”

Tal ação pode ser influenciada por uma cultura de transposição de condutas clínicas para o contexto da escola. Os terapeutas ocupacionais T2 e T3 mudam de opinião a respeito da avaliação no período do pós-teste destacando a importância da participação do professor no processo avaliativo. Já T6 ainda permanece com a mesma opinião só acrescentou que utilizaria algumas atividades durante o processo para avaliar o desenvolvimento do estudante.

Os outros terapeutas ocupacionais durante o processo do pré-teste mantêm uma coerência afirmando que as ações avaliativas devem ter foco no contexto da escola.

“A TO deveria observar o ambiente escolar por uma semana, para conseguir entender a rotina da criança e as atividades que a crianças apresenta limitações bem como as estratégias que a professora utiliza para ministrar a aula. T4”

“Avaliaria o paciente dentro do ambiente escolar – tanto em sala de aula quanto nos demais ambientes da escola, avaliando seu desempenho no acesso a esses diferentes ambientes, na execução das atividades solicitadas pela professora durante as aulas bem como dos auto cuidados; e sua relação com professores, estudantes e demais funcionários. T7”

A opinião dos terapeutas ocupacionais corrobora com o posicionamento de que a realização das ações interventivas deve ser feitas nesse contexto. Portanto os terapeutas ocupacionais descrevem a importância de realizar a avaliação para compreender o desempenho do estudante no contexto escolar. Durante o pós-teste essa categoria não apresenta nenhuma representatividade.

Os terapeutas ocupacionais T1, T5, T7 inicialmente já descrevem a importância de uma avaliação global, e por mais que o estudante e as ações sejam realizadas no contexto da escola, é importante obter informações também de sua família e do próprio estudante.

“A funcionalidade da criança no contexto escolar (quanto à interação social, aspectos cognitivos, perceptivos e motores), nas atividades pedagógicas / lúdicas / AVD’s – higiene, locomoção, comunicação, vestuário / troca de fraldas e alimentação; a necessidade de indicação de tecnologia assistiva,, adaptações em materiais escolares, o transporte até o local, etc. -Verificar as possibilidades dos espaços (para circulação, posicionamento, troca de fraldas, higienização, alimentação, lazer); - as atitudes de todos que convivem neste espaço (a classe, professora e demais funcionários), observando o acolhimento e as estratégias que são utilizadas para incluir a criança nas atividades da rotina escolar; -A troca de informações, se possível, com a família. T1”

“Realizaria avaliação clínica e funcional com o estudante, se possível a visita domiciliar e na escola para avaliar as condições gerais de autonomia, locomoção entre outros aspectos fundamentais para o processo terapêutico, realizaria entrevista com familiares e outras pessoas próximas para ouvir as necessidades e principais dificuldades encontradas, constar uma avaliação do ambiente em que o estudante irá estudar e observar as possíveis modificações. T5”

“Avaliaria o paciente dentro do ambiente escolar, tanto em sala de aula quanto nos demais ambientes da escola, avaliando seu desempenho no acesso a esses diferentes ambientes, na execução das atividades solicitadas pela professora durante as aulas bem como dos auto cuidados; e sua relação com professores, estudantes e demais funcionários. T7”

Por meio das descrições das falas dos terapeutas ocupacionais é possível observar que os terapeutas ocupacionais compreendem o estudante como ser

biopsicossociais e que estabelece interações nos diversos contextos que participa e por isso destaca-se como fundamental a avaliação global. No momento do pós-teste essa categoria aumenta sua frequência absoluta e T4 a passa a considerar importante a avaliação global para se obter sucesso nesse processo.

“A terapeutas ocupacionais deveria observar o ambiente escolar por uma semana, para conseguir entender a rotina da criança e as atividades que a crianças apresenta limitações bem como as estratégias que a professora utiliza para ministrar a aula. Acrescento que também é importante levar em consideração o ambiente familiar, ou seja, entender e conhecê-lo é uma fase importante para todo o processo obter sucesso. T4”

Uma categoria importante que surge no pós-teste é a importância da participação do professor na avaliação.

“Antes de pontuar minhas considerações ouviria o que a professora traz como problema a ser solucionado e se ela já pensou e tentou alguma forma de solução. Após buscaria articular com minhas observações para tentarmos ampliar o olhar para intervir no caso. T2”

“Acompanhar o trabalho em sala de aula para avaliar em conjunto as necessidades do estudante os componentes que limita a função do estudante e explicar a professora o porquê destas dificuldades da criança e quais são as outras possibilidades. Após estas observações e reflexões, levantaria junto com a professora as prioridades a serem trabalhada. T3”

“Aplicaria a avaliações com a professora e diretora da escola, ou utilizaria outros meios como avaliações mais específicas e encontros de discussões com a equipe escolar para realizar uma avaliação conjunta. T5”

Inicialmente as ações avaliativas envolviam apenas a atuação dos terapeutas ocupacionais durante esse processo. Após o COLABORA TO T2, T3 e T5 consideram o professor como uma peça fundamental, assim é a avaliação em conjunto com os profissionais da escola que ganha importância nesse procedimento.

Observam-se mudanças importantes durante o pós-teste na Tabela 13 a primeira é a diminuição da categoria avaliação focada no estudante, fato que nos remete a intervenção preferencial. O aumento da frequência na avaliação global e o surgimento da categoria participação do professor no processo avaliativo foram aspectos que já revelam uma nova postura colaborativa dos profissionais ao realizar a avaliação. Todos esses fatos contribuem para promover a discussão de mudança do discurso dos terapeutas ocupacionais após a participação no programa.

Durante a consultoria colaborativa o momento da avaliação deve ser criteriosamente investigado, pois é nele que consultor e consultado devem entender quais são os fatores que interferem no desenvolvimento do problema. Nesse sentido uma avaliação global da rotina do estudante na escola pode trazer dados significativos para sua compreensão. Restringir essa avaliação apenas ao estudante impede que o profissional tenha o real entendimento dos aspectos que interagem sobre o problema. A participação do consultado nesse processo é essencial, pois é ela que apontará os principais problemas a ser avaliados, qualquer dificuldade nesse procedimento podem interferir no bom desenvolvimento da consultoria colaborativa. Portanto compartilhar e trocar informações são aspectos que devem ser priorizados para que consultor e consultado possam chegar a uma única opinião a fim de estabelecer a meta a ser trabalhada. (KAMPWIRTH, 2003)

A Tabela 14 apresentou as etapas das intervenções terapêuticas ocupacionais segundo a opinião dos terapeutas ocupacionais da pesquisa referentes ao estudo de caso discutido. Assim o quadro apresenta possíveis modificações nas descrições dos terapeutas ocupacionais sobre a temática antes e após cursarem o programa de consultoria colaborativa na escola.

Tabela 14- Opinião dos terapeutas ocupacionais sobre as etapas de intervenção a serem realizadas durante as ações terapêuticas ocupacionais apontadas durante o pré e pós-teste.

<i>Categorias</i>	<i>Pré-teste</i>	<i>Frequência Absoluta</i>	<i>Pós-teste</i>	<i>Frequência Absoluta</i>
Avaliação dos terapeutas ocupacionais junto aos professores	T1;T2;T4;T5;T6 e T7	6	T1;T2;T3;T4;T5T6 e T7	7
Orientações dos terapeutas ocupacionais impostas aos professores	T3;T4;T5;T6;T7	5	T7	1
Orientações dos terapeutas ocupacionais realizadas de forma colaborativa junto aos professores	T1;T2 e T5	3	T1; T2;T3; T4 e T5 e T6	6
Esclarecimentos sobre a consultoria colaborativa a escola.	-	0	.T1; T2;T5; T6	4
Empoderamento do professor	-	0	T5 e T6	2
Formação do professor.	-	0	T5 e T4	2

A primeira categoria descrita na Tabela 14 é a avaliação dos terapeutas ocupacionais junto aos professores.

“O acolhimento à professora, isto é, ouvir suas dúvidas, angústias e todos os sentimentos que estão permeando o processo de inclusão escolar”. E esta conversa pode se estender a outros funcionários da escola. T1”

“Escutaria as dificuldades que ela tem em relação a ele e quais foram as estratégias que ela já tentou. T2”

“Após, a observação do ambiente escolar bem como do estudante, ela deveria conversar com a professora e diretora para mostrar que as estratégias e o plano de ensino da escola e da professora limitam a aprendizagem e a participação do André durante as atividades de sala de aula. T4”

“Pediria para a professora apontar quais são as suas principais dúvidas e necessidades observadas na rotina escolar do estudante. T5”

“Pensar em um trabalho de identificação da professora com as questões e dificuldades vividas pelo estudante. T6”

“Ouvir dúvidas e angústias dessa professora, propiciando um espaço de acolhimento para que aprenda a lidar com esses sentimentos. T7”

Nota-se que as falas descritas durante o momento do pré-teste se referem a acolher as angústias do professor com relação ao estudante, e apontam para a importância de pensar em um trabalho conjunto de identificação das principais necessidades. Os terapeutas ocupacionais T1, T5, T7 ouviriam as principais dúvidas dos professores.. No entanto, T4 coloca que realizaria a observação do ambiente escolar e já apontaria limitações no plano de ensino dessa professora, o que demonstra uma postura de especialista que poderia comprometer o desenvolvimento da relação do terapeutas ocupacionais com a escola.

Durante o pós-teste aparece apenas duas modificações na opinião dos terapeutas ocupacionais T3 e T5 que descrevem a importância de realizar avaliação em conjunto com o professor.

“Após observações e reflexões, levantaria junto com a professora as prioridades a serem trabalhada. T3”

“Observação do ambiente escolar bem como do estudante, a terapeuta poderá traçar quais são as habilidades, potencialidades, possibilidades e necessidades físicas, motoras, sensoriais e cognitivas do estudante. Após este passo, ela deveria conversar com a professora e diretora e mostrar tudo o que ela observou durante uma semana. T4”

Em seguida a avaliação os terapeutas ocupacionais T4, T5, T6 e T7 relatam inicialmente que realizariam orientações de forma imposta ao professor.

“Primeiro – trabalhar a questão de ser diferente, segundo estipular horário para a higiene pessoal do estudante que não seja dentro da sala de aula. Terceira – resolver o problema da locomoção – cadeira de rodas. Quarta – coordenação motora fina – engrossador de lápis ou pulseira de peso. T3”

“Dessa forma, a terapeuta deveria mostrar para a professora como modificar as estratégias e realizar adaptações necessárias para ocorrer o desenvolvimento e o processo de ensino e aprendizagem do estudante. T4”

“Realizaria um plano de intervenção e orientaria intervenções simples como local em que o estudante deve se sentar para favorecer a atenção, mobiliário e equipamentos de tecnologia assistiva adaptados, e se necessário de baixo custo; treino de Atividades de Vida Diária, principalmente para o controle de esfíncteres; como realizar atividades diárias adaptadas e estimular a inclusão; posicionamento em sala de aula e outras mudanças posturais que ofereçam conforto nas horas em que o estudante frequente a escola; atividade, jogos e brincadeiras que estimulem aspectos motores, sensorio-motores, cognitivos e sociais. T5”

“Cabe à assessoria conversar com a professora para saber de suas necessidades de adaptação de materiais, as formas de apresentação e qualquer outra dificuldade que ela apresente para viabilizar a implantação deste currículo durante as aulas. T6”

“Propiciar adaptações necessárias e/ou sempre que possíveis ao cliente facilitando sua maior autonomia durante as aulas; Auxiliar a professora nas modificações dentro do ambiente de sala de aula; Facilitar comunicação/aproximação entre professora-cliente. T7”

Os terapeutas ocupacionais apontam apenas orientações que devem ser realizadas e transmitidas a esses professores como se eles trouxessem as soluções para os problemas identificados durante a avaliação ou até mesmo aqueles descritos no estudo de caso. Por mais que algumas falas dos terapeutas ocupacionais envolvam o professor como as de T4, T6 e T7 elas ocorrem de forma que os próprios terapeutas ocupacionais atuem na posição de especialistas e donos dos “saber”, trazendo prontas soluções para resolução dos problemas.

T7 é o único terapeutas ocupacionais que continua com a mesma resposta após o término do COLABORA TO. É importante ressaltar que ela considera a participação do professor no processo de avaliação, mas continua com uma postura de especialista durante a intervenção, pois realiza as ações de forma unilateral apesar de envolver o professor no processo. Alcançar a verdadeira colaboração é considerado uma ação complexa principalmente no que se refere à prática de especialidades da profissão.

Alguns profissionais não conseguem modificar de postura na hora de implementar as ações interventivas.

A próxima categoria da Tabela 14 revela que no pré-teste já existia uma postura colaborativa por parte de alguns terapeutas ocupacionais os quais realizariam orientações aos professores de forma colaborativa

“As estratégias de intervenção sempre deverão ser pensadas em conjunto entre terapeuta, professora, estudante, família, escola, para que o processo de inclusão escolar ocorra da melhor forma possível. T1”

“A partir disto pontuaria as questões avaliadas e buscaria com a professora construir estratégias para cada um dos “problemas” levantados. T2”

“Refletir juntamente com a equipe pedagógica e se necessário com os familiares, ações de curto e médio prazo de maior importância, desenvolvendo um plano de intervenção. T5”

Eles descrevem em suas explicações a importância do professor como profissional fundamental no processo de construção da intervenção. Mas, mesmo assim é necessário descrever que inicialmente a postura de especialista para resolução do estudo de caso ainda foi a mais frequente.

Durante o pós-teste observa-se um aumento na categoria orientações de forma colaborativa sendo que T2, T3 e T4 passam a integrá-la. Portanto existe uma diminuição significativa naquela que descreve as orientações de forma imposta. Os terapeutas ocupacionais relatam sobre a importância da participação do professor para construir as estratégias interventivas.

“A partir disto pontuaria as questões avaliadas e buscaria com a professora construir estratégias para cada um dos problemas levantados. T2”

“Orientações das ações a serem realizadas devem ser trabalhadas junto com a professora. T3”

“Primeiramente, é importante ver a opinião da professora sobre todas as estratégias e também pensar com a professora sobre todos estes aspectos. T4”

“Devo desenvolver a proposta interventiva junto às pessoas que estão participando do processo. T6”

Ainda surge outra categoria após o COLABORA TO que aponta para a importância de realizar esclarecimentos iniciais sobre a consultoria colaborativa como uma etapa fundamental a ser trabalhada junto à escola.

“Apresentação da terapeuta sobre a consultoria colaborativa, isto é, orientando a relação que estabelecerão deve ser de colaboração, de cooperação, de trocas de informações, de descobertas, de soluções em conjunto, estimulando a professora a participar ativamente do processo, estando atenta às suas colocações, ao invés de trazer sugestões unilaterais. T1”

“Apresentaria ao professor que a consultoria colaborativa se dá através de parceria e da bidirecionalidade dos profissionais envolvidos. T2”

“Explicando o papel de consultora e o que é consultoria colaborativa, mostraria para a professora a importância da equidade e divisões de responsabilidades entre nós, e quanto isso é fundamental para o sucesso da intervenção. T5”

“Hoje já procuraria traçar este caminho junto à professora e diretora da escola, entendendo mais do caminho colaborativo. Posso ter como meta ou como direcionamento estas etapas e ações que coloquei na resposta anterior, mas sem dúvida acredito mais hoje no caminho colaborativo, onde devo desenvolver esta proposta junto às pessoas que estão no processo. T6”

T1, T2, T5 e T6 consideram uma ação essencial do terapeutas ocupacionais na escola apresentar os princípios da consultoria colaborativa, destacando as relações bidirecionais nas quais eles não atuam mais como especialistas, mas sim como mediadores. E nesse processo envolve-se o professor no compartilhamento de responsabilidades, informações e experiências a fim de promover a sua participação ativa em todo desenvolvimento da parceria.

O empoderamento e formação do professor também são categorias que surgem durante o pós-teste citada pelos terapeutas ocupacionais.

“Com certeza traçaria o caminho que me levaria ao empoderamento do professor. T6”

“Primeiro escutaria professora para posteriormente “empoderá-la” através de estudo. T3”

“Mostraria que estou a disposição para oferecer materiais, textos e orientações que auxiliem a professora a tirar dúvidas sobre as necessidades especiais do estudante. T5”

“Instrumentalizando a professora, escola e os demais estudantes da sala. Assim, a TO deveria capacitar e orientar a professora. T4”

Para Bose e Hinojosa (2008) não adianta o terapeutas ocupacionais se deslocar até a escola e resolver o problema do estudante é necessário promover a formação do professor para que possa empoderá-lo e torná-lo independente, autônomo e como profissional responsável pela melhoria da aprendizagem dos seus estudantes em sala de aula.

Observa-se por meio da Tabela 14 uma modificação nas ações dos terapeutas ocupacionais durante o pós-teste é importante descrever que duas novas categorias surgem que são o empoderamento e a formação do professor, pressupostos fundamentais da consultoria colaborativa. Ainda é importante descrever que existe um aumento da categoria orientações realizadas de forma colaborativa junto aos professores e a diminuição de orientações impostas pelo profissional aos professores.

Os benefícios do trabalho colaborativo nas escolas para Johnson (1990); Rosenholtz (1985) Popweitz e Myrdal (1991) Inger (1993) apud Lehr (1999) são o de tornarem os professores mais entusiasmados e autoconfiantes com relação aos seus papéis favorecendo tanto o trabalho dos professores quanto a escolarização de todos os estudantes. Nota-se que a colaboração pode contribuir para que os professores solucionem suas necessidades de forma eficaz evitando o sofrimento evidenciado no contexto escolar por meio dos desafios presentes na escolarização de estudantes com deficiências. Os benefícios para os consultores é tanto o promover a formação desse professor a fim de empoderá-lo para promover sua autonomia na escola quanto de aprender com o aluno e o professor.

French (2002) defende a participação dos terapeutas ocupacionais entre outros profissionais da área da saúde na equipe de educação geral de programas destinados a inclusão escolar. Ele considera que atualmente alguns professores já reconhecem a importância assistencial de profissionais de outras áreas na escola.

Neste processo destaca-se a necessidade de instituir o papel igualitário dos profissionais nessa relação. Esta parceria é compreendida por meio de uma perspectiva bidirecional onde, ambos vão contribuir e ser responsáveis pelas transformações ocorridas no contexto escolar. Assim o trabalho colaborativo vai promover apoio mútuo a fim de compartilhar responsabilidades e recursos. O objetivo final do trabalho de colaboração com o professor é desenvolver habilidades criativas a fim de solucionar os

problemas vivenciados no seu cotidiano para favorecer o aprendizado de todos os estudantes. (KAMPWIRTH, 2003).

3.8-ANÁLISE DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM PELOS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS DO PROGRAMA

Os resultados referentes ao desenvolvimento do processo de aprendizagem do programa foram coletados por meio do diário de bordo dos terapeutas ocupacionais, nos quais eles descreviam suas experiências pessoais de aprendizagem, e também por meio de um questionário aplicado ao final do COLABORA TO. Assim a Tabela 15 apresenta a opinião pessoal de cada terapeutas ocupacionais sobre o programa.

Tabela 15-Opinião dos terapeutas ocupacionais sobre a primeira edição do COLABORA TO.

<i>Categorias</i>	<i>Terapeutas ocupacionais das categorias</i>	<i>Frequência Absoluta</i>
Benefícios da educação on-line no processo de aprendizagem.	T2;T3;T4;T5 e T6	5
Identificação dos princípios da consultoria colaborativa no cotidiano profissional.	T1; T2;T3;T6 e T7	5
Benefícios da aprendizagem colaborativa.	T1;T2;T3;T6 e T7	5
Posicionamento dos estudantes sobre conteúdo programático e tutoria do professor.	T1;T2;T5;T6 e T7	5
Associação da teoria e prática por meio dos estudos de caso.	T2; T3;T4 e T6	4
Críticas ao Programa.	T1eT6	2
Formação dos Terapeutas ocupacionais na área escolar	T3 e T6	2

A primeira categoria da Tabela15 se refere aos benefícios da aprendizagem on line segundo os terapeutas ocupacionais

“Me surpreendeu, pois não conhecia o ensino a distância e colocava em dúvida sua real capacidade de ensinar. T2”

“Acho esta alternativa a distância é a melhor de todos os tempos, porque o ensino presencial dificulta muito por diversos fatores, como os custos com o deslocamento e a hospedagem e também ausência no serviço. T3”

“Não conhecia curso a distância e após começar a realizar as atividades percebo o quanto é importante curso a distância, pois muitas vezes não temos tempo para fazer um presencial. T4”

“Acredito que este programa também facilitou o encontro de diferentes terapeutas com vivências profissionais diferenciadas que favoreçam troca de informações muito interessantes e fundamentais para o crescimento e enriquecimento de cada uma de nós envolvida no aprendizado. T5”

“Achei uma ótima opção para quem está longe de centros de estudo como eu e sua dinâmica e didática me proporcionou contato com pessoas de diversos locais, o que talvez estando em aulas presenciais eu não tivesse. T6”

Assim, os terapeutas ocupacionais falaram sobre a importância da educação online, apontaram a facilidade de participar do curso e de desenvolver as tarefas sem precisar se deslocar de casa de forma a aproveitar o tempo disponível para estudar.

T2 confessou que inicialmente tinha dúvidas sobre a prática do aprendizado nessa modalidade de ensino e após o curso achou que a aprendizagem neste tipo de curso depende do desempenho do estudante.

T6 e T5 destacaram como foi importante a oportunidade de ter contato com terapeutas ocupacionais de diferentes partes do país, o que poderia não ser possível em um curso presencial.

Portanto observa-se que mesmo sem perguntar diretamente sobre educação online os terapeutas ocupacionais a reconhecem como favorecedora do aprendizado, viabilizando o contato com outros profissionais por meio da troca de experiências.

A próxima categoria descrita discute sobre o processo de identificação dos princípios da consultoria colaborativa no cotidiano profissional dos terapeutas ocupacionais. Portanto, apresenta as contribuições do curso a fim de fazê-los repensar em sua prática profissional.

“A nossa forma de trabalhar, ao longo do tempo, vem sofrendo "metamorfozes", também com as contribuições do curso. Hoje visualizo este trabalho de maneira muito mais ampla. Sinto que este curso está me ajudando muito na prática, e me fazendo repensar e amadurecer muitos aspectos em minhas condutas ou concepções. T1”

“Estou conseguindo pensar melhor sobre a atuação da Terapia Ocupacional na escola e conseqüentemente organizando melhor minhas idéias e estruturando minha atuação. T2”

“Percebo que venho atuando dentro das novas perspectivas e isso me dá um alívio muito grande. É lógico que tenho muito que aprender e acredito que este curso veio a colaborar neste sentido. T3”

“Entender teoricamente os conceitos da consultoria colaborativa fez com que eu pudesse reconfigurar experiências profissionais que já tive no passado e foi muito interessante os resultados que encontrei, principalmente por me ver nos dois papéis: de consultor e de consultado. T6”

“Esse curso veio para reforçar um pouco da visão que tenho de intervenção. A forma como nos expressamos junto ao outro é que nos permite a criação de vínculos, sermos compreendidos e compreender o outro, ser escutado e saber escutar, ser objetivo e saber observar o outro (visto que muitas coisas são ditas no silêncio da observação). T7”

A terapeuta ocupacional T1 descreve sobre o amadurecimento de suas condutas, T2 aponta sobre a estruturação da sua atuação. T3 coloca que já vem atuando por meio dessas novas perspectivas, T6 identificou-se nos papéis de consultor e consultado e T7 afirma que o curso contribuiu para compreender a importância de atuar por meio da perspectiva colaborativa. A partir de todos os relatos foi possível observar a real contribuição do COLABORA TO para o cotidiano profissional dos terapeutas ocupacionais.

A aprendizagem colaborativa também foi um dos princípios atendidos durante a elaboração do COLABORA TO. Assim os terapeutas ocupacionais a reconheceram como uma boa estratégia para o processo de aprendizagem.

“Lendo e comentando as colocações das minhas colegas, pude aprimorar e organizar alguns conceitos e condutas que se referem às práticas realmente inclusivas da T.O. na escola, e à importância da consultoria colaborativa no contexto e paradigma da educação inclusiva. T1”

“Pessoalmente devo dizer que as discussões me colocaram num processo de construção/desconstrução/construção. Isso porque a contribuição do outro foi fazendo com que eu refletisse sobre a minha própria opinião e reelaborasse alguns conceitos. T2”

“Tiveram discussões bem amplas, a teoria trouxe discussões muito ricas pra gente fazer troca de experiências. T5”

“Nossa, são tantas colocações no fórum! Às vezes fica lembrar quem postou o que tenho me identificado mais com as colocações. T6”

“Creio que uma das partes mais legais é postar mensagens no fórum, onde sempre posso discutir a respeito da opinião dos outros, o que me permite repensar estratégias e amadurecer idéias T7”

Vários terapeutas ocupacionais abordam a importância de ferramentas virtuais de discussão coletiva. Nos módulos iniciais utilizaram-se os fóruns de discussão com maior frequência e durante os estudos de caso todos poderiam participar compartilhar com a opinião do outro e até mesmo discordar de forma a realizar críticas construtivas. Essa foi uma das estratégias de aprendizagem utilizadas durante o programa. Portanto, é importante descrever que os próprios terapeutas ocupacionais apresentam sua experiência pessoal referente aos benefícios dessa estratégia no processo de ensino.

Quando são questionados sobre o que acharam do programa a maioria dos terapeutas ocupacionais descrevem sua opinião sobre a estrutura do programa.

“Achei bastante interessante a proposta, o conteúdo teórico, a metodologia e as discussões. T1”

*“Fiquei muito satisfeita com o conteúdo e dedicação do professor. T2
O programa favoreceu aprendizado completo sobre o tema, a professora sempre estava disposta a tirar dúvidas e auxiliar em todas as questões levantadas. T5”*

“O programa foi muito bem elaborado, bem colocado e pude desenvolver meu trabalho prático com ótima tutoria. T6”

“O programa apresentou de forma simples a visão e o raciocínio que o terapeutas ocupacionais nessa área deve apresentar, bem como responder objetivamente as questões surgidas durante esse processo. T7”

Os estudantes expressaram satisfação em relação ao conteúdo programático e a tutoria do professor. Eles descreveram que o COLABORA TO foi bem elaborado tanto no aspecto teórico quanto prático. Segundo os terapeutas ocupacionais o conteúdo apresentado de forma clara e simples, portanto é um aspecto que responde as metas do ensino on-line. T2, T5, T6 quando discutem sobre a atuação do professor durante o programa revelam satisfação quanto ao seu desempenho.

Outra categoria descrita pelos terapeutas ocupacionais foi à associação da teoria e prática por meio dos estudos de caso.

“Percebi que cada construção de tarefas servia para fixar os conteúdos a partir de uma prática reflexiva. Achei isso muito rico, pois me fazia rever a todo tempo as aulas mais de uma vez. T2”

“Refletir sobre a atuação dos personagens fictícios é também refletir sobre nossa atuação, rever nossas ações e buscar um caminho onde possamos realmente ser agentes fundamentais para o processo de inclusão e transformação não apenas de uma escola, mas de uma sociedade inclusiva. T3”

“Eu acho que o legal foi a teoria junto com as tarefas práticas assim, não na parte prática, mas exemplos que a gente poderia correlacionar com a teoria. Acho que isso pra mim fica mais claro. Por meio das situações fictícias conseguimos descrever o conteúdo aprendido e relacioná-lo com a atuação prática no contexto escolar. T4”

“Quando leio os casos apresentados consigo me aproximar bem de cada situação, pois já foram tantas as intervenções em escolas que me sinto muito próxima. Mas percebo que ao elaborar meus textos resposta já me detenho mais em trazer a teoria. T6”

Vários dos terapeutas ocupacionais consideraram os estudos de caso importantes estratégias para refletir sobre a teoria a fim de aprimorar a aprendizagem. T2 descreve

que as tarefas serviam para fixar os conteúdos por meio da reflexão, T3 e T4 colocam que a existência dos personagens fictícios ajudava a relacionar a teoria com as ações práticas. Para T6 os casos apresentados o fizeram lembrar das situações vividas e proporcionou maneiras de pensar aprimoradamente na teoria discutida. Assim é importante considerar que mesmo durante as aulas teóricas, utilizar situações fictícias que aproximem o estudante da prática foi fundamental para promover espaços reflexivos sobre os pressupostos do modelo de consultoria colaborativa.

No que se referem às críticas do programa os estudantes levantam dois pontos especificamente. O primeiro foi a necessidade de aprofundamento teórico e disponibilização de outras bibliográficas e a segunda refere-se ao tempo de realização do programa.

“Considero que o conteúdo teórico poderia ser mais ser aprofundado com a disponibilização de outras bibliografias. T1”

“Somente achei que o curso deveria ser oferecido no primeiro semestre do ano, pois aí teríamos mais tempo de parte prática nas escolas. O segundo semestre escolar normalmente é muito mais cheio de atividades, tanto para estudantes quanto para professores. Mas se for parar pra pensar quando dizemos que precisava de mais tempo é 100% legal porque significa que a gente tem muita coisa pra fazer.T6”

Quanto às críticas um dos terapeutas ocupacionais descreveu que o curso deveria ter sido ministrado no primeiro semestre de forma a favorecer o desenvolvimento da prática, pois no segundo semestre existem muitas atividades na escola as quais podem dificultar o desenvolvimento do trabalho do consultor. E ainda uma das terapeutas ocupacionais destacou a necessidade de aprofundar a teoria, vale ressaltar que essa terapeuta ocupacional já conhecia a consultoria colaborativa, portanto tal fato pode ter influenciado a fazer tal crítica. Além disso, é necessário colocar que como é assunto pouco difundido no país poucas referências na área são encontradas nacionalmente, portanto tal fato pode influenciar opinião.

E por fim T3 destacou a importância de discutir a atuação dos terapeutas ocupacionais na área educacional, visto que segundo ela esse conteúdo não foi abordado na graduação.

“Tem sido inovador falar sobre este tema, uma vez que não tive conteúdos acadêmicos na escola sobre este assunto. Além disso, a tutora nas nossas práticas contribuiu com outras ações que nós poderíamos

trabalhar com os professores, fazendo com que pudéssemos refletir outras formas de intervenção T3”

“Também a troca de idéias e questionamentos entre os terapeutas ocupacionais e a professora enriqueceu muito a prática profissional. T6”

Por meio das falas dos terapeutas ocupacionais notou-se que mesmo indiretamente as formas de atuação dos terapeutas ocupacionais na escola foram discutidas principalmente durante a prática de consultoria colaborativa. Os terapeutas ocupacionais apontaram o quanto foi importante a troca de conhecimento entre professor e estudante para o aprimoramento da prática profissional, o que comprova a tese sobre a necessidade de desenvolvimento profissional desses profissionais no que se refere a atuação do terapeutas ocupacionais na escola.

Nota-se, portanto que os terapeutas ocupacionais reconhecem contribuições importantes no programa de ensino como, por exemplo, a importância da educação on line, o processo de reflexão da própria prática durante o processo de ensino, a utilização de ferramentas de discussão coletiva viabilizando a aprendizagem colaborativa e ainda os estudos de caso como meio de promover associação teórico prática. Dessa forma verifica-se que todas as estratégias utilizadas durante a elaboração do programa foram reconhecidas como beneficiando o processo de aprendizagem.

A Tabela 16 apresenta a avaliação dos terapeutas ocupacionais do COLABORA TO sobre: o conteúdo elaborado; tempo para realização do programa; e relevância do tema discutido. Os dados são avaliados por meio de sua ocorrência.

Tabela-16. Avaliação do curso pelos terapeutas ocupacionais do COLABORA TO quanto ao conteúdo, tempo e relevância do tema.

Conteúdo	Frequência	Tempo para realização do programa	Frequência	Relevância do tema discutido	Frequência
Ótimo T2	71,4% ótimo	Ótimo T4	28,6% ótimo	Ótimo T4	85,71% ótimo
Ótimo T4		Ótimo T3		Ótimo T3	
Ótimo T3		Bom T5		Ótimo T5	
Ótimo T5		Bom T6		Ótimo T6	
Ótimo T6		Bom T7		Ótimo T2	
Bom T7		Bom T1		Bom T7	
Bom T1	28,6% bom	Regular T2	14,3% regular	Bom T1	28,6 % bom

A maioria dos terapeutas ocupacionais avaliou de forma positiva os itens discutidos, dentre eles 71,4% avaliaram como ótimo e 28,6% como bom o conteúdo discutido durante o programa. Quanto à relevância do tema discutido 85,7 % dos estudantes pontuaram como ótimo e 28,6% bom, reconhecendo a importância de se discutir a consultoria colaborativa no contexto escolar.

No que se refere ao tempo para realização do programa a maioria avalia como bom (57,1%) ou ótimo (28,6%) como e 14,3% como regular. A principal crítica ao programa foi com relação ao tempo destinado processo de implementação, que segundo os terapeutas ocupacionais foi pequeno para o desenvolvimento das atividades, principalmente da parte prática. E houve críticas também quanto a época do ano destinada ao desenvolvimento das parcerias com as escolas, pois os estudantes colocam que no segundo semestre do ano existem muitas datas comemorativas que podem atrapalhar o desenvolvimento da consultoria colaborativa.

A Tabela 17 demonstra quais foram as principais dificuldades encontradas pelos terapeutas ocupacionais durante o desenvolvimento do COLABORA TO. Assim os próximos dados discutem a experiência dos terapeutas ocupacionais por meio de possíveis intercorrências vivenciadas.

Tabela-17. Dificuldades encontradas pelos Terapeutas Ocupacionais para participar do COLABORA TO.

<i>Categorias</i>	<i>Terapeutas ocupacionais das categorias</i>	<i>Frequência Absoluta</i>
Dificuldades de tempo para o desenvolvimento da prática em consultoria colaborativa.	T1; T3 e T7	3
Surgimento de dúvidas.	T3; T6 e T4	3
Participação em chat.	T5	1

Observa-se que apesar do curso on-line ser a primeira experiência dos terapeutas ocupacionais, em um AVA, para a maioria dos profissionais não houve nenhuma intercorrência quanto a familiarização com o ambiente virtual. É importante ressaltar que um módulo do COLABORA TO foi destinado apenas para que eles aprendessem a utilizar as ferramentas do ambiente moodle.

Nota-se por meio da Tabela 17 que a maior dificuldade foi de encontrar horários disponíveis dentro das atividades profissionais para realizarem os estágios.

“Senti dificuldade apenas quanto à execução do módulo prático, mas isso em função da minha impossibilidade de agendar atividades extras na rotina semanal, já que trabalho em dois empregos, com carga horária completa (50 h semanais). Na participação on-line não encontrei dificuldades. T1”

“A dificuldade que eu tive foi a questão de arrumar o dia certo para a visita e também alguns problemas de saúde o que dificultou o meu desempenho. T3”

“Meus problemas pessoais no que refere a disponibilidade de horário para o estágio. T7”

Apesar de encontrarem essas dificuldades foi importante esclarecer que os terapeutas ocupacionais poderiam realizar as práticas no ambiente de trabalho. No entanto para fazê-las deveriam seguir um protocolo de ação a fim de aplicar os princípios da consultoria colaborativa. Dentre os estudantes que apresentaram essa dificuldade apenas um deles não conseguiu realizar a prática em consultoria.

Outro ponto importante descrito foi quanto o surgimento de dúvidas, por ser um curso on line e possuir atividades assíncronas não era possível as sanar instantaneamente, como se estudante estivesse com a presença do professor em sala de aula. Mas, vale ressaltar que os estudantes colocam que todas as dúvidas foram resolvidas rapidez.

“Não tive nenhuma dificuldade, todas as questões estavam claras e objetivas e as dúvidas foram esclarecidas pela tutora. T3”

“Quando tive dúvidas todas foram solucionadas na mesma hora praticamente. T6”

“Algumas vezes tive dúvidas e como o curso é a distância e não presencial, as dúvidas eram resolvidas em um tempo maior, mas consegui esclarecer todas as duvidas. T4”

O chat foi uma ferramenta disponível para que os estudantes pudessem estabelecer interações pessoais a fim de trocarem experiência profissional. Não existia uma obrigatoriedade de participar dele, por isso somente os estudantes que tinham interesse em conversar em tempo real procuravam utilizar esse ambiente. Um dos estudantes afirmou que teve dificuldades de participar desse ambiente em função do tempo disponível para o desenvolvimento das atividades.

A Tabela 18 apresenta a opinião dos terapeutas ocupacionais sobre a dinâmica adotada durante o desenvolvimento do programa, no que se refere ao material didático e os recursos utilizados para a viabilização do aprendizado dos estudantes.

Tabela 18. Avaliação da dinâmica do programa e os materiais didáticos e os recursos utilizados.

<i>Categoria</i>	<i>Terapeutas ocupacionais das categorias</i>	<i>Frequência Absoluta</i>
Satisfatório	T2,T3,T4,T5,T6,T7	85,7%
Parcialmente Satisfatório	T1	14,3%

Observa-se a partir da opinião dos terapeutas ocupacionais que a maioria considerou a dinâmica do COLABORA TO para atender aos objetivos do curso. É importante notar também que um dos estudantes colocou que as aulas foram claras, portanto foi possível perceber que o material preparado foi simples e objetivo seguindo orientações para a elaboração de cursos on-line.

“Achei coerente como o curso foi conduzido de forma a nos introduzir conceitos (aulas) e discussão de casos (fóruns) tornando o processo de aprendizado mais reflexivo para além de conceitos fechados, pois as discussões e construções conjuntas (wiki) enriqueciam o aprendizado. T2”

“É uma programação rica em conteúdos teóricos e mais do que isso, acredito que novos conteúdos enriquecedores saíram a partir deste curso. Além disso, os textos de referência vieram acompanhados de várias referências que nos permitem buscar novos textos e assim, ampliar ainda mais novos conhecimentos a respeito deste assunto que estamos aprendendo. T3”

“Achei bem didático e explicativo o material do módulo para realizar as tarefas. T4”

“As aulas foram muito claras, sempre tive acesso a materiais de apoio através da professora e os recursos foram adequados para os objetivos do curso. T6”

T4 e T6 colocam que o material oferecido era explicativo e claro, T3 diz que existiam possibilidades dos estudantes aprimorarem a busca por outros materiais a partir da leitura dos textos disponibilizados nas referências das aulas elaboradas especificamente para este programa. Além disso, T6 coloca que materiais de apoio eram oferecidos pelo professor para os estudantes. Nas falas T2 também observou que um dos objetivos propostos por meio da elaboração do programa foi atingido, que foi a aprendizagem colaborativa, no qual a interação não deve ocorrer apenas com o professor, mas também com os estudantes os quais podem trocar informação e experiência.

Acredita-se que um dos maiores desafios de se elaborar um curso on-line consiste em saber administrar a quantidade de material didático, articulá-lo durante a realização das tarefas o conteúdo teórico reflexivo e buscar clareza e simplicidade do material elaborado. Além disso, novamente ressalta-se a escassez de materiais sobre a temática principalmente nacionalmente dificultando a disponibilização de referências bibliográficas.

A Tabela 19 apresenta dados sobre a atuação do professor durante o desenvolvimento do COLABORA TO com relação a domínio de conteúdo, incentivo a participação do estudante, método avaliativo e de ensino, forma de exposição das idéias e relação estudante professor.

Tabela 19-Atuação do professor segundo a opinião dos terapeutas ocupacionais do COLABORA TO.

Categories	Avaliação	Opinião dos Terapeutas Ocupacionais	Frequência
Domínio de Conteúdo	Satisfatório	<i>Considero um bom desempenho da Professora Caroline, pois as dúvidas que apresentei foram esclarecidas adequadamente, e rapidamente, e as orientações foram interessantes e embasadas. T1 Achei que tem muito domínio do conteúdo e consegue articular a prática de todos os estudantes de forma personalizada e responsável. T2 A professora teve muito domínio do conteúdo apresentado, principalmente das temáticas que surgiram durante o programa. T4</i>	100%
Incentivo a participação do estudante	Satisfatório	<i>Nossa, me incentivou e ajudou o tempo todo, certamente se fosse um curso mais solto, sem tanto envolvimento do professor eu não teria conseguido obter os resultados que obtive com a prática. T2 A professora incentivou a participação de todos os estudantes através dos auxílios, dos esclarecimentos de dúvidas e das ajudas passo a passo tanto para utilizar o sistema moodle quanto para a parte prática acontecer T4 Sempre muito presente, ótimo! T6</i>	100%
Método Avaliativo	Satisfatório	<i>Justa e paciente, pois muitas vezes não cumpríamos os prazos e ainda assim tinha compreensão e estendia. Acho que a docência, mesmo a distância é isso, você compreender o lado do outro, ser mais tolerante e acima de tudo, ter sensibilidade para perceber e analisar cada caso. Gostei bastante dos retornos que dava depois dos diários e atividades enviadas, pois dava ânimo para continuar, pois sabia quando estava no caminho certo e quando tinha que mudar algo. T2 As formas de avaliação do programa de consultoria colaborativa foram importantes para garantir uma máxima participação dos estudantes, além de garantir que todos os estudantes participassem ativamente do processo de ensino e aprendizagem T4</i>	100%
Método de Ensino	Satisfatório	<i>As aulas teóricas através dos slides foram bem úteis e práticas para o aprendizado e os estudos de casos foram importantes para estabelecer um vínculo da teoria com a prática. T4 Foi a primeira vez que fiz um curso a distância e achei muito bom T6</i>	100%
Relação estudante-professor	Satisfatória	<i>Foi uma relação muito tranquila, sem hierarquias e de muita troca. Sempre estava disposta a tirar dúvidas e com idéias para agregar. T2 Mais do que satisfatório, Caroline sempre disponível e clara em responder as nossas dúvidas e acrescentar as questões que não estavam de acordo com os princípios da consultoria colaborativa. T3 Eu tive uma boa relação com a professora, pois sou humilde a ponto de relatar todas as minhas dúvidas. E a professora também é muito humilde, atenciosa e cuidadosa com as dicas, informações e e-mails que enviava não só para mim, mas para todas as outras alunas do programa. T4</i>	100%

Categories	Avaliação	Opinião dos Terapeutas Ocupacionais	Frequência
Forma de Exposição do conteúdo	Satisfatória	<i>Gostaria inclusive de aproveitar a oportunidade e parabenizá-la, pois expos as idéias e explicações de forma articulada e clara, coisa que muitas vezes escrevendo não é tarefa fácil. Sinceramente, fiquei admirada com a dedicação do professor. T2 Os conteúdos que foram passados seguiram etapas que deixou bem claro como seria as nossas ações no momento da prática, também forneceu questões relevantes que poderíamos enfrentar na relação com o professor. T3 Utilizar a ferramenta "moodle" para fazer o programa foi muito importante, pois este sistema de ensino tem muitas especificidades como o chat para os terapeutas ocupacionais conversarem, os fóruns de discussão importantes para o aprendizado e trocas de informações e experiência prática. T4</i>	100%

Quanto aos conteúdos os terapeutas ocupacionais avaliaram que o professor os dominava e que todas as dúvidas foram esclarecidas adequadamente e embasadas cientificamente. O incentivo a participação também foi identificado pelos estudantes como uma habilidade do professor, o qual sempre disponibilizou auxílio e acompanhamento contínuo do processo de aprendizado.

O método avaliativo segundo os estudantes foi considerado bom e uma forma de promover a participação máxima dos estudantes, com os prazos flexíveis diante do desenvolvimento do COLABORA TO. Ainda vale ressaltar que o retorno de todas as atividades realizadas era dado após o término do módulo de forma individual a todo o estudante que poderia ter a chance de corrigir as tarefas se necessário.

O método de ensino foi considerado efetivo pelos estudantes e a articulação teórico prática foi tida como fundamental para o desenvolvimento do aprendizado. A forma de o professor expor suas idéias foi clara e articulada segundo os terapeutas ocupacionais. Um dos estudantes ainda colocou que a apresentação do curso em etapas também ajudou na compreensão do modelo de consultoria colaborativa.

Por fim, os estudantes avaliaram a relação com o professor e todo a consideraram positiva. O fato que fica evidente por meio da fala dos terapeutas ocupacionais é a disponibilidade para tirar dúvidas e esclarecer sempre os princípios da consultoria colaborativa. Ainda segundo uma das terapeutas ocupacionais o processo da troca de informações e a falta de hierarquia favoreceu o desenvolvimento dessa relação.

Todos os itens descritos na Tabela 19 foram considerados satisfatórios pelos terapeutas ocupacionais do COLABORA TO, assim pode-se concluir que a atuação do professor sanou as necessidades vivenciadas pelo estudante no ambiente moodle.

3.9 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS REFERENTE À ANÁLISE DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.

Na elaboração do COLABORA TO preocupou-se prioritariamente em promover a aprendizagem dos terapeutas ocupacionais por meio de aspectos tanto teóricos quanto práticos. Assim a proposta foi a de estimular o exercício reflexivo dos conceitos por meio de situações problemas e da experiência propriamente dita. Os primórdios da idéia de se associar teoria a prática foi proposto por John Dewey influenciado por pensadores como Charles Sanders Peirce que defendeu o pragmatismo fundamentado em Kant, e também Willian James que de forma positiva estendeu o estudo acerca do pragmatismo. (CÂMARA E ROCHA, 2009).

Considerado um método de construção de conceitos a partir da experiência o pragmatismo perpassa por questões lógico-metodológicas da relação do sujeito com a realidade. Para Santos (2006) a abordagem *Deweyana* deve ser compreendida sob a ótica da experiência como elemento propulsor do processo educativo. Assim é a partir desse elemento que o estudante entende a realidade.

Para Dewey o desenvolvimento da razão é oriundo da experiência. A discussão desse conceito não é algo novo ele surge na sociedade americana no período de institucionalização das universidades, movimento relacionado ao fator de desenvolvimento do país. Dewey foi o filósofo pragmatista que mais se preocupou com a educação, considerado progenitor da educação progressiva nos Estados Unidos da América. Para ele deve-se associar o ensino à experiência pessoal do estudante, uma condição para que a aprendizagem aconteça, portanto pode ser classificado como construtivista, pois para ele o conhecimento é construído por meio da interação entre as experiências e idéias do indivíduo. Os significados intelectuais devem ser entendidos como hipóteses de solução de problemas. As experiências são significativas quando associadas ao pensamento reflexivo. (TIBALLI, 2003)

Dessa forma Dewey propõe uma ruptura dos conceitos tradicionais da educação, porque ela deve ser repensada e rearticulada com a realidade social, pois para ele a cultura ocidental ainda entende o conhecimento como algo pronto. Portanto rupturas dessa natureza devem fundamentar o uso das tecnologias na educação para determinarem mudanças sociais. Sabe-se que ao propor sua teoria Dewey não pensava nos princípios didáticos de aprendizagem em Educação on-line, no entanto no contexto

contemporâneo de educação não existe como se ignorar a existência do auxílio da tecnologia no desenvolvimento da aprendizagem. (SANTOS, 2006)

Diante dessa discussão empregou-se a teoria Deweyana para a elaboração do COLABORA TO e baseado nesses preceitos preocupou-se em exigir dos terapeutas ocupacionais o desenvolvimento de uma parceria colaborativa com os profissionais da escola. Procurou-se, a partir dessa vivência proporcionar o exercício de articular conceitos teóricos aprendidos com a prática, aspecto essencial defendido por Dewey para o desenvolvimento da aprendizagem.

Outro aspecto fundamental da teoria de Dewey é a presença do pensamento reflexivo no processo de aprendizagem. Tiballi (2003) coloca que existem fases descritas pelas quais se passam quando ocorre a reflexão, a primeira é a dúvida. Ela é desencadeada durante o processo do pensar, assim torna-se necessário encontrar caminhos para esclarecê-las. A incerteza também é importante nesse processo porque constituem a origem do processo reflexivo. E por fim a natureza do problema que desencadeou o processo refletivo orienta o ato de pensar. Portanto o pensamento reflexivo depende de várias ações como a dúvida, a incerteza e a natureza do problema a ser resolvido. Segundo Dewey

...O problema de método na formação de hábitos de pensamento reflexivo é o problema de estabelecer condições que despertem e guiem a curiosidade; de preparar, nas coisas experimentadas, as conexões que, ulteriormente, promovam o fluxo de sugestões, criem problemas e propósitos que favoreçam a consecutividade na sucessão de idéias. (DEWEY,1979, pg 63).

Observa-se que para Dewey no processo de ensino não basta apenas propor ações que articulem teoria e prática é necessário também estimular o pensamento reflexivo por meio de problemas que sejam responsáveis por estimular a reflexão. Na elaboração do COLABORA TO a utilização do pensamento reflexivo também foi alvo do processo de ensino e ao longo do programa as situações problemas foram trabalhadas durante os módulos teóricos do curso a partir dos estudos de caso.

Graham (2010) destaca a importância do papel do estudo de caso no processo de ensino, pois ele consiste na triangulação de pessoas, eventos e circunstâncias, apresentam um cenário para aprendizagem que espelha a vida real. Assim promovem o

processo reflexivo dos estudantes a fim de que possam encontrar possíveis resoluções para situações fictícias que se aproximam da realidade. Dessa forma um dos possíveis benefícios de utilizá-lo é prevenir erros durante a prática. Logo, a presença dos estudos de caso no COLABORA TO contribuiu para preparar os estudantes para desenvolverem as ações colaborativas no contexto escolar, além de estimular o pensamento reflexivo.

O papel do professor na Pedagogia Deweyana é elaborar um currículo que atenda a todos os princípios discutidos. Portanto, nesse sentido programas de formação devem estimular o pensamento reflexivo e proporcionar a vivência de experiências por meio de situações práticas. Nesse contexto o professor atua como mediador do processo de aprendizagem não trazendo respostas prontas ao estudante, mas o estimulando a encontrar suas próprias soluções. Assim, Tiballi (2003) coloca que para Dewey, o professor exerce influência não apenas moral, sobre o caráter e os procedimentos sociais do estudante, mas principalmente no desenvolvimento de sua inteligência e de seu pensamento reflexivo.

No AVA a aprendizagem assistida pelo computador permite a comunicação e a interatividade entre professores e estudantes, a partir de mediações significativas, criando condições de aprendizagem e colaboração. Nesse novo contexto de aprendizagem é possível redefinir o papel do professor de forma a ser provocador do estudante para que ele possa descobrir novos significados, a partir do incentivo para discutir problemáticas que despertem o seu interesse fazendo com que o estudante compartilhe seu posicionamento. (ALMEIDA, 2003).

Assim para atender os princípios da teoria Deweyana e da Educação on-line não basta apenas inserir o estudante no ambiente virtual é necessário estar em comunicação contínua com ele. Durante o desenvolvimento dessa comunicação estudante professor pesquisador destaca-se que o suporte individualizado deve ser oferecido frequentemente pelo docente. A utilização de elogios ao desempenho dos estudantes, o rápido *feedback* e a motivação devem ser estimuladas pelo professor pesquisador nas supervisões realizadas para se obter sucesso do processo de ensino e aprendizagem (GEBRAEL, 2009)

Durante o processo de ensino os estudantes foram assessorados frequentemente, por isso por mais que o curso fosse oferecido à distância existia esse forte apoio do professor no AVA. O professor pesquisador nunca trazia respostas prontas aos estudantes e sim buscava lançar questionamentos para que eles se empenhassem em procurá-las. O desempenho dos terapeutas ocupacionais era sempre descrito pelo

professor de forma a elogiar o desempenho, propor orientações para o atendimento das solicitações das atividades a serem realizadas e estimular reflexões para compreender possíveis equívocos.

Quanto à elaboração do AVA segundo Almeida (2003) e Lobato (2009) é preciso criar um ambiente que favoreça experiências significativas ao estudante. Torna-se necessário disponibilizar as informações pertinentes de maneira organizada e, no momento apropriado, promover a interiorização de conceitos construídos.

Organizou-se o ambiente de forma a disponibilizar tutoriais iniciais com orientações completas de quais seriam as atividades previstas para o estudante realizar. E ainda por meio da organização dos módulos apresentou-se a temática a ser trabalhada de forma gradual.

Além disso, vale ressaltar que o curso foi elaborado e desenvolvido por meio da plataforma Moodle. Segundo Flores, Flores e Escolar (2008) o moodle pressupõe uma aprendizagem baseada no modelo construtivista, oferecendo oportunidades de construção coletiva de conhecimento. Os estudantes tem a possibilidade de compartilhar experiências e aprender não só com o professor pesquisador, mas também com os colegas do COLABORA TO proporcionando uma aprendizagem colaborativa. Vale ressaltar que Santos (2006) aponta que Dewey também considerava a interação como componente definitivo no processo educacional.

Para avaliar o desempenho dos estudantes durante o desenvolvimento do COLABORA TO utilizou-se exercícios e tarefas processuais e contínuas. Segundo Almeida (2003) se bem elaborada e planejada, as avaliações permitem acompanhar o desenvolvimento dos estudantes e suas respectivas produções ao longo do processo.

Esse tipo de avaliação tem grande valor na educação *on-line*, favorece a identificação de possíveis problemas de aprendizagem e ainda possibilita a observação do comportamento do estudante por meio da familiarização com o estilo e habilidades dele. O principal problema das avaliações nos cursos *on-line* é ausência da interação face a face, como a falta de percepção do comportamento do estudante e incerteza da real identidade deste. No contexto da educação *on-line* a avaliação contínua tem especial importância por amenizar problemas intrínsecos desse processo. (OTSUKA e ROCHA, 2002)

Almeida (2003) coloca que no AVA o estudante precisará ser maduro para que possa desenvolver autodisciplina, autonomia e independência a fim de que esteja motivado e interessado a encontrar sentido nas experiências vivenciadas durante o

desenvolvimento de cursos on-line. Para Santos (2006) Dewey criticava práticas de ensino nas quais os estudantes se posicionavam como passivos apenas atuando como receptáculo de informações. O autor defendia que os estudantes precisavam ser terapeutas ocupacionais ativos na aprendizagem envolvidos uns com os outros no mundo.

Assim ele deixa de estar submetido à forma tradicional de educação e passa a ser ativo no desenvolvimento de sua educação. Portanto o perfil do estudante em Educação *on-line* também possui semelhanças significativas com a visão de Dewey sobre o papel do estudante.

Para população alvo do programa selecionou-se terapeutas ocupacionais que atuavam na área escolar ou tivessem experiência na área, pois o conhecimento de consultoria colaborativa não deveria apenas servir para aumentar seu repertório, mas trazer possibilidades concretas de contribuir com sua prática profissional. Para obter uma aprendizagem significativa é necessário ela ocorrer em um contexto que os estudantes possam desenvolver conhecimentos os quais já possuem. (SANTOS, 2006)

Foram selecionados estudantes que já tivessem um interesse prévio em estudar a temática e conhecessem a atuação do terapeutas ocupacionais na área educacional. Ainda é importante destacar que a escolha de profissionais graduados passou também pela questão da maturidade que os estudantes teriam que ter para participarem de um ambiente virtual de aprendizagem, de forma a serem sujeitos ativos e responsáveis.

Câmara e Rocha (2009) discutem que Dewey faz um diálogo centrado também na aprendizagem significativa, compreendendo que este conceito é de Ausubel. Para o autor a aprendizagem pode ter um significado e proporcionar reflexões contextualizadas por meio das experiências, portanto só concebe uma ação, ou teoria, quando esta se efetiva para um fim prático na vida de quem a recebe ou aplica. Para Santos (2006) a idéia Deweyana da experiência é tão significativa que possibilita o processo de continuidade e significação necessárias para concretização do conhecimento.

No ambiente de aprendizagem os valores sociais e morais dos estudantes foram respeitados de forma democrática. Santos (2006) em sua pesquisa propõe investigar a interface dos princípios de Dewey com a de AVA junto a professores ensino superior que trabalhavam com essa modalidade de ensino. A partir dos resultados o autor comprova que é possível utilizar essa teoria na educação *on-line* com uma postura diferenciada, articuladora de conhecimentos e de ações que valorizam a vida do estudante trabalhando com projetos que motivem seus interesses e suas experiências.

Ao final o autor faz considerações sobre a necessidade de se investir em pesquisas que investiguem a utilização de AVA com as reais possibilidades de produção do conhecimento de interação e elementos que auxiliem no processo de ensino aprendizagem.

E nesse sentido o COLABORA TO contribui com essa investigação, pois todos esses princípios de Dewey foram pensados durante a elaboração do programa de ensino. Não existem verdades absolutas no processo de aprendizagem e sim a construção de conceitos fundamentais por meio de experiência para o desenvolvimento da consultoria colaborativa. O papel do professor pesquisador no ambiente de aprendizagem virtual é mediar o processo de aprendizagem para que o estudante possa encontrar as suas próprias respostas. O processo reflexivo é estimulado durante o decorrer do programa por meio da apresentação de situações problematizadoras e da vivência prática desenvolvida no contexto escolar.

3.10 CONTRIBUIÇÕES DO COLABORA PARA OS TERAPEUTAS OCUPACIONAIS: O GRUPO FOCAL VIRTUAL

Os resultados encontrados na entrevista em grupo virtual com os terapeutas ocupacionais foram organizados nesses tópicos nos seguintes eixos, que serão detalhados a seguir:

- Contribuições da consultoria colaborativa para prática profissional
- Princípios importantes da consultoria colaborativa sem a qual é impossível realizá-la.
- Desafios da implementação do modelo de consultoria colaborativa.
- Apontamentos sobre a inclusão escolar.
- Mudanças ocorridas nas práticas profissionais por meio do conhecimento da consultoria colaborativa.

Contribuições da consultoria colaborativa para prática profissional.

Dentre as contribuições que o modelo de consultoria colaborativa traz aos estudantes a primeira citada pelos terapeutas ocupacionais foi servir como um modelo de referência teórica para atuação dos terapeutas ocupacionais no contexto escolar.

“Eu acho que a consultoria colaborativa veio pra ajudar mesmo ser um suporte de referência bibliográfica que até então era desconhecida pra mim. T3”

“Eu acho que pra mim foi ótimo porque eu consegui usar como se fosse um guia e consegui através disso ir me encontrando com a professora. T5”

“Eu acho que quando a gente chega com uma base teórica temos condição melhor de apresentar o trabalho. Então acredito que isso delimita um pouco e dá base pra gente entrar em comunicação com a equipe toda da escola. Então acho que pra mim esse é o maior benefício. Até porque hoje ainda é muito tênue a linha entre o que é clinicar dentro da escola ou não, isso pode ou isso não pode. T6”

Por meio da fala dos terapeutas ocupacionais nota-se que eles não tinham o conhecimento sobre o modelo e aprendê-lo facilitou o contato com a escola e com os

professores. O modelo ainda serviu como parâmetro para o desenvolvimento do trabalho dos terapeutas ocupacionais na escola. Muitas vezes os profissionais da área da saúde se deslocam ao contexto escolar para “clínica” e não para compreender a realidade do contexto escolar e atender a demanda que o professor apresenta. Portanto, o modelo de consultoria colaborativa contribuiu oferecendo parâmetros para o desenvolvimento das intervenções na escola.

Princípios importantes da consultoria colaborativa sem a qual é impossível realizá-la.

A próxima discussão realizada foi referente aos principais princípios da consultoria colaborativa, o primeiro descrito foi relativo ao desenvolvimento do empoderamento dos profissionais da escola. Na opinião dos terapeutas ocupacionais esse pressuposto influenciou os terapeutas ocupacionais na mudança de atitude frente à atuação deles na escola.

“Empoderar esse professor a conhecer a importância da troca de conhecimento, pois estaremos compartilhando conhecimento, nesse processo da consultoria. Dar a opinião dele e que ele possa utilizar esses conhecimentos para outras possibilidades que possam vir a surgir.T3”

“Como estão o pai visto por essa escola essa coisa do empoderamento dos professores, eu achei muito legal isso porque eles se vêm muito às vezes acuados por nós técnicos. T5”

“O empoderamento faz com que a gente tome outra postura e que a gente tenha outra posição. É como se a gente sempre estivesse com o poder da informação, pra mim o que modifica mesmo é a gente colocar pra esse professor que ele pode. T6”

“O empoderamento foi de grande ajuda pra quando entrasse na prática, foi o que me deu a base mesmo pra pode realizar esta prática.T7”

Os terapeutas ocupacionais destacam a presença do empoderamento como pressuposto fundamental a ser trabalho pela consultoria. A fala de T5 descrita coloca que muitas vezes os professores ou até mesmo os pais se sentem acuados com os profissionais da saúde. E essa é uma postura que deve ser totalmente modificada, pois nesse momento a participação deles será essencial no processo.

A autonomia e independência dessas pessoas deverão ser planejada pelo consultor, o qual não agirá mais de forma impositiva, mas sim construtiva. A prática do empoderamento pressupõe uma mudança de postura dos terapeutas ocupacionais que passa de detentor do saber para mediador. E como T6 apresenta é necessário mostrar aos pais e professores que eles são capazes de modificar a sua realidade.

A escuta ativa também foi um pressuposto da consultoria colaborativa valorizado pelos terapeutas ocupacionais do programa, presente nas discussões realizadas. Dentre as falas dos terapeutas ocupacionais fica evidente também que esse é um aspecto a ser modificado na sua prática cotidiana por meio da implementação do modelo.

“Ajudou mesmo realmente ser ouvinte é uma coisa muito difícil. Eu tinha essa mania de chegar lá e dizer faz isso ou aquilo. Então acaba que eu alimentava isso neles. Lógico que eu escutava quando as professoras tinham alguma coisa pra falar. Mas acaba que eu chegava nesse papel estou te passando essa informação. T3”

“Uma coisa importante pra mim foi a questão de ser mais ouvinte da escuta ativa, porque a gente entra muito nesse papel na questão de ser mediadora. T5”

Na intervenção preferencial os terapeutas ocupacionais avalia a situação é já apresenta resposta imediata para todos os problemas, sem necessariamente ouvir o que o professor ou o pai tem a dizer, e ainda tem se como procedimento frequente realizar orientações aos pais e professores, sem necessariamente verificar a opinião das pessoas envolvidas sobre a estratégia a ser implementada. No modelo de consultoria colaborativa é necessário primeiramente levantar o problema a ser solucionado, portanto a escuta ativa torna-se fundamental para o desenvolvimento do processo.

Desafios da implementação do modelo de consultoria colaborativa.

Os terapeutas ocupacionais não levantaram apenas aspectos positivos eles identificaram também problemas comuns ao implementar o modelo de consultoria colaborativa, apresentando desafios a serem superados como a participação de todos na parceria e a busca pela igualdade de papéis nessa relação.

“É muito difícil os professores compreenderem que o objetivo do técnico é estar orientando as atividades e não realizá-las. Eu acho que esse é o que mais pega assim, eles querem ajuda mais ao mesmo tempo não querem. Não estou generalizando mais a APAE é quase que a maioria, eles pedem ajuda, mas já logo veem alguma dificuldade em algumas sugestões que são passadas. T3”

“Acho que aí entra a voluntariedade do professor de estar disposto, de entender a proposta e estar aceitando né. Delegando pra ele também dele ser parceiro né! E não simplesmente você ser a terapeuta e ele o professor. T5”

“Pra mim ficou a opção é parear os papéis igualmente. a questão dos papéis estarem nivelados é o grande desafio. T6”

“Eu acho que buscar a participação é difícil, porque na fala todo mundo participa, mas na hora de por a mão na massa faltam pessoas para participar. T7”

Os terapeutas ocupacionais descrevem que por mais que haja uma voluntariedade inicial nem sempre a participação de todos envolvidos será cumprida pelos consultados, sem que essa participação seja cobrada pelo consultor. Muitas vezes quando encontram o primeiro desafio eles já colocam empecilhos para se implementar as estratégias da intervenção. Para T6 buscar a igualdade de papéis nem sempre é fácil porque o professor ou os pais precisam estar dispostos a colaborar com o desenvolvimento do processo e segundo T7 isso ocorre mais no discurso do que efetivamente na prática.

Mas vale ressaltar que colocar em prática o modelo de consultoria colaborativa é ir contra a lógica com a qual os professores e pais estão acostumados. Por isso os terapeutas ocupacionais colocam ser necessário tempo e empenho do consultor para que compreendam a importância da participação dele nesse processo.

O tempo é outro fato presente na discussão dessa voluntariedade e participação do professor no processo de consultoria colaborativa.

“Porque o desafio é o professor também ter tempo para marcar reunião e, conversar com os pais. T4”

“Acho que com alguns professores a gente tem que permanecer muito mais tempo para eles entenderem o conceito de que nos vamos construir junto. T6”

Para T6 alguns professores vão demorar um tempo maior para compreender que no modelo de consultoria colaborativa deve-se procurar construir junto. Ele deverá entender que não deve esperar que a solução para os problemas parta apenas do consultor, pois ele demonstra os caminhos, mas quem deve segui-los são os profissionais da escola e os pais. Ainda T4 pontua que a falta de tempo para desenvolverem a parceria é fator limitante para obtenção de bons resultados, pois envolvimento e compromisso são essenciais para promover o desenvolvimento da parceria.

Apontamentos sobre a inclusão escolar.

O tema inclusão escolar foi foco das discussões, no entanto vale ressaltar que não estava presente nas perguntas disparadoras. Os próprios terapeutas ocupacionais sentiram necessidade de abordar essa temática de forma polêmica, pois segundo os terapeutas ocupacionais nem sempre a escola compreende seu verdadeiro significado.

“Os professores falam mais essa criança está aqui apenas para socialização. Eu falei pra um das mães que o filho dela não está lá pra socialização ele está lá para aprender.T3”

“Porque para eles inclusão é ter um estudante especial na sala. Se ele faz ou não alguma coisa fica a parte. Fazer eles entenderem o que é inclusão e que é possível fazer inclusão e que eles também podem participar.T7”

Para os terapeutas ocupacionais a compreensão da escola sobre inclusão escolar é ainda limitada a inserção de um estudante com deficiência, sendo que pouco é feito para promover a escolarização deles. No desenvolvimento das práticas de consultoria colaborativa essa característica ficou evidente em diferentes partes do país, o estudante era apenas um espectador dentro de sala de aula sem participar efetivamente das atividades escolares. Portanto por meio do modelo de consultoria colaborativa foi possível transformar essa realidade e promover a formação dos profissionais da escola e seu empoderamento.

Ainda no que se refere ao assunto inclusão escolar os terapeutas ocupacionais levantaram questionamentos sobre a implementação de currículo adaptado.

“Eu também senti que adaptar o currículo pedagógico para inclusão é bem complicado. Eu via as professoras falando eu não vou mudar o meu currículo por causa de uma criança. T5”

“Eu acho que essa questão do currículo adaptado é uma informação que as escolas não têm. Eu chegava para falar sobre isso, e eles falavam o que isso significa? T6”

T6 afirma que os professores não tem conhecimento sobre currículo adaptado e de como desenvolvê-lo mesmo trabalhando com a inclusão escolar. Os estudantes com deficiências continuam em sala de aula sem aprenderem, porque esforços não são realizados para promover a sua escolarização, nem é exigido que essas modificações sejam realizadas por parte da escola ao professor. A terapeuta ocupacional T5 coloca que observou a professora verbalizando que não iria modificar seu currículo em função de um estudante.

Nota-se que apesar de existir princípios claros sobre a inclusão escolar torna-se necessário que essa escola possa promover o acesso do estudante às atividades escolares. No entanto na visão dos terapeutas ocupacionais da pesquisa pouco ainda é feito para cobrar que tais princípios sejam atendidos.

Mudanças ocorridas nas práticas profissionais por meio do conhecimento da consultoria colaborativa.

E por fim levantaram-se junto aos terapeutas ocupacionais quais foram as principais mudanças que ocorrerão posteriormente ao conhecimento do modelo de consultoria colaborativa na prática profissional junto à escola.

“Eu acho que a consultoria colaborativa me ajudou a apresentar para escola de uma forma diferente. Eu acho que isso me ajudou a ampliar o olhar. De entrar em uma escola que faz inclusão não como a terapeuta a técnica que vem só sabe falar e não ouve. E mesmo me ajudou muito dentro da APAE, por mais que todo mundo saiba o que o Terapeutas ocupacionais faz, eu acho que as discussões ficaram maiores e que a professora acabou dando o ponto de vista dela. Então eu acho que essa coisa de igualdade facilitou bastante. T5”

“A minha forma de buscar a escola se modifica a partir do conceito. Eu acho que os princípios podem me trazer uma coisa mais fluida no contato com a escola a partir dos conceitos trabalhados.T6”

Para os terapeutas ocupacionais a principal modificação na atitude profissional deles é a forma de se apresentar a escola. Transformações nas ações dos profissionais são identificadas principalmente no processo de escuta aos profissionais e apresentação da postura colaborativa, na qual buscam compreender a dinâmica escolar e a problemática vivenciada pelo professor solidificando a relação de parceria.

A última discussão realizada com os terapeutas ocupacionais foi verificar se existem projetos nos quais eles pretendem utilizar o modelo de consultoria colaborativa junto às escolas em sua prática profissional.

“Eu assim na APAE eu vou colocar em prática, já estou junto com a pedagoga porque eu com a pedagoga temos uma parceria muito legal. Então a parceria com a pedagoga vai me dar força pra implantar essa parceria, a consultoria colaborativa com as professoras. E se caso esse estudante for pra inclusão, for pra escola regular eu, a APAE disponibiliza o técnico para estar visitando a escola pra estar orientando então tenho até vontade que ele vá, justamente pra estar aplicando com esses professores que não estão na escola especial. T3”

“E agora no início do ano no início das aulas a coordenadora me ligou pra voltar pra escola pra fazer o trabalho com a professora nova. Porque agora ela mudou de turminha e ela me chamou para fazer o trabalho com a professora nova. T5”

“Por isso eu acho uma coisa muito interessante de continuar. Assim a proposta me possibilita pensar em outras possibilidades de atuação, ou formar um grupo de professores para estudo de caso ou de trabalhar atividade. T6”

“Bom eu tenho precisão de colocar em prática, ainda mais agora que nesse ano a gente tem a proposta de fazer parcerias como uma CEI meu próximo local de serviço. Eu já fui até convidada por eles para explicar o que o terapeutas ocupacionais pode estar contribuindo lá.T7”

Identificou-se que vários terapeutas ocupacionais pretendem dar continuidade a utilização do modelo de consultoria colaborativa nas escolas. Nota-se que o programa foi sensível para modificar atitudes dos profissionais durante o seu contato com a escola. E a obtenção de experiências positivas durante a prática trouxeram repercussões no cotidiano dos profissionais, os quais já são solicitados pela própria escola para dar continuidade ao trabalho.

4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O programa COLABORA TO elaborado e implementado nessa pesquisa demonstrou resultados positivos no desenvolvimento profissional de terapeutas ocupacionais atuantes na área escolar. Ele ainda se mostrou sensível a modificar o desempenho dos alunos alvos a partir do empoderamento dos profissionais da escola.

Avaliar os efeitos da proposta do COLABORA TO foi o principal objetivo dessa pesquisa. Para alcançar essa meta tinha-se como objetivos específicos: elaborar a proposta de um programa teórico prático em consultoria colaborativa on line a partir da plataforma moodle; descrever o desempenho dos terapeutas ocupacionais durante todo programa teórico prático on line em consultoria colaborativa; identificar mudanças no discurso dos terapeutas ocupacionais após cursarem o programa em consultoria colaborativa; e investigar estratégias utilizadas no programa on line para favorecer o processo de ensino aprendizagem.

Durante a elaboração do programa utilizou-se estratégias destinadas a atender a metodologia utilizada, o pragmatismo de Dewey. Os estudos de caso promoveram a aproximação de conceitos teóricos da prática, pois problematizavam possíveis situações encontradas no contexto escolar possibilitando a melhor aprendizagem dos terapeutas ocupacionais.

Definiu-se o papel do professor pesquisador como mediador no processo de ensino aprendizagem, o qual auxiliou os estudantes a encontrarem suas próprias soluções. O estar junto virtual possibilitou o acompanhamento individualizado dos terapeutas ocupacionais, de forma a garantir que suas principais necessidades fossem atendidas. Corrigir periodicamente as atividades foi uma forma de auxiliar o próprio terapeuta ocupacional a encontrar os conceitos corretos, tal fato possibilitou a aprendizagem do modelo de consultoria colaborativa sem equívocos conceituais.

Os terapeutas ocupacionais exerceram sua autonomia e independência no processo de aprendizagem, pois eram os principais responsáveis por sua participação. O fato de já atuarem no contexto escolar e terem experiências prévias favoreceu a afinidade pela temática e o envolvimento em dedicar-se a realização das atividades do programa.

Procedimentos didáticos foram utilizados para organizar o programa na plataforma moodle. Os módulos teóricos do COLABORA TO apresentavam a temática discutida de forma gradual auxiliando o processo de compreensão da aprendizagem dos terapeutas ocupacionais. A organização do AVA por meio de tutoriais disponibilizavam orientações completas, fato que favoreceu uma facilitada compreensão das atividades previstas no programa.

Considerou-se fundamental apresentar os principais desafios encontrados ao implementar a consultoria colaborativa durante o COLABORA TO. Assim os terapeutas ocupacionais não conheceram apenas a efetividade do modelo, mas também seus entraves e complicações encontradas no decorrer do processo prático.

As ferramentas de discussão coletivas (fóruns e wikis) viabilizaram a prática da aprendizagem colaborativa, valorizada pelos próprios terapeutas ocupacionais durante a análise do COLABORA TO. A troca de experiência dos terapeutas ocupacionais entre os colegas despertaram reflexões pessoais, as quais possibilitavam a reconstrução de sua própria opinião.

Dessa forma observou-se que estratégias importantes foram previstas durante a elaboração do programa. Elas foram consideradas fundamentais para atingir a meta da pesquisa que era promover mudanças no discurso dos terapeutas ocupacionais ao atuarem no contexto escolar.

Após implementar o programa e avaliar o desempenho dos terapeutas ocupacionais verificou-se que as categorias a priori discutidas revelaram a discussão de temáticas fundamentais para a utilização do modelo de consultoria colaborativa na escola. Os principais conceitos discutidos durante a parte teórica do programa foram as novas perspectivas de atuação dos terapeutas ocupacionais no contexto escolar, os pressupostos da consultoria colaborativa (caracterização de sua formação, níveis de intervenção e modelo frequente no qual se baseiam as ações realizadas, etapas a serem implementadas); as habilidades comunicativas interpessoais e por fim os principais desafios para sua utilização.

Os resultados da pesquisa revelaram que todos os terapeutas ocupacionais participaram assiduamente das discussões realizadas na parte teórica do COLABORATO. Eles transmitiram nos seus posicionamentos pressupostos do modelo de consultoria colaborativa, o que revelou a aprendizagem e a preparação para o processo prático.

A postura colaborativa dos profissionais observadas durante a intervenção possibilitou o estabelecimento de parcerias efetivas com os profissionais da escola. As orientações sistemáticas do pesquisador procurou evitar práticas e posicionamentos impositivos dos terapeutas ocupacionais no contexto escolar.

Ainda foram discutidas nas orientações sistemáticas estratégias referentes a expertise do terapeutas ocupacionais no contexto. Assim planos de intervenções efetivos foram elaborados, a partir da experiência dos terapeutas ocupacionais, dos professores e da pesquisadora, os quais atendiam aos reais problemas investigados.

A avaliação do desempenho dos terapeutas ocupacionais revelou que o objetivo da pesquisa foi atingido. Foram produzidas mudanças no discurso dos terapeutas ocupacionais após cursarem o programa COLABORA.

Os benefícios dessa modificação de postura para a prática profissional se refletem principalmente no aprimoramento do diálogo entre terapeutas ocupacionais e os profissionais da escola e ainda no empoderamento do professor.

Embora não houvesse a princípio de expectativas em relação à mudança de desempenho dos alunos, que faziam parte do público alvo da Educação Especial, em alguns casos foi possível observá-las em função da implementação de novas estratégias pelos professores.

Esta pesquisa apresentou limitações observadas na parte prática do COLABORATO referentes à necessidade de maior tempo destinado as práticas de parcerias colaborativas em função das diversas NEE's previstas. Ainda a implementação do programa durante determinado período do ano letivo dificultou a utilização das estratégias discutidas durante as parcerias.

A metodologia empregada gerou grande volume de dados a partir da avaliação de um curso on line consistindo-se em um grande desafio sistematizá-los e analisá-los. A desistência dos terapeutas ocupacionais após o início do COLABORA limitou as possibilidades de análise de dados.

Sugere-se que futuros estudos invistam no desenvolvimento profissional de terapeutas ocupacionais que atuam na área escolar, a partir da perspectiva própria da Terapia Ocupacional e não de áreas afins. Considera-se importante a introdução de um

módulo teórico no COLABORA TO que garanta aos terapeutas ocupacionais conhecimentos sobre práticas em Terapia Ocupacional na escola para o público alvo da Educação Especial.

Observa-se que o programa COLABORA TO contribuiu para discutir práticas efetivas de ensino do modelo de consultoria colaborativa como um serviço de suporte a inclusão escolar. Acredita-se ser necessário dar continuidade a pesquisas que explorem essa temática, porque ainda existem equívocos por parte dos profissionais ao praticar a verdadeira colaboração.

A inclusão escolar impõe novos desafios aos profissionais da escola que é garantir a escolarização de estudantes com NEE's e não apenas sua inserção em sala de aula. E nesse sentido os terapeutas ocupacionais demonstraram por meio da participação no estudo contribuições da consultoria colaborativa no processo de solução de problemas e formação em serviço de professores.

A colaboração nesse processo foi um fator crucial, pois possibilitou o estabelecimento de uma relação de confiança, a realização de um trabalho sem hierarquia no qual todos se sentiram valorizados no decorrer do progresso. Os terapeutas ocupacionais atentaram-se ao exercício de ouvir exercendo a prática da empatia. Propuseram soluções muitas vezes já presentes no repertório de conhecimentos desse professor ou trabalharam formas de aprimorar as estratégias de ensino. Ainda promoveram o empoderamento da escola e de seus profissionais proporcionando o seu fortalecimento. Portanto modificaram o papel da escola de espectadora para protagonista da inclusão escolar.

Após elaborar e implementar o curso de consultoria colaborativa na escola para terapeutas ocupacionais observa-se a necessidade de investir no país nesse campo de desenvolvimento profissional da profissão. Divulgar experiências de sucesso na escola é fator fundamental para disseminar a consultoria colaborativa como um dos serviços da rede de apoio a inclusão escolar, pois somente dessa forma os profissionais da escola conhecerão o papel dos terapeutas ocupacionais na escola, o qual ainda encontra-se pouco conhecido.

5.0-REFERÊNCIAS.

- ABBAD, G; CARVALHO, R. S; ZERBINI, R. Evasão em curso via internet: explorando variáveis explicativas. *RAE-eletrônica*, v. 5, n. 11, p.1-25. 2006
- ALMEIDA, M. H. M.; CASTIGLIONI, M. C. O ensino da ética ao profissional de saúde na USP: a formação ética do terapeuta ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 16, n. 2, p. 75-81, 2005.
- ALMEIDA, M. E. B. Educação à distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.2, p. 327-340. 2003
- ALMEIDA, M. H. M.; PEREZ, M. P; LUCOVES, A. C. R. G. Reflexões sobre a formação do terapeuta ocupacional para atuação com pessoas idosas. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 21, p. 130-138, 2010.
- AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY A. Official Documents: Providing Occupational Therapy Using Sensory Integration Theory and Methods in School-Based Practice *American Journal of occupational therapy*, v. 63, p.823-842, 2009.
- ANJOS, S.S.N. *Curso de capacitação on-line: aprendizagem baseada em problemas para docentes em saúde*. 57f. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- ARGUELES, M. E. HUGHES, M.T. SCHUMM, J. S. Co-teaching: a Different Approach to Inclusion. *Principal (Reston, Va.)* v.79, n. 4, p. 48-50. 2000.
- ASSIS, C.P. *A tecnologia assistiva como um recurso para inclusão escolar de estudantes com mielomeningocele*. 232f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.
- BARDIN, L. *Análise do Conteúdo*. Lisboa: Ed 70, 1997.
- BARTALOTTI, C.C; DE CARLO, M. A Terapia Ocupacional e os processos educacionais In: BARTALOTTI, C.C; DE CARLO, M..(Org.). *Terapia Ocupacional no Brasil: Fundamentos e perspectivas*: São Paulo, Plexus, 2001, p.99-116.
- BAUWENS, M. E; HOURCADE, J. J. *Cooperative teaching: rebuilding the schoolhouse for all students*. Austin: Tx:Pro-Ed,1995.
- BAZYK,S;MICHAUD, P;GOODMAN, G;PAPP, P;HAWKINS, E; MARGERY, A.E. Integrating Occupational Therapy Services in a Kindergarten Curriculum: A Look at the Outcomes *American Journal Occupational Therapy*, v. 63, p.160-171, 2009.
- BEE, Helen L. *A criança em desenvolvimento*. 9.ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. 612p.

BOSE, P; HINOJOSA, J. Reported Experiences from Occupational Therapists Interacting with Teachers in Inclusive Early Childhood Classrooms. *American Journal Occupational Therapy*, v.62, p. 289-297, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Decreto 7611/11. (2011)*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16761&Itemid=1123>. Acesso em: 16.abr.2012.

BRITOA, C.M.D. Formação dos Terapeutas ocupacionais no século XXI. *Revista Baiana de Saúde Pública* v. 32, supl. 1, p. 34-41. 2008

BUENO, J.C. A inclusão de estudantes diferentes nas classes comuns do ensino regular. *Temas sobre desenvolvimento*, v. 9, n. 54. 2001.

CÂMARA, C, A, O; ROCHA, S. A. Pragmatismo Deweyano e Docência no Ensino Superior: Uma Reflexão Acerca da Identidade do Professor Bacharel. 17ª SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO: POLÍTICAS EDUCACIONAIS CENÁRIOS E PROJETOS SOCIAIS. *Anais...* Cuiabá, 2009.

CANADIAN ASSOCIATION OF OCCUPATIONAL THERAPY. Occupational Therapy: Skills for the Job of Living. *Caot publications ace*. Otnow.May/June, 2002.

CARDOSO, P.T. *Inclusão escolar de crianças com Necessidades Educacionais Especiais: práticas e perspectivas de terapeutas ocupacionais*. 181f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2009.

CARVALHO, S. R. *Saúde coletiva e promoção da saúde: sujeito e mudança*. São Paulo: Hucitec, 2005.

CASSILLAS, D. Teachers' perceptions of school-based occupational therapy consultation: Part II. *Early Intervention & School Special Interest Section Quarterly*, v 17, n. 2, p.1-4, 2010.

COSTA, V. A. Políticas públicas de formación de profesores para la inclusión escolar en el Brasil: Evaluación de los programas de formación contínua en la educación inclusiva. In: Patricia Brogna. (Org.). *Visiones y Revisiones de la Discapacidad*. 1 ed. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2009. p. 350-380.

CORTELAZZO, Iolanda Bueno de Camargo. Formação de Professores para a Inclusão de estudantes com necessidades especiais: colaboração apoiada pelas tecnologias assistivas. In: FÓRUM DE TECNOLOGIA ASSISTIVA E INCLUSÃO SOCIAL DA PESSOA DEFICIENTE, I, 2006. *Anais...* Belém, p. 39-48, 2006.

CRAMER, S. F. Designing a plan for change starting with you. In: _____. *The special educator's guide to collaboration: improving relationships with co-teachers, teams, and families*. 2 ed. Corwin Press: Thousand Oaks, Califórnia. 1997. p. 135-156.

DAL-FORNO, J.P. *Formação de formadores e educação inclusiva: análise de uma experiência via internet*. 319f. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos, 2010.

DELLA BARBA, P.C.S; GUEDES, R.M; FERREIRA, S; KURAUCHI, G.R.
Levantamento das Necessidades de Familiares de Crianças com Necessidades Educacionais Especiais em Relação ao seu Processo de Inclusão Escolar. IN: XII CONGRESSO LATINO AMERICANO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 2011. *Anais...*São Paulo, 2011.

DETTMER, P; DYCK, N.J.; THURSTON, L.P. *Collaboration, Consultation and Teamwork for Students with Special Needs*. Kansas: Pearson, 2005.

DEWEY, J. *Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, uma reexposição*. São Paulo: C. E. Nacional, 1979

DOUGIAMAS, M. (1999) Developing tools to foster on-line educational dialogue. In: MARTIN, K; STANLEY, N; DAVISON, N (Org), *Teaching in the Disciplines/ Learning in Context*. Proceedings of the 8th Annual Teaching Learning Forum, The University of Western Australia, 1999. Perth: UWA. p. 119-123.

DUNN, W. A comparison of service provision models in school-based occupational therapy services: A pilot study. *Occupational Therapy Journal of Research*,v.10, n.5, p.300-320,1990.

DREILING, D.S. BUNDY, A.C. A comparison of consultative model and direct-indirect intervention with preschoolers. *American Journal of Occupational Therapy*, v.57, n.5, p. 566-569, 2003.

FERLAND, F. *O Modelo Lúdico: o brincar, a criança com deficiência física e a Terapia Ocupacional*. Tradução Maria Madalena Moraes Sant'Ana. São Paulo: Roca, 2006.

FLORES, P. Q.; FLORES, A. ESCOLA, J.. A Plataforma Moodle no 1º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Superior. In: COSTA, F.A.(Org). *Comunidade de aprendizagem Moodle*. 2008. Portugal. Caldas Moodle 08. EDUCOM.p.39-49.

FRENCH, N. K. *The Shifting Roles of School Professionals*. Corwin Press. p.41-47. 2002

FRIEND, M.; COOK, L. Collaboration as a predictor for success in school reform. *Journal of Educational and Psychological Consultation*, New York, v. 1, n.1, p. 69-86, 1990.

GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. *Tecnologia Assistiva para uma escola inclusiva apropriação, demanda e perspectiva*. 2009. 346 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2009.

GARCIA, Z.C. *O Terapeutas ocupacionais na escola especial: como os profissionais caracterizam a prática*. 98f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial)- Programa

de Pós Graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1999.

GATTI, B.A. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Série Pesquisa em Educação, v.10. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GEBRAEL, T.L.R. *Programa de Capacitação de Docentes para Promover Independência de Crianças com Baixa Visão nas Atividades de Vida Diária: PRÓ-AVD*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Especial)- Programa de Pós graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

GOLOS, A. SARID, M.WIELL.M; WEINTRAUB, N. Efficacy of an Early Intervention Program for At-Risk Preschool Boys: A Two-Group Control Study *American Journal Occupational Therapy*, v.65. p. 400-408. 2011.

GOMES, M. L;OLIVER, F.C. A prática da terapia junto à população infantil: revisão bibliográfica do período de 1999 a 2009. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v.21, n.2, p.121-129,2010.

GOMES, M. J. E-Learning: reflexões em torno do conceito. In: IV CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO. *Anais...* Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho, 2005. p 229-236

GRAHAM, A. *Como escrever e usar estudos de caso para ensino e aprendizagem no setor público*. Brasília: ENAP, 2010.

IDOL, L;NEWIN, A; PAOLUCCI-WHITCOMB, P. *Collaborative consultation*. 3 ed. Austin, Texas: Pro-ED, 200. 645.p

JURDI, A.P.S.; BRUNELLO, M .I.B; HONDA, M. Terapia ocupacional e propostas de intervenção na rede pública de ensino. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v.15, n.1. p. 26-32, 2004.

JURDI, A. P. S.; AMIRALIAN, M. L. T. M. A inclusão escolar de estudantes com deficiência mental: uma proposta de intervenção dos terapeutas ocupacionais no cotidiano escolar. *Estudos de Psicologia* (Campinas), v. 23, n. 2, 2006.

KAMPWIRTH, T J. *Collaborative consultation in the schools: effective practices for students with learning and behavior problems*. New Jersey: Merrill Prentice Hall. 2003.

KASSAR, M. C. M.; LACERDA, C. B; LAPLANE, A. L. F. Abordagem qualitativa de pesquisa em Educação Especial: contribuições da etnografia. In: XXIX Reunião Anual da ANPED. *Anais...*Caxambu,2006, v.1.p. 1-15.

KEMMINS, B.L; DUNN, W. Consulta de colaboração: a eficácia da reparação e intervenções compensatórias em contextos escolares *American Journal of Occupational Therapy*, v.50, n.9, p. 709-17. 1996.

LANCMAN, S. A influência da capacitação dos terapeutas ocupacionais no processo de construção da profissão no Brasil. *Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos*, v.7, n.2, 1998.

LANCMAN, S; MANGIA, E. F; ALMEIDA. A Terapia Ocupacional da USP na Pós Graduação. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 17, n. 2, 2006.

LAW, M. *Medida canadense de desempenho ocupacional*.Org. Trad. de MAGALHÃES, L.; MAGALHÃES, L.; CARDOSO, A. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

LEHER, A.E. *The administrative role in collaborative teaching*. *NASSP Bullentin*, v.83 n.611, p.105-11, 1999.

LISBÔA, E. S.; JESUS, A. G.; VARELA, A. M.; TEIXEIRA, G. H. & COUTINHO, C. P. LMS em Contexto Escolar: estudo sobre o uso do Moodle pelos docentes de duas escolas do Norte de Portugal. In *Educação, Formação & Tecnologias*; v.2, n.1, p. 44-57. 2009.

LOBATO, I.M. O processo interativo na educação on line: professor, estudante e material didático. *Revista Científica de Educação à Distância*, v.2, n.1, 2009.

LOPES, R. E. A direção que construímos: algumas reflexões sobre a formação do Terapeutas ocupacionais. *Revista de Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo*, v.4, n.7, p. 27-35, 1993.

LOPES, R.E et al. Educação profissional, pesquisa e aprendizagem no território: notas sobre a experiência de formação de terapeutas ocupacionais. *Mundo da saúde*, v.34, n.2. p.140-47, 2010.

LOURENÇO, G.F; CID, M.F.B. Possibilidades de ação dos terapeutas ocupacionais na educação infantil: congruências com a propostas da educação inclusiva. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 18, n.2, p. 169-179, 2010.

LOURENÇO, G.F. *Avaliação de um programa de formação sobre recursos de alta tecnologia assistiva e escolarização*. Tese (Doutorado em Educação Especial)-Programa de Pós graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

MACHADO, A.C. BELLO, S.F; ALMEIDA, M.A; OLIVEIRA, S.F. Uma influência do contexto no alcance das metas em uma proposta de consultoria colaborativa. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 39, n. 25, p. 131-162, 2010.

MÂNGIA E.F. Educação interprofissional para práticas colaborativas: o futuro da formação de recursos humanos em saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 21, n. 2, p.0-0, 2010.

MARINS, S. C. F; EMMEL, M. L. Formação dos terapeutas ocupacionais: Acessibilidade e Tecnologias. *Cadernos de Terapia Ocupacional*, v.19,n.1.p 37-52, 2011.

MARTINS, J. S. *Atuação do fisioterapeuta na realidade escolar de crianças com deficiência física: uma perspectiva integradora*. 130p. Dissertação Mestrado – Pós-graduação Strictu Sensu em Distúrbios do Desenvolvimento, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2002.

MEIRINHOS, M; OSÓRIO, A. b-Learning para a Formação Contínua de Professores. In: CONGRESSO GALAICO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA, VIII. *Anais...*Braga: Universidade do Minho, v. 2, p.949-964. 2007.

MIRANDA, G.L. *Ensino on line e aprendizagem multimídia*. Ed Relógio d'água, Lisboa, 2009.

MENDES, E.G., TOYODA, C.Y. *Projeto S.O.S. Inclusão – Consultoria colaborativa para favorecer a inclusão escolar num sistema educacional municipal*. Relatório preliminar do projeto, 15 páginas. São Carlos, Universidade Federal de São Carlos. Mimeo, 2004.

MENDES, E. G. Colaboração entre ensino regular e especial: o caminho do desenvolvimento pessoal para a inclusão escolar. In: _____. MANZINI, E. J. (Org.). *Inclusão e acessibilidade*. Marília, SP: ABPEE, 2006. p. 29-41.

MENDES, E. G. Pesquisas sobre Inclusão Escolar: Revisão da Agenda de um Grupo de Pesquisa. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 2, p. 1-11, 2008.

MENDES, E.G; ALMEIDA, M.A; TOYODA, C.Y. Inclusão escolar pela via da colaboração entre educação especial e educação regular. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 41, p. 81-93, 2011.

MORAN, J.M. A educação superior à distância. In: SOARES, Maria Susana A. (Org.) *A Educação Superior no Brasil*. Brasília, CAPES - UNESCO, 2002.p. 251-274.

NEISTADT, M.E; CREPEAU, E.B. *Introdução à Terapia Ocupacional*. In: WILLARD & SPACKMAN. *Terapia Ocupacional*. 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. P.3-9.

NUNES, Leila Regina d'Oliveira de Paula; FERREIRA, Júlio Romero; MENDES, Enicéia Gonçalves. *Análise crítica das teses e dissertações nas áreas de educação e Psicologia: o estado da arte e conhecimento sobre a educação do portador de necessidades educacionais especiais*. Relatório final de pesquisa encaminhado ao CNPq (Proc.524226/96-2). Mimeografado, 2003.

OKADA, A. Mapas argumentativos como estratégia para aprendizagem moodle. In: ALVES, L; BARROS, D; OKADA, A. *Moodle estratégias pedagógicas e estudos de caso*. Salvador: EDUNEB, 2009.p.93-116.

OTSUKA, J. L.; ROCHA, H. V. Avaliação Formativa em Ambientes de Educação à Distância. In: XIII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (SBIE 2002). *Anais...*São Leopoldo: Rio Grande do Sul, 2002.

PAULA, A. F.M; BALEOTTI, L.R. Inclusão escolar do estudante com deficiência física: contribuições da Terapia Ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 19, n.1, p. 53-69,2011.

PAULA, K.C; FERNEDA, E; CAMPOS FILHO, M.P. Elementos para implementação de curso à distância. *Revista Digital da CVA-Ricesu*, v.2, n.7, 2004.

PELOSI, M.B. *Inclusão e Tecnologia Assistiva*. Rio de Janeiro. 2008. 303.f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

PELOSI M.B; NUNES, L.R.O.P. Formação em serviço de profissionais da saúde na área de tecnologia assistiva: o papel dos terapeutas ocupacionais. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.19, n.3, p.435-444, 2009.

PFEIFFER, L.I. Trabalhando a formação de terapeutas ocupacionais reflexivos. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v.8, n.2, p.103-111, 2000.

PRIBERAM, Dicionário de língua Portuguesa. “consultoria”. 2010Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=consultoria>> Acessado em 12 abril 2010.

PIMENTA, P; BAPTISTA, A. A. Das plataformas de E-Learning aos objetos de aprendizagem. “E-Learning para e-formadores”. In: Guimarães: TecMinho, D.L. 2004. p. 97-109.

PUGACH, M. C; JOHNSON, L. J. The challenge of implementing collaboration between general and special education. *Exception Children*, v. 56, n. 3, p. 232-235, 1989.

ROCHA, E. F.; LUIZ, A.; ZULIAN, M. A. R. Reflexões sobre as possíveis contribuições da terapia ocupacional nos processos de inclusão escolar. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 14, n. 2, p. 72-8, 2003.

ROCHA, Eucenir Fredini. A Terapia Ocupacional e as ações na educação: aprofundando interfaces. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v.18, n.3, p 122-127, 2007.

ROCHA, A.N.D.C; MACHADO, M.F; DELIBERATO, D. A Terapia Ocupacional colaborando com a participação do professor: uma proposta de atuação colaborativa na interface entre saúde e educação. IN: XII CONGRESSO LATINO AMERICANO DE TERAPIA OCUPACIONAL,2011. *Anais...*São Paulo, 2011.

RORIZ, T.M.S. *Inclusão/exclusão social e escolar de crianças com Paralisia Cerebral sob a ótica dos profissionais da saúde*. 2005. 144f. Dissertação (Mestrado em Saúde

Mental) Programa de Pós Graduação em Saúde Mental. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

SAHAGIAN, W.S. Effectiveness of occupational therapy in the school environment.2003.Disponível em:
<http://www.canchild.ca/Default.aspx?tabid=121>>.Acesso em: 16.abr.2011.

SANTOS, G.F. *A produção de conhecimento segundo os professores em ambientes hipermediáticos de aprendizagem: uma análise a partir do olhar da experiência*. 200 f. (Dissertação de Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SELLTIZ,S;WRIGHTSMAN, A; COOK, C. *Método em Pesquisa nas relações sociais*. São Paulo. E.P.U. 1976.

SILVEIRA, F. F; NEVES, M. B. da J. Inclusão escolar de crianças com deficiência múltipla: Concepções de pais e professores. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.22, n.1, p.79-86, 2006.

SCHMIDT, M. L. S. Pesquisa terapeutas ocupacionais e formação ética do pesquisador na área da saúde. *Revista Ciências e Saúde Coletiva*, v.13, n.2 vol.13, 2008.

SMEHA, L.N; FERREIRA, I. V. Prazer e Sofrimento docente no processo de inclusão escolar. *Revista de Educação Especial*, n. 31, p. 37-48, 2008.

SPENCER, K.C; TURKETT, A;VAUGHAN, R; KOENING, S. Baseado na escolar padrões prática: um exame de Terapeutas Ocupacionais no colorado. *American Journal of Occupational Therapy*, v.60, p.81-91. 2006

STAINBACK Suzan; STAINBACK, William. *Inclusão um guia para educadores*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1999.

TAVARES, F.N.F.C. *Projeto Final*. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Informação e da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Informação e da Comunicação, Instituto Piaget. Portugal, 2006.

TIBALLI, E. F. A. O conceito pragmatista de experiência em John Dewey. In: XXVI Reunião anual da ANPED, 2003, Poços de Caldas. XXVI Reunião anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). *Anais...Poços de Caldas : ANPED*, 2003. v.26, p. 1-15

TOYODA, C. et al. O contexto multidisciplinar da prática da Terapia Ocupacional frente ao paradigma da inclusão escolar. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*. São Carlos, v.15, n.2, p.121-130, 2007.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466. 2005

VALENTE, L., MOREIRA, P., & DIAS, P. Moodle: Moda, Mania ou Inovação na Formação? In: ALVES, L, D. BARROS; OKADA, A (Orgs), *Moodle estratégias pedagógicas e estudos de caso*. Salvador: UNEB. 2009. p. 35-54.

VEDELER, L. L'ê jeudanseducation dês jeunesenfentshandicapés. *Perspectives*, v. 16, n.4, p.531-543, 1986.

WALTHER-THOMAS, C., KORINEK, L. & MCLAUGHLIN, V. L. Collaboration to support student's success. *Focus on Exceptional Children*, v.32,n.3, p. 1-18, 1999.

WILLARD; SPACKMAN: *Terapia Ocupacional*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

ZANATA, E.M. *Práticas pedagógicas inclusivas para estudantes surdos uma perspectiva colaborativa*. 2005. 198 f. Tese (Doutorado em Educação Especial). Programa de Pós Graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2005.

6.0-APÊNDICES

APÊNDICE 1

Questionário de Caracterização dos Terapeutas ocupacionais

DADOS PESSOAIS

Nome:

Idade:

Sexo:

Cidade e estado no qual reside:

Endereço para contato:

Telefone para contato:

E-mail para contato.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Local onde realizou a graduação:

Ano de início e término:

Local e área de pós-graduação realizada:

Ano de início e término:

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Tempo e locais de atuação profissional na área escolar:

Local atual de atuação profissional:

CARACTERIZANDO O TERMO CONSULTORIA COLABORATIVA

Você já ouviu falar sobre o termo consultoria colaborativa? Em que local?

O que você acredita que o termo consultoria colaborativa significa?



**Programa em Consultoria Colaborativa no contexto escolar
para Terapeutas Ocupacionais**

Estudo de Caso.

Regiane é uma terapeutas ocupacionais de uma clínica em uma cidade do interior de São Paulo e recebeu o caso do estudante André, o qual tem enfrentado dificuldades de escolarização no ensino regular. Este caso foi encaminhado a profissional por meio da diretora da escola que solicitou a sua ajuda para assessorar a professora Carla.

O principal problema é que essa professora não consegue ministrar as mesmas atividades para todos os estudantes e também não mantém o estudante em sala de aula por mais de 30 minutos. Essa dificuldade da professora Carla junto a André tem prejudicado o desenvolvimento da sala como um todo.

É o primeiro ano que a professora Carla recebe um estudante com este perfil, portanto não tem experiência para enfrentar esse tipo de situação. André está apenas a 2 meses matriculado na pré-escola dessa escola. No entanto não consegue acompanhar seus colegas de sala porque apresenta os seguintes problemas escolares: dificuldades no processamento cognitivo, problemas na coordenação motora fina, fala pouco compreensível e ainda possui a socialização e comportamento inadequados diante das demandas escolares.

A partir da leitura do histórico escolar encontraram-se alguns dados importantes sobre André. Foi identificado que o estudante nasceu prematuro e apresentou atraso para andar e falar. Ainda a criança tinha esse mesmo comportamento na escola em que estava matriculada no ano anterior, a mãe buscava seu filho todos os dias na diretoria da escola.

O estudante já frequentou um neurologista, mas ainda não tem um diagnóstico clínico fechado. Sua mãe Tatiana enfrentou problemas de depressão que tiveram início após o nascimento da criança devido a episódios de abuso sexual feito pelo marido em decorrência ao uso abusivo de álcool. Mas atualmente não encontra-se mais casada com o pai de André. Dessa forma o estudante passa o dia todo na escola, pois Tatiana precisa trabalhar para manter a casa.

Terapeutas ocupacionais XXXX

Antes de darmos início ao nosso programa vocês responderam a um questionário referente esse estudo de caso. Suas respostas iniciais estão digitadas em itálico ao esquerdo da página (RESPOSTA ANTERIOR)

Baseado em tudo que foi abordado durante o nosso programa solicitamos que você leia sua resposta e se sentir necessidade complemente, modifique a no espaço situado ao lado da resposta. (RESPOSTA REFORMULADA) Caso não sinta a necessidade de completar ou alterar a resposta anterior você deve deixar os espaços em branco.

1) Regiane está com dúvida em qual local desenvolveria suas ações, ficou imaginando que poderia ser em sua própria clínica em um horário acessível, refletiu também sobre a possibilidade de realizar suas ações em uma sala desativada na escola, outra possibilidade poderia ser a sala destinada ao atendimento educacional especializado e por fim pensou na sala de aula que o estudante está inserido. Considerando a sua experiência como terapeuta que atua na área escolar qual local você acharia mais adequado para realizar as intervenções?

Resposta Anterior

Resposta Reformulada

2) Regiane tem uma vasta experiência na atuação na área clínica junto a estudantes com dificuldades de aprendizagem. No entanto como já tem algumas informações sobre o caso, ela está se perguntando de que forma ela poderia começar a realizar suas ações?

Resposta Anterior

Resposta Reformulada

3) Como a Terapeutas ocupacionais já possui várias informações sobre o estudante André por meio da situação exposta pela diretora da escola, ela está refletindo qual é a melhor maneira de realizar o processo avaliativo. Se você fosse a terapeutas ocupacionais de que forma a faria? Descreva apenas as ações que realizaria.

Resposta Anterior

Resposta Reformulada

4) Após refletir sobre as etapas anteriores Regiane precisa definir o que fazer para ajudar a professora Carla no caso do André. Ajude-a descobrir quais são as tomadas de ações necessárias para que essa assessoria ocorra da melhor forma possível.

Resposta Anterior

Resposta Reformulada

APÊNDICE 3

Relatório Final referente ao módulo “A prática de consultoria colaborativa no contexto escolar”



Para responder esse relatório é necessário retomar alguns conceitos trabalhados durante a parte teórica do curso. Agora é o momento de articularmos o conhecimento de vocês sobre consultoria colaborativa e o processo prático por meio do desenvolvimento da parceria.

Desde já gostaria de agradecer imensamente a participação de todos, além de todo empenho e dedicação durante o desenvolvimento desse programa.

Nome _____ **do**
estudante: _____

Nome do professor: _____

Iniciais _____ **do** _____ **estudante** _____ **alvo** _____ **da**
intervenção: _____

1. Quais foram os princípios da consultoria colaborativa que você conseguiu exercer durante o desenvolvimento da parceria colaborativa com o professor. Explique como conseguiu trabalhá-los.
2. Os consultores colaborativos devem ser hábeis no encorajamento dos profissionais da escola e dos pais para desenvolver planos e ações interventivas que façam sentido no contexto de suas salas e casas. De que conceito importante sobre a consultoria colaborativa estamos nos referindo? Você conseguiu exercê-lo durante o desenvolvimento da parceria junto ao professor?
3. As habilidades comunicativas permeiam o processo de desenvolvimento da consultoria colaborativa. Dentre as estratégias utilizadas temos os cuidados com a linguagem corporal, escuta ativa, assertividade, empatia e o cuidado ao fazer as perguntas (as quais podem ser realizadas de forma direta, indireta, abertas e fechadas). Descreva os momentos em que conseguiu colocar em prática e quais as estratégias utilizadas para promover habilidades comunicativas no desenvolvimento da consultoria colaborativa

4. Vocês já sabem que para implementar a consultoria colaborativa temos etapas a serem seguidas. Para responder a essa pergunta vocês deverão caracterizar sucintamente todo desenvolvimento da consultoria colaborativa por meio dessas etapas de forma a descrever se conseguiram implementá-las e como foi o desenvolvimento delas. Elaborem um resumo de como foi o desenvolvimento da prática de consultoria de acordo com as informações descritas no diário de campo e correlacionam com a teoria.

5. Situe qual a natureza da relação da consultoria colaborativa desenvolvida por vocês e o modelo utilizado para o desenvolvimento das ações. Explique o porquê dessa escolha.

6. Dentre os papéis realizados pelos consultores quais deles você conseguiu desenvolver por meio da parceria colaborativa vivenciada por você? Descreva em quais situações e de que maneira conseguiu implementá-los.

7. Discuta e explique quais desses benefícios que você conseguiu alcançar por meio da parceria realizada com o professor?

8. Quais foram os principais desafios vivenciados por meio da consultoria colaborativa e porque você acredita que eles aconteceram durante a sua prática. Além disso, é importante ainda discutirem se existem outros desafios alcançados que poderiam citar além dos descritos na literatura?

9. Pugach e Jonhson (1989) perceberam que na literatura as relações de parceria descritas por meio da colaboração tinham uma perspectiva unilateral, caracterizando apenas a intervenção dos especialistas, sem necessariamente descrever o papel do professor. Portanto nesse momento vocês deverão discutir quais foram as ações do professor durante o desenvolvimento da parceria colaborativa a fim de caracterizar o papel dele na consultoria.

10. Descreva uma reflexão pessoal sobre a experiência pessoal vivenciada por meio da prática de consultoria colaborativa.



APÊNDICE 4

PROCOLO DE AVALIAÇÃO FINAL DO PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO EM CONSULTORIA COLABORATIVA NO CONTEXTO ESCOLAR

<p>1)O que você achou do Programa de Capacitação em Consultoria Colaborativa no contexto escolar?</p>
<p>2)Como você avalia o curso?</p> <p>Ótimo () Bom () Regular () Ruim ()]</p>
<p>3)Você sentiu dificuldades de participar do curso? Em caso afirmativo explique por quê?</p>
<p>4) Como você avalia a dinâmica do curso, os materiais didáticos e os recursos utilizados?</p> <p>Satisfatório () Parcialmente Satisfatório () Insatisfatório</p> <p>Descreva sobre suas sugestões e comentários</p>
<p>5)Como você avalia o desempenho do professor?</p>
<p>6) Você tem alguma sugestão para aprimorar o PROTOCO ?</p>

APÊNDICE 5

Roteiro Grupo focal.	
1	Após conhecerem os pressupostos da consultoria colaborativa por meio do programa, qual a opinião de vocês sobre a utilização desse modelo na prática em terapia ocupacional na área escolar?
2	Quais são os princípios que vocês consideram de fundamental importância para o desenvolvimento de parcerias colaborativas no contexto escolar?
3	Na opinião de vocês qual é o princípio mais difícil de ser alcançado ao desenvolver ações colaborativas na escola.
4	O que vocês acharam sobre a vivência prática da consultoria colaborativa durante o desenvolvimento da prática por meio do programa? Comente sobre sua experiência.
5	A teoria apresentada durante o desenvolvimento do programa e a realização das tarefas preparou vocês para ação prática?
6	Após a finalização do programa e o conhecimento do modelo de consultoria colaborativa suas ações profissionais na escola tiveram alguma mudança?

7-ANEXOS

ANEXO 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS
Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676
CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil
Fones: (016) 3351-8028 Fax (016) 3351-8025 Telex 162369 - SCUF - BR
cephumanos@power.ufscar.br <http://www.propq.ufscar.br>

Parecer Nº. 380/2011

Título do projeto: AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA EM CONSULTORIA COLABORATIVA NA ESCOLA PARA TERAPEUTAS OCUPACIONAIS.

Área de conhecimento: 7.00 - Ciências Humanas / 7.08 - Educação

Pesquisador Responsável: CAROLINE PENTEADO DE ASSIS

Orientador: CLAUDIA MARIA SIMOES MARTINEZ

CAAE: 0061.0.135.000-11

Processo número: 23112.001151/2011-38

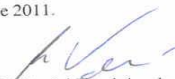
Grupo: III

Conclusão

As pendências apontadas no Parecer nº. 264/2011 foram satisfatoriamente resolvidas. **Projeto aprovado.** Atende as exigências contidas na Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde.

Normas a serem seguidas

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).
- O sujeito de pesquisa ou seu representante, quando for o caso, deverá rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE– apondo sua assinatura na última página do referido Termo.
- O pesquisador responsável deverá da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE– apondo sua assinatura na última página do referido Termo.
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item III.2.e).
- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente dentro de 1 (um) ano a partir desta dada e ao término do estudo.
São Carlos, 24 de outubro de 2011.


Prof. Dr. Daniel Vendruscolo
Coordenador do CEP/UFSCar